



ano VII . especial 2

TRANS

FAID

ÉLLE DE BERNARDINI | AVAF | BELLA TOZINI | CLAUDE CAHUN

TRANS FALO é uma edição especial da FALO®.
ISSN 2675-018X
versão 30.10.25

editor-chefe: Filipe Chagas
edição, redação e design: Filipe Chagas
co-edição deste especial: Marcos Rossetton
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton.
site: Pedro Muraki

capa: *Explosão*, ilustração digital de Theodoor Grimes, 2025.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (*falonart@gmail.com*) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a representação da masculinidade (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos (cis/trans), incluindo imagens de genitais. Consulte com precaução caso sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com* e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com*.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55

Sumário

8	ÉLLE DE BERNARDINI
22	AVAF
38	BELLA TOZINI
46	TRANSFALO DE HISTÓRIA HISTORY Claude Cahun
64	MÚSICA MUSIC <i>Power Trans na cena musical</i>
78	MÚSICA MUSIC <i>Quem tem medo de Xica Manicongo?</i>
80	MODA FASHION <i>Passarela transvestigênere</i>
98	ARTIGO ARTICLE <i>Por que artistas cis representam corpos trans?</i>
122	CRÔNICA TRANSFÁLICA <i>Gênero Indetectável</i>
130	TRANS GALERIA GALLERY
153	moNUmento TRANS

Durante a produção da TransFalo em 2024, já havia ficado claro que não seria somente uma única edição especial. A quantidade de artistas e material pesquisado indicava que o projeto precisaria de uma continuação. Seguindo o padrão de qualidade estabelecido – inclusive no convite de nomes relevantes do meio trans –, decidimos ampliar a busca e encontramos dois pontos nevrálgicos: a presença de artistas cis na criação de imagens trans e o corpo e a sexualidade sendo discutidos ou por formas não figurativas claras ou somente por palavras e sons. Com isso, a nudez essencial à revista foi reavaliada.

A vulnerabilidade que um corpo nu revela dentro de um CIS-tema é diferente quando abordamos corpos ditos dissidentes. Muitas vezes, o existir em si já é estar completamente desnudado. Cantar para multidões, despontar em programas de TV, tornar-se referência nacional e internacional, ganhar prêmios independente de fatores de gênero ou sexualidade ou mesmo poder amamentar sendo um homem trans... são conquistas que vão muito além da materialidade e acabam por construir novas subjetividades e abrir novos caminhos em toda a sociedade. Podemos, por exemplo, articular o fato de uma pessoa trans ser condecorada na Academia Brasileira de Letras com uma escola de samba levar para o grande Carnaval do Rio de Janeiro um desfile que fala sobre a ancestralidade trans no país.

É desse lugar de memória que fomos investigar não só a produção contemporânea, mas também a do passado, comprovando que questões de identidade de gênero sempre estiveram entre nós. A coluna *Falo de História* das edições bimestrais chega trazendo não só uma produção artística, mas toda uma luta de resistência e sobrevivência ao machismo e ao fascismo.

Mas isso não significa que a nudez está aqui velada. Ela se encontra expandida. Também das edições tradicionais, chega a seção *moNUmento*, onde um leitor ou seguidor se apresenta completamente nu. Enquanto isso, a Galeria abre suas fronteiras e encontra produções estrangeiras que trazem semelhanças em suas diferenças. Contudo, a nudez aparece em destaque quando o artista cis e isso foi problematizado: depoimentos e imagens foram coletadas e, em seguida, enviadas para uma análise crítica de um profissional trans.

Concluo afirmando que descobrimos mais possibilidades, mais artistas, mais material e que a ideia é manter esse espaço – bem como toda a *Falo* em si – como um lugar seguro para o desnudamento trans e cis em suas diversas modalidades. Mas, para isso, lembre-se: primeiro você precisa se desnudar dos seus pré-conceitos. TRANSforme-se com a gente!



Cock & Bull, díptico em acrílica sobre madeira, de Caio Borges, 2016.

During the production of *TransFalo* in 2024, it had already become clear that this would not be a single special issue. The number of artists and material researched indicated that the project needed a continuation. Following the established quality standard – including the invitation of relevant figures from the trans community – we decided to broaden the search and found two crucial points: the presence of cis artists creating trans images, and the discussion of the body and sexuality either through clearly non-figurative forms or solely through words and sounds. As a result, the nudity essential to the magazine was reevaluated.

The vulnerability that a nude body reveals within a CIS-tem is different when we address so-called dissident bodies. Often, existence itself is already completely naked. Singing to crowds, appearing on TV shows, becoming a national and international figure, winning awards regardless of gender or sexuality, or even being able to breastfeed as a trans man... These are achievements that go far beyond materiality and ultimately construct new subjectivities and open new paths throughout society. We can, for example, articulate the fact that a trans person is honored by the Brazilian Academy of Letters with a samba school bringing a parade to Rio de Janeiro's grand Carnival that speaks to trans ancestry in the country.

It is from this place of memory that we investigated not only contemporary production but also that of the past, proving that issues of gender identity have always been with us. The “*Falo History*” column in the bimonthly editions brings not only artistic production, but also an entire struggle of resistance and survival against machismo and fascism.

But this doesn't mean that nudity is veiled here. It is expanded. Also from the traditional editions, comes the “*moNUment*” section, where a reader or follower presents themselves completely nude. Meanwhile, the Gallery opens its borders and discovers foreign productions that share similarities in their differences. However, nudity is highlighted by the cis artist, and this was problematized: testimonies and images were collected and then sent for critical analysis by a trans professional.

I conclude by stating that we discovered more possibilities, more artists, more material, and that the idea is to maintain this space – as well as the entire *Falo* itself – as a safe place for trans and cis nudity in its various forms. But to do so, remember: first, you need to shed your preconceptions. TRANSform with us!

Apresentamos aqui uma continuidade de um trabalho para a Falo Magazine, iniciado em 2024 como uma edição especial sobre corpos dissidentes, em seu título *TransFalo*, em busca de dar espaço, notoriedade, visibilidade e evidência ao que já sabemos: a qualidade técnica, artística, criativa, transgressora e crítica, por meio do talento de pessoas-artistas transmasculinos, transfemininas, travestis, não-binários, corpos dissidentes, todes, enfim, dentro do guarda-chuva da diversidade e da comunidade Transvestigêneres. Com o sucesso da edição, percebemos que outro especial era necessário e aqui está!

Dito isso, no momento em que me foi oferecido – e aceito – o posto de co-editor, absorvi uma responsabilidade constante nessa materialidade. Vejo meu papel com a função de garimpar obras, destacar a qualidade criativa e disruptiva de talentos – muitas vezes sem evidência e abertura nos espaços de arte, físico ou digitais –, e mesmo endossar os artistas que já são reconhecidos pelo público. Tenho o intuito de propor pautas e matérias que agreguem valor e se destaquem na revista ao explorar diversas linguagens artísticas. Quero destacar a fala de artistas trans somando, inovando e explorando narrativas sobre qualquer assunto e linguagem que fale de arte, sem restringir as abordagens somente sobre sua transgeneridade, com falas enclausuradas na própria existência, nas limitações identitárias em que nos colocam.

O Corpo, a Sexualidade e a Nudez são os pilares, o norte e a essência deste projeto independente, chamado Falo Magazine a mais de sete anos. E essas pautas estão aqui de forma a naturalizá-las, sem preconceito sobre o corpo dito dissidente, sem normas e regras, sem necessidade de passabilidades, respeitando e naturalizando a beleza não-cis-heteronormativa, na tentativa de quebrar os paradigmas, assim como reduzir o mundo de excluidências que surge a partir de uma cultura conservadora social e religiosa assola o Brasil atual.

Enfim, fazemos o que podemos. Unindo forças e uma rede de contatos de forma colaborativa, conseguimos à nossa maneira, mas fazemos! Materializamos ideias e construímos de forma coletiva. É sobre isso.

Boa leitura!



Bandeira exclusiva produzida por Christian Pentagna (do Estúdio Papelaria) em parceria com a artista Marina Mathey para seu álbum *Boneca Pau Brasil* (2022).

We present here a continuation of a project for Falo Magazine, begun in 2024 as a special issue on dissident bodies, titled *TransFalo*, seeking to give space, notoriety, visibility, and evidence to what we already know: the technical, artistic, creative, transgressive, and critical quality, through the talent of transmasculine, transfeminine, transvestite, nonbinary, dissident bodies—all—under the umbrella of diversity and the Transvestigener community. With the success of this issue, we realized another special issue was necessary, and here it is!

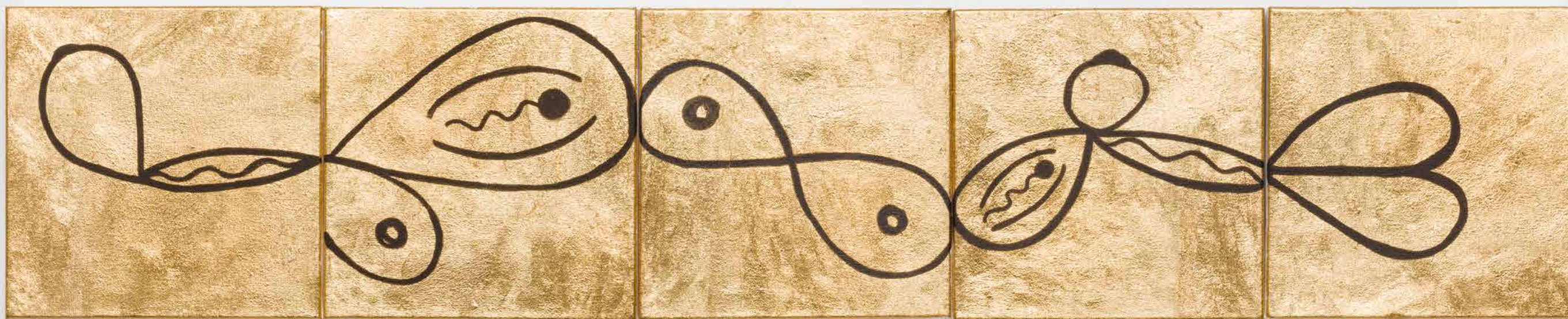
That said, from the moment I was offered – and accepted – the position of co-editor, I took on a constant responsibility in this materiality. I see my role as scouting works, highlighting the creative and disruptive quality of talent – often lacking emphasis and openness in art spaces, whether physical or digital – and even endorsing artists who are already recognized by the public. I aim to propose topics and articles that add value and stand out in the magazine by exploring diverse artistic languages. I want to highlight the work of trans artists, innovating, and exploring narratives on any subject and language that addresses art, without restricting their approaches to their transgender identity alone, with discourses confined to their own existence, within the identity limitations they place us in.

The Body, Sexuality, and Nudity are the pillars, the guiding principle, and the essence of this independent project called Falo Magazine for over seven years. And these topics are here to normalize them, without prejudice against the so-called dissident body, without norms and rules, without the need for passability, respecting and naturalizing non-cis-heteronormative beauty, in an attempt to break paradigms and reduce the world of exclusions that arise from the current conservative social and religious culture that plagues Brazil.

In short, we do what we can. By joining forces and building a collaborative network, we achieve our goals in our own way, but we do it! We bring ideas to life and build collectively. That's what it's all about.

Enjoy reading!

Élle de Bernardini



DNA I, ouro e acrílica sobre tela, políptico
da série *Formas Contrassexuais*, 2019.
DNA I, gold and acrylic on canvas, polyptych
from the *Contrasexual Forms* series, 2019.

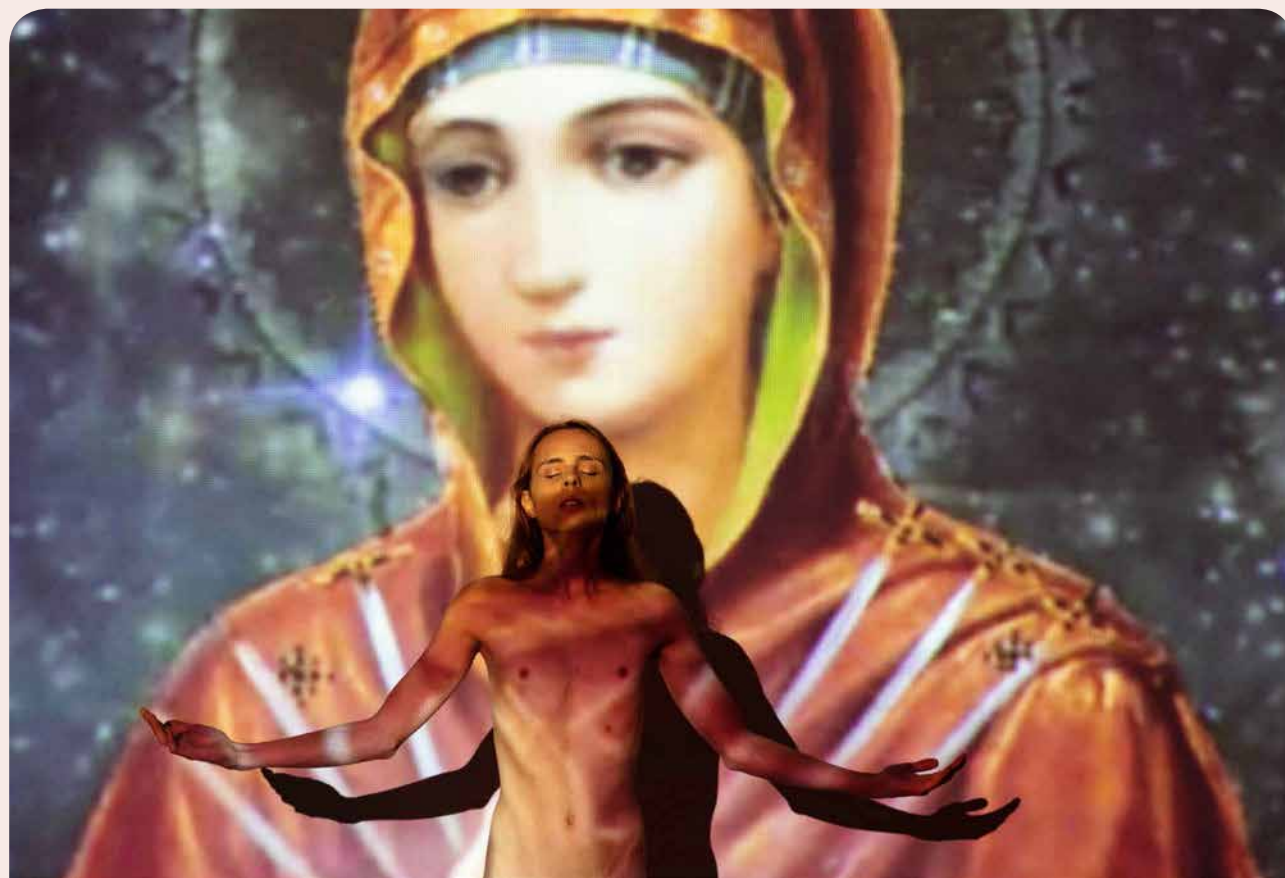
Completei 10 anos de carreira profissional no campo das artes visuais em 2025, mas nem todo mundo sabe que minha formação é em ballet clássico e ainda fiz três graduações que não concluí (Jornalismo, Teatro e Filosofia). Acabei vindo parar nas artes plásticas por acaso! Gosto de pensar que frustrações e limitações me levaram a ser artista.

Como bailarina clássica e mulher trans, eu era impedida de avançar para os cargos de solista ou segunda ou primeira bailarina. Logo no começo de meus estudos, me foi dito que eu permaneceria sempre “disfarçada” no corpo de baile, mesmo quando me tornei a primeira bailarina trans mulher aceita na classe feminina do Royal Ballet de Londres.

Em 2012, sem perspectivas de crescimento, conheci o butoh de Tadashi Endo e Yoshito Ohno. Estudei com ambos essa dança oriental não coreografada que surgiu como herança das bombas atômicas deixadas nos corpos e na paisagem e que entende o corpo para além do gênero e das identidades. Permiti explorar meu próprio corpo por meio de movimentos que somente eu criava e controlava, oposto do que aprendi no ballet clássico. Senti que estava entrando no mundo da criação e minhas performances de butoh foram, aos poucos, se tornando instalações performáticas.



Acima, fotografia *Genital Panic II – Para Valie Export*, de 2015, e, abaixo, registro da performance *Apesar das ruínas e da morte*, de 2019.
Above, photograph *Genital Panic II – For Valie Export*, from 2015, and, below, image of the performance *Despite the ruins and death*, from 2019.



Registros da performance *Dance with me*, de 2018-2019, na Pinacoteca de São Paulo.
Images of the performance Dance with me, from 2018-2019, at Pinacoteca de São Paulo.



Fiz minha primeira exposição individual em um Museu em 2014. Devido aos 50 anos do golpe civil e militar brasileiro, comecei a criar performances que falavam sobre violência e história. Fui me interessando por cruzar os temas da violência e da história com às questões de gênero e história da sexualidade. Passei a buscar os suportes para expressar minhas ideias, fossem através da pintura tradicional, da escultura, da dança ou de vídeos. As obras foram – e continuam – surgindo de uma maneira muito orgânica, encadeada por um fio condutor que perpassa tudo desde o começo.

Não costumo trabalhar com experimentação pura no ateliê. Meu processo criativo envolve leitura, investigação e contemplação de ideias que formulo no papel antes de ir para o trabalho manual. Desenho os projetos, escolho os materiais, os suportes, e só então executo no ateliê. O modo como penso meu trabalho é mais parecido com o fazer filosófico do que artístico propriamente dito: me ateno a problemas, questionamentos, indagações.



Acima, *Peludinho 5*, (pele sintética e folha de ouro sobre tela, 2019) e *Pendente 1* (manta reciclada, feltro, borracha e prego sobre tela, da série *Formas Contrassexuais*, 2019).

Above, Furry 5 (synthetic fur and gold leaf on canvas, 2019) and *Pendant 1* (recycled blanket, felt, rubber and nail on canvas, from the *Contrasexual Forms* series, 2019).

Ao lado, *Sem título* (acrílica, folha de ouro, borracha e prego sobre tela, da série *Formas Contrassexuais*, 2019). *Beside, Untitled* (acrylic, gold leaf, rubber and nail on canvas, from the *Contrasexual Forms* series, 2019).

Abaixo, *Anomalia 0* (acrílica, folhas de prata, feltro e alfinete sobre tela, da série *Formas Contrassexuais*, 2023). *Below, Anomaly 0* (acrylic, silver leaf, felt and pin on canvas, from the *Contrasexual Forms* series, 2023).



Faça você mesmo (2023), obra ativável pelo público com giz branco sobre parede preta, vídeo instrução em tela de iPad e placa de latão com inscrição. *Do It Yourself* (2023), a work that can be activated by the public using white chalk on a black wall, video instructions on an iPad screen, and a brass plaque with an inscription.

Uma de minhas maiores preocupações é o corpo humano. Quais os critérios são necessários para um corpo ser considerado masculino ou feminino? Questões como esta me motivam a pesquisar e criar. Meu interesse como artista é desmistificar a ideia de que o corpo possui apenas dois gêneros e dois sexos. Proponho pensarmos o corpo de modo expandido, como se cada ser humano não fosse e não precisasse ser homem ou mulher, e sim, antes de tudo, um ser dotado de potencialidades que o afirmam enquanto sujeito e o diferencia uns dos outros.

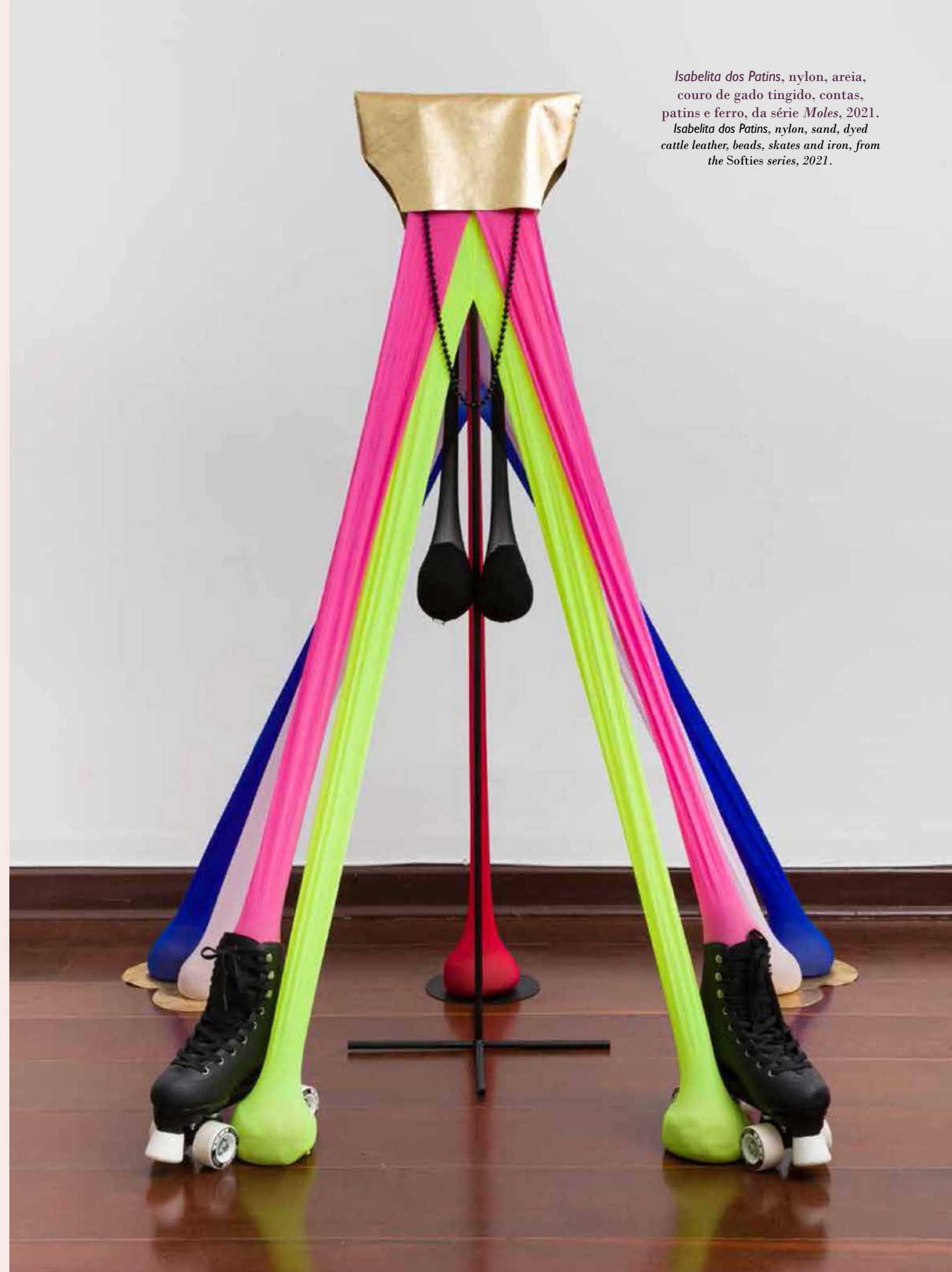
Com isso me interessa refletir sobre as zonas erógenas – pênis, escroto, ânus, vagina e seio – que foram responsabilizadas pela identificação dos gêneros. Meu trabalho no campo da pintura e escultura tem sido um resultado da multiplicação e combinação dessas partes em formas recortadas sobre diferentes tecidos e montadas em quadros ou suportes de metal. Gosto de misturá-las e repeti-las como um meio de alargar o pensamento para além do corpo encerrado em um único gênero apenas.

Como uma mulher trans eu penso que sou um exemplo do paradigma de um corpo que não atende nem uma norma e nem outra, um corpo que se encontra não na margem, mas no meio de uma coisa e outra, e mostra que ser humano é para além da binariedade socialmente e historicamente imposta. Pessoalmente eu tenho uma relação muito saudável com meu corpo e minha imagem. Como eu penso que não devemos reduzir o que somos a um gênero ou outro, eu entendo que conter partes masculinas e femininas é o esperado.

Just let it be, nylon, areia, feltro, silicone e sapato de verniz, da série Moles, 2019.
Just let it be, nylon, sand, felt, silicone and patent leather shoe, from the Softies series, 2019.



Isabelita dos Patins, nylon, areia, couro de gado tingido, contas, patins e ferro, da série Moles, 2021.
Isabelita dos Patins, nylon, sand, dyed cattle leather, beads, skates and iron, from the Softies series, 2021.





Todos os rosas possíveis e Todos os azuis possíveis, ambos da série Formas Contrassexuais, em acrílica e micanga sobre tela, 2019.
All the possible pinks and All the possible blues, both from the Contrassexual Forms series, in acrylic and beads on canvas, 2019.

A nudez em si aparece pouco em meu trabalho, mas o desnudamento está presente. Meu primeiro trabalho com nudez ocorreu no butoh em 2013, com a obra “Corpo à beira da crise”, apresentada na Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre. É comum no butoh os corpos aparecerem nus pintados de branco. Para a cultura oriental o corpo pintado de branco está mais nu do que se não estivesse pintado. O branco faz com que as artérias e veias do corpo se tornem visíveis como relevos na superfície da pele.

Com o avanço das pesquisas científicas, filosóficas e artísticas, creio que estamos caminhando para um futuro onde a ideia de corpo não será mais alicerçada na binariedade. Por mais que existam correntes conservadoras que fazem uso de um discurso materialista sobre o corpo, o futuro já está traçado. É fato que a compreensão sobre o humano – e, com isso, sobre o corpo humano – se alargou e se distendeu para além das fronteiras linguísticas.



Eu, por exemplo, não sinto resistência ao meu trabalho nem nos espaços tradicionais de arte. Eu sempre lancei mão de diferentes estratégias de hackeamento de poder para adentrar esses espaços de modo sadio, partindo do diálogo amistoso, e não do confronto. Na minha criação artística existe uma preocupação visível na escolha dos materiais e cores para que tudo possa contribuir para a aproximação do outro, como um convite ao diálogo. A reação do público com minha nudez também nunca foi um problema, ou até mesmo algum comentário digno de nota, até porque sempre fui fiel aos meus ideais. Um artista precisa perseguir um ideal, seja ele qual for. Acreditar nele e, aconteça o que acontecer, continuar. O mercado de arte tem apresentado um cenário cada vez mais tendencioso, muito parecido com a moda, onde cada ano um tema e uma técnica se destacam. O artista precisa estar concentrado e centrado naquilo que ele quer, independente das demandas do mercado.

Hoje acredito que encerrei um ciclo de debates centrados apenas no corpo e começo a expandir meus horizontes de pesquisa e olhar para outras esferas do ser humano. Tenho me preocupado atualmente em como as relações sociais têm se construído por meio da total interferência de um mundo digital, não materializado. Claro que tudo isso ainda envolve o corpo, mas agora não no plano de sua constituição física, mas sim, na relação espaço temporal com outros corpos.

Que venha a próxima década! <T>



Pornotopia, latex, acrílica, porcelana fria e ferro, da série Formas Contrassexuais, 2018-2021.

Pornotopia, latex, acrylic, cold porcelain and iron, from the Contrassexual Forms series, 2018-2021.

Ele é tão preto que é roxo, couro sintético, couro de gado tingido, vinil, silicone e acrílica sobre tela, da série Formas Contrassexuais, 2021.

He's so black he's purple, synthetic leather, dyed cattle leather, vinyl, silicone and acrylic on canvas, from the series Contrassexual Forms, 2021.



Élle de Bernardini

I completed 10 years of professional career in the visual arts in 2025, but not everyone knows that I trained in classical ballet and also completed three undergraduate degrees that I didn't complete (Journalism, Theater, and Philosophy). I ended up in the visual arts by chance! I like to think that frustrations and limitations led me to become an artist.

As a classical ballet dancer and a trans woman, I was prevented from advancing to soloist, second, or principal positions. Early in my studies, I was told that I would always remain “undercover” in the corps de ballet, even when I became the first trans woman accepted into the Royal Ballet of London's all-female class.

In 2012, with no prospects for advancement, I discovered the butoh of Tadashi Endo and Yoshito Ohno. I studied with both of them this unchoreographed oriental dance that emerged as a legacy of the atomic bombs left on bodies and the landscape, and which understands the body beyond gender and identity. It allowed me to explore my own body through movements that I alone created and controlled, the opposite of what I learned in classical ballet. I felt I was entering the world of creation, and my butoh performances gradually became performance installations.

I had my first solo exhibition at a museum in 2014. Due to the 50th anniversary of the Brazilian civil and military coup, I began creating

performances that addressed violence and history. I became interested in intersecting themes of violence and history with issues of gender and the history of sexuality. I began seeking media to express my ideas, whether through traditional painting, sculpture, dance, or video. The works began – and continue – to emerge in a very organic way, linked by a common thread that runs through everything from the beginning.

Vênus e Marte, impressão fine art em metacrilato, da série *A anunciação de Gabriel*.

Venus and Mars, fine art print on methacrylate, from the series *The Annunciation of Gabriel*.



Cuzinho preto, acrílica e pele sintética sobre tela, da série *Peludinhos*, 2020. Black little ass, acrylic and synthetic leather on canvas, from the series *Furries*, 2020.



I don't usually work with pure experimentation in the studio. My creative process involves reading, researching, and contemplating ideas I formulate on paper before moving on to crafting. I sketch the projects, choose the materials and supports, and only then execute them in the studio. The way I approach my work is more akin to philosophical practice than to artistic practice per se: I focus on problems, questions, and inquiries.

One of my greatest concerns is the human body. What criteria are necessary for a body to be considered male or female? Questions like these motivate me to research and create. My interest as an artist is to demystify the idea that the body has only two genders and two sexes. I propose that we think of the body in an expanded way, as if each human being were not and did not need to be male or female, but rather, above all, a being endowed with potentialities that affirm them as subjects and differentiate them from one another.

With this in mind, I'm interested in reflecting on the erogenous zones – penis, scrotum, anus, vagina, and breast – that have been responsible for gender identification. My work in painting and sculpture has been a result of multiplying and combining these parts into shapes cut from different fabrics and mounted on frames or metal supports. I enjoy mixing and repeating them as a means of expanding my thinking beyond the body confined to a single gender.

As a trans woman, I believe I exemplify the paradigm of a body that doesn't conform to one norm or another, a body that finds itself not on the margins, but in the middle, demonstrating that being human transcends the socially and historically imposed binary. Personally, I have a very healthy relationship with my body and my image. Since I believe we shouldn't reduce who we are to one gender or another, I understand that having both masculine and feminine components is expected.

Nudity itself appears rarely in my work, but denudation is present. My first work with nudity was in butoh in 2013, with the piece “Body on the brink of crisis,” presented at the Casa de Cultura Mario Quintana in Porto Alegre. It's common in butoh for bodies to appear naked painted white. In Eastern culture, a body painted white is more naked than if it weren't painted. White makes the body's arteries and veins visible as reliefs on the surface of the skin.



Dance with me, impressão fine art em metacrílico, diptico, 2018-2019. // Dance with me, fine art print on methacrylate, diptych, 2018-2019.



With the advancement of scientific, philosophical, and artistic research, I believe we are moving toward a future where the idea of the body will no longer be based on binarity. Although there are conservative movements that use a materialist discourse about the body, the future is already set. It is a fact that the understanding of the human – and, with it, the human body – has broadened and expanded beyond linguistic boundaries.

I, for example, don't feel any resistance to my work, not even in traditional art spaces. I've always used different power-hacking strategies to enter these spaces in a healthy way, starting with friendly dialogue rather than confrontation. In my artistic creation, there's a visible concern with the choice of materials and colors so that everything contributes to bringing others closer, as an invitation to dialogue. The public's reaction to my nudity has never been a problem, nor has it ever been a noteworthy comment, because I've always been true to my ideals. An artist needs to pursue an ideal, whatever it may be. Believe in it and, no matter what, continue. The art market has presented an increasingly biased scenario, much like fashion, where each year a different theme and technique emerge. The artist needs to be focused and centered on what they want, regardless of market demands.

Today I believe I've concluded a cycle of debates focused solely on the body and am beginning to expand my research horizons and look at other spheres of the human being. I've recently been concerned with how social relations have been constructed through the total interference of a digital, non-materialized world. Of course, all of this still involves the body, but now not at the level of its physical constitution, but rather in its spatiotemporal relationship with other bodies.

Bring on the next decade! <T>



avaf

Pai cearense, mãe catarinense, nascido carioca, morador paulistano e viajante do mundo. Eu desenhava desde criança e tive um pai que, além de ter me colocado em aulas de pintura, me incentivou a fazer quadrinhos e foi o primeiro a me chamar de “colorista”. Eu fazia desenhos nos cadernos das minhas amigas no colégio e isso, por sugestão de uma professora, virou aulas de 30 minutos para outros alunos no final da classe.

Surfando na grande onda do cocô, desenho em acetato, 2010.
Riding the big poop wave, acetate drawing, 2010.

Depois fui estudar Comunicação, a princípio Publicidade e Propaganda, mas enveredei para o Cinema logo depois do começo da faculdade. Queria dirigir filmes, só que me formei quando o governo acabou com a Embrafilme* e optei por fazer cursos de diversas artes. Entre eles, um curso de fotografia expandida com o artista Rubens Mano que se tornou um divisor de águas. Comecei a me dedicar à fotografia como expressão artística. Montei um laboratório em casa, fazia ampliações para mim e para outros, e me juntei a outros artistas (Mano, Fijocka Neto e Everton Ballardin) para criar o Panoramas de Imagem – meu primeiro coletivo –, onde organizávamos diferentes eventos e exposições dedicados à inserção da fotografia no contexto das artes plásticas. Meu trabalho era o autorretrato baseado em imagens de correio erótico de revistas pornô, que era por vezes ampliado em plotter e por outras virava cartão postal para ser distribuído nas exposições ou inserido clandestinamente em bancas de jornal em São Paulo.

* Empresa estatal criada em 1969 e extinta em 1990, atuando na produção, financiamento e distribuição do cinema brasileiro e sendo fundamental para a consolidação de uma indústria cinematográfica nacional.



Em 1997 comecei a dar aula de Fotografia na FAAP para alunos de artes visuais e ali percebi que nunca estamos sozinhos. Comecei a usar um pseudônimo pela primeira vez: Diamantino. No ano seguinte me mudei pra Nova York e me inscrevi num curso “full-time” de fotografia como pretexto de permanência. Ironicamente, comecei a me distanciar da fotografia. No verão de 2001, o **assume vivid astro focus** foi criado e desde então essa é a nossa manifestação artística primordial.



Acima, imagens da série *Private* (1996-1998) e, ao lado, cartões postais “falsos” da série *São Paulo Turística* (1998) que eram inseridos clandestinamente em bancas de revista. Above, images from the *Private* series (1996-1998) and, alongside, “fake” postcards from the *Touristic São Paulo* series (1998) that were clandestinely inserted into newsstands.

Sim, escrevemos a partir de agora na primeira pessoa do plural porque somos um coletivo multimídia expandido. O pseudônimo é parte fundamental no nosso processo de trabalhar “coletivamente”: todxs se tornam um sob “avaf”. Ser inclusivo é peça chave para a realização de nossas obras, onde o público é peça central. O intuito é a criação de um *Gesamtkunstwerk* (“obra total de arte”) onde o espectador se torna um com o trabalho de arte.



homocrap #1, instalação de múltiplas técnicas, parte de *Êxtase: Em e Sobre Estados Alterados*, realizada no Museu de Arte Contemporânea – The Geffen Contemporary (MoCA), em Los Angeles, entre 2005 e 2006. *homocrap #1*, a mixed-media installation, part of *Ecstasy: In and About Altered States*, held at the Museum of Contemporary Art – The Geffen Contemporary (MoCA), in Los Angeles, between 2005 and 2006.

A cor sempre teve papel fundamental e constante em nossos projetos, que podem assumir diferentes formas: performance, papel de parede, neon, tapeçarias dançantes, pintura, vídeo, escultura, rinque de patinação, máscaras, instalações, projetos de arte pública etc. Usamos a cor como linguagem universal com intenção de garantir a participação e entrega do espectador.

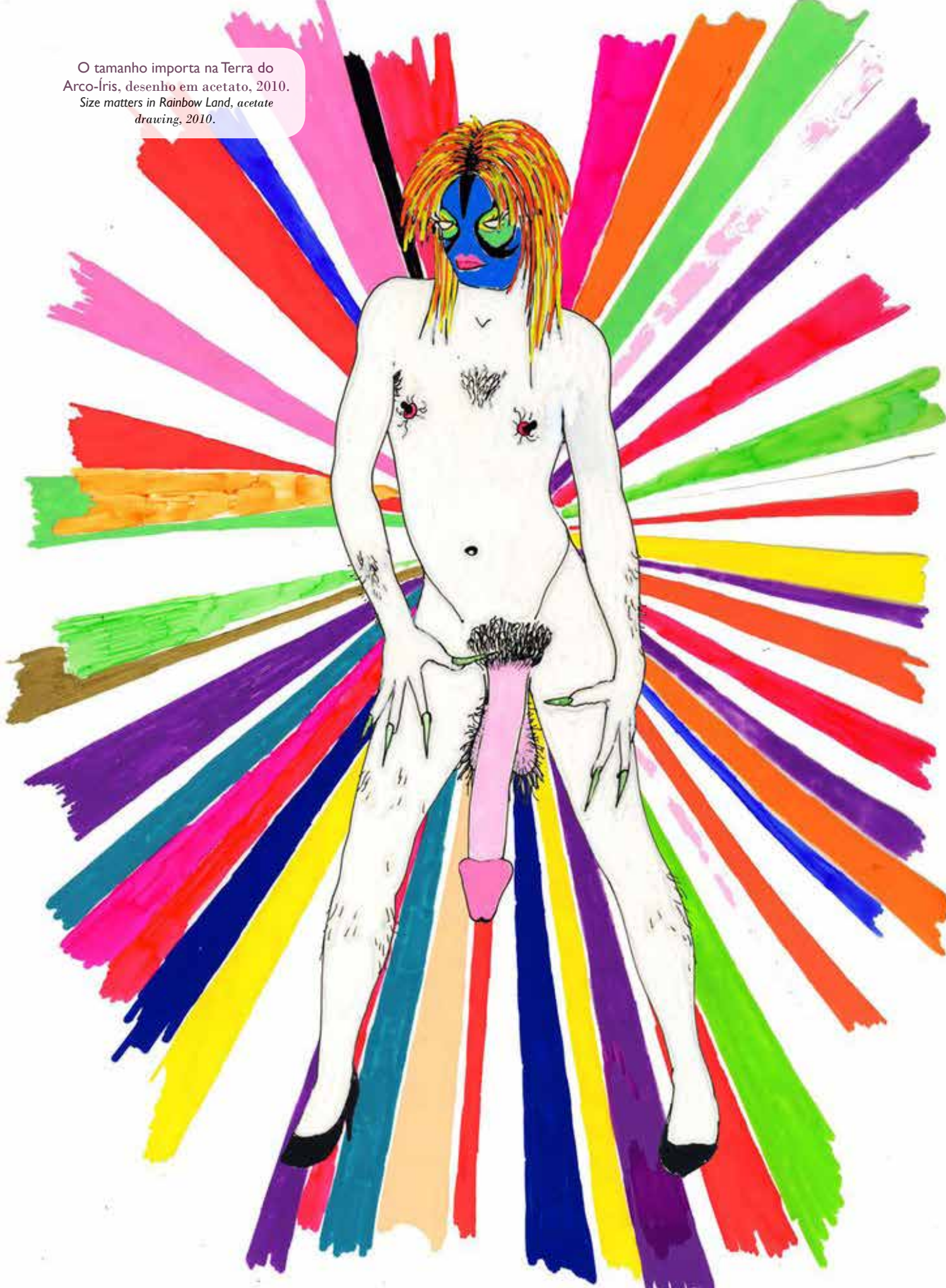


Acima, neons *Hoje você estará com fome, Virus antigo ataca francófonos, Artisticamente dedicado ao fogo, e Aos seus braços, francês*. Ao lado, desenho com marcador e tinta sobre papel em moldura. Essas obras foram expostas na Galerie Hussenot, em Paris, em 2010.

Above, neon signs Today You'll Be Hungry, Ancient Virus Attacks Francophones, Artistically Dedicated to Fire, and In Your Arms, French. Beside, a framed marker and ink drawing on paper. These works were exhibited at the Galerie Hussenot in Paris in 2010.

O tamanho importa na Terra do Arco-Íris, desenho em acetato, 2010.

Size matters in Rainbow Land, acetate drawing, 2010.





Acima, Monique, e, abaixo, Trans Sado Maso invertido com cortina de ouro e prata. Ambos desenhos em acetato, 2010.
Above, Monique, and below, Inverted Trans Sado Maso with gold and silver drape. Both drawings on acetate, 2010.

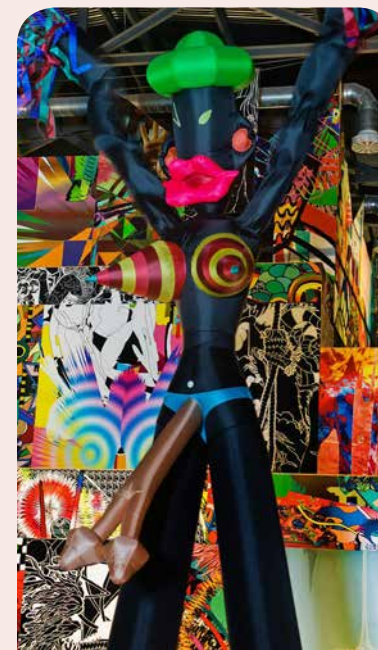


Nosso processo de criação se transforma de acordo com o projeto. Com relação às nossas pinturas, por exemplo, hoje em dia criamos nossa própria paleta com cores de intensidade saturada, cheias de luz e energia. Desenhamos as pinturas primeiramente no computador e procuramos replicar com a tinta acrílica e pigmentos, a intensidade dessa cor atravessada pela luz da tela do computador. Nossos projetos são sempre focados na experiência sensorial do espectador e usamos a cor não só para engajá-lo como também para energizá-lo. Essa intenção de energizar o espectador é também relacionada à intenção de fazê-lo consciente do que o lhe provém liberdade. Nossas instalações são invariavelmente espaços de liberdade, equidade e diversidade. Autoexpressão, prazer e alegria de viver são elementos que geralmente enfatizamos e estimulamos em nossos projetos. Prazer é autoconhecimento e, portanto, poder. A manifestação desses objetivos nos nossos trabalhos é também frequentemente determinada pelo espaço expositivo que nos é oferecido e pelo contexto. Questionamos intolerância e exclusivismo. Estimulamos generosidade e participação.

A nudez surgiu no nosso trabalho nos anos 1990, quando usava o meu próprio corpo como meio e linguagem para falar de um desejo universal. Claro que a nudez explícita foi censurada em algumas exposições sendo vista como mera pornografia e não como arte. As pessoas achavam que eu estava falando do meu desejo, mas, na verdade, usava o meu corpo para falar de todxs, para desafiar a forma como lidamos com as nossas sexualidades que se encontram conformadas a expectativas sociais. Isso me levou ao uso de pseudônimos e à decisão de trabalhar como um coletivo.



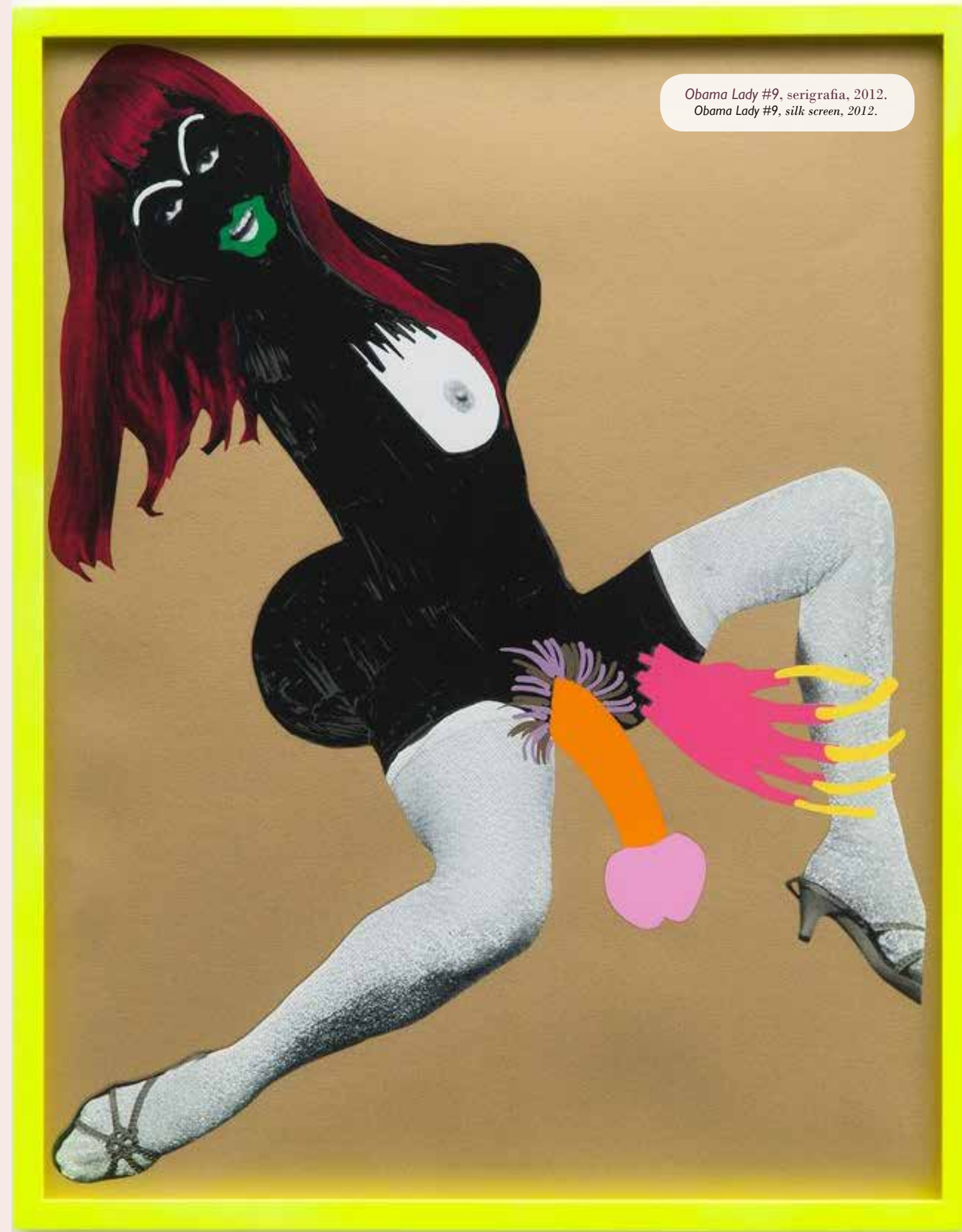
Instalação multimídia *Aqui vivemos avistando fantasmas*, realizada no Centro de Arte Contemporâneo de Murcia, na Espanha, em 2010.
Multimedia installation *Here we live glimpsing ghosts*, held at the Centro de Arte Contemporáneo de Murcia, Spain, in 2010.



Desde mais ou menos 2008, nosso interesse pela nudez está focado no corpo trans feminino “deusa-fálico”. Mulheres trans sempre fizeram parte dos nossos projetos como colaboradoras, divas, amigas. Desde o início usamos a figura da mulher trans como símbolo de transgressão, de questionamento do status quo, de desestabilização desse mundo cis-heteronormativo branco em que vivemos. São ícones máximos, em nossos trabalhos, de empoderamento das comunidades queer, bem como uma metáfora da nossa própria prática artística provocadora que contesta autoria, identidade, copyright, comportamento e ainda fala do desejo dissidente e da violência/preconceito contra ele. Relacionamos o “hiperfeminino” fálico a essa prática de perturbação. Nossas deusas trans são um desbunde libertário da sexualidade, da identidade e do corpo.



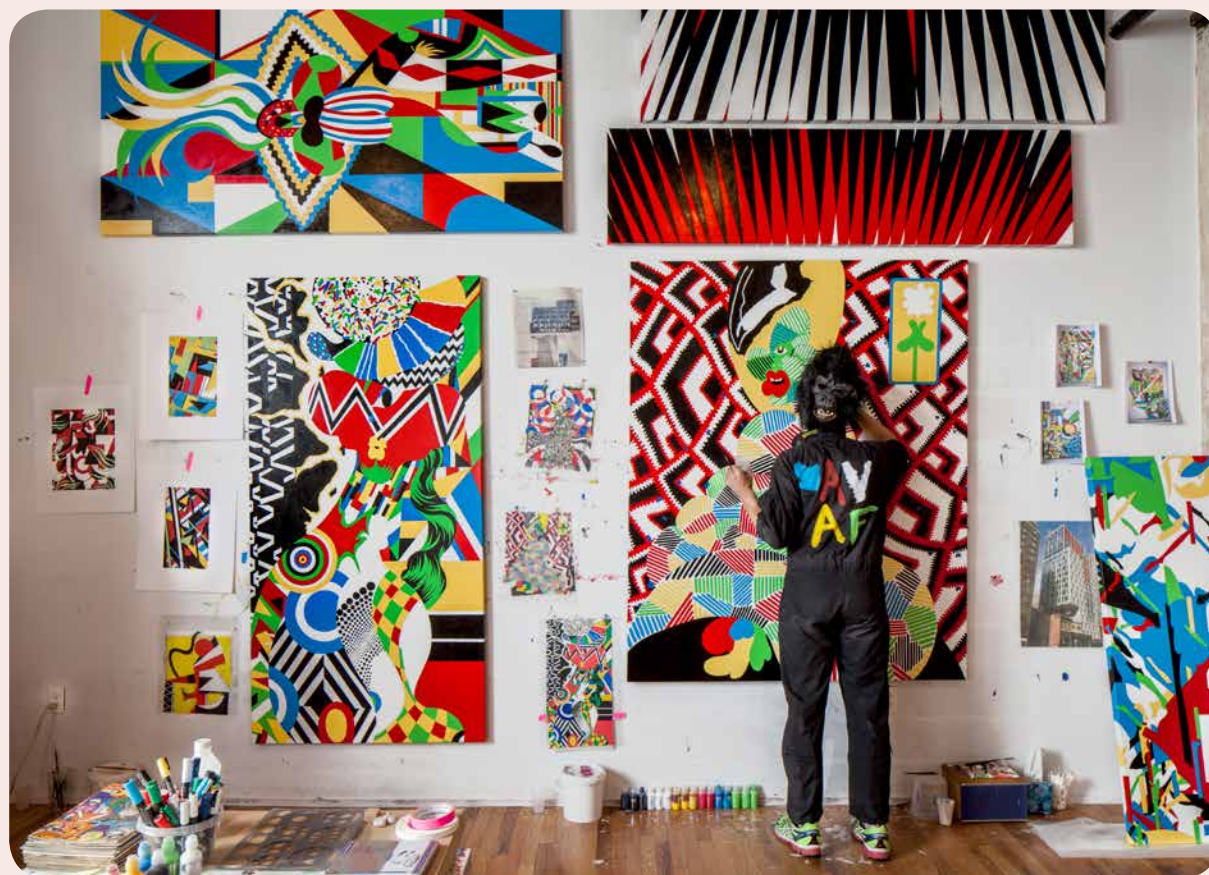
Série *Travas Ciclopes*, técnica mista, 2011: Aurore Technicolor #100, Marlene Splashy Entrance #90 e Shatavia Shanona #73.
Cyclops Dolls series, mixed media, 2011: Aurore Technicolor #100, Marlene Splashy Entrance #90 and Shatavia Shanona #73.



Obama Lady #9, serigrafia, 2012.
Obama Lady #9, silk screen, 2012.

Tudo que fazemos é queer. Nossa presença fluida se manifesta de diferentes formas em nosso múltiplo espectro de manifestações. Fico maravilhado com o reconhecimento que tantas artistas dissidentes estão recebendo hoje em dia dentro de um contexto de galerias e mercado de arte. Não acho que isso significa, entretanto, uma maior aceitação social. Continuamos a ser o país que mais mata pessoas queer no mundo. Infelizmente vivemos num contexto global de conservadorismo radical. Dentro do meio artístico percebemos uma maior aceitação, mas não acredito que essa aceitação se refira a trabalhos mais explícitos. Em geral, colecionadores e curadores têm dificuldade de lidar com esse tipo de temática, pior ainda com instituições públicas.

Nossa experiência é uma mistura de sensações nesse sentido. Há mais de 20 anos temos uma constância de exposições e projetos artísticos, mas sentimos falta de reconhecimento intelectual no Brasil. Percebemos um preconceito não só com a temática queer, mas também com as cores. Por exemplo, nossa retrospectiva de vídeos, papéis de parede e neons no SESC Paulista em 2023 foi recorde de público – quase 100 mil pessoas em três meses com famílias e crianças curtindo a exposição com material explícito. Por outro lado, nenhuma mídia escreveu sobre o projeto e despertou pouquíssimo interesse de curadores. Independente disso, continuaremos a buscar espaços que manifestem a nossa expressividade artística em nome da liberdade. <T>



avaf

My father was from Ceará, my mother was from Santa Catarina, I was born in Rio de Janeiro, now a resident of São Paulo, and a world traveler. I've been drawing since I was a child, and my father, besides enrolling me in painting classes, encouraged me to create comics and was the first to call me a "colorist." I used to draw in my friends' notebooks in school, and this, at the suggestion of a teacher, led to 30-minute lessons for other students at the end of the class.

I then went on to study Communications, initially in Advertising and Propaganda, but I switched to Film soon after starting college. I wanted to direct films, but I graduated when the government shut down Embrafilme, and I decided to take courses in various arts. Among them, an expanded photography course with the artist Rubens Mano, which became a turning point. I began to dedicate myself to photography as an artistic expression. I set up a laboratory at home, made developments for myself and others, and joined other artists (Mano, Fujocka Neto, and Everton Ballardin) to create Panoramas de Imagem – my first collective – where we organized various events and exhibitions dedicated to the inclusion of photography in the context of visual arts. My work consisted of self-portraits based on erotic mail images from porn magazines, which were sometimes enlarged on a plotter and other times turned into postcards to be distributed at exhibitions or secretly placed in newsstands in São Paulo.*

In 1997, I began teaching photography at FAAP (São Paulo) to visual arts students, and there I realized that we are never alone. I began using a pseudonym for the first time: Diamantino. The following year, I moved to New York and enrolled in a full-time photography course as a pretext for staying there. Ironically, I began to distance myself from photography. In the summer of 2001, assume vivid astro focus was created, and since then, it has been our primary artistic expression.

Almoço com unhas na relva, desenho em acetato, 2010.
Lunch with nails in the grass, acetate drawing, 2010.



Yes, from now on we write in the first-person plural because we are an expanded multimedia collective. The pseudonym is a fundamental part of our process of working "collectively": everyone becomes one under "avaf." Being inclusive is key to the realization of our works, where the audience is central. The aim is to create a Gesamtkunstwerk ("total work of art") where the viewer becomes one with the artwork.

Color has always played a fundamental and consistent role in our projects, which can take many forms: performance, wallpaper, neon, dance tapestries, painting, video, sculpture, skating rinks, masks, installations, public art projects, etc. We use color as a universal language with the intention of ensuring viewer participation and engagement.

Our creative process changes depending on the project. Regarding our paintings, for example, we now create our own palette with intensely saturated colors, full of light and energy. We first draw the paintings on the computer and try to replicate the intensity of this color as it shines through the light from the computer screen with acrylic paint and pigments. Our projects are always focused on the viewer's sensory experience, and we use color not only to engage them but also to energize them. This intention to energize the viewer is also related to the intention of making them aware of what freedom provides. Our installations are invariably spaces of freedom, equity, and diversity. Self-

expression, pleasure, and joy of life are elements we generally emphasize and encourage in our projects. Pleasure is self-knowledge and, therefore, power. The manifestation of these objectives in our work is also often determined by the exhibition space and the context. We question intolerance and exclusivity. We encourage generosity and participation.

Nudity emerged in our work in the 1990s, when I used my own body as a medium and language to speak of a universal desire. Of course, explicit nudity was censored in some exhibitions, being seen as mere pornography and not art. People thought I was talking about my desire, but in reality, I was using my body to speak about everyone, to challenge the way we deal with our sexualities, which are conformed to social expectations. This led me to use pseudonyms and the decision to work as a collective.

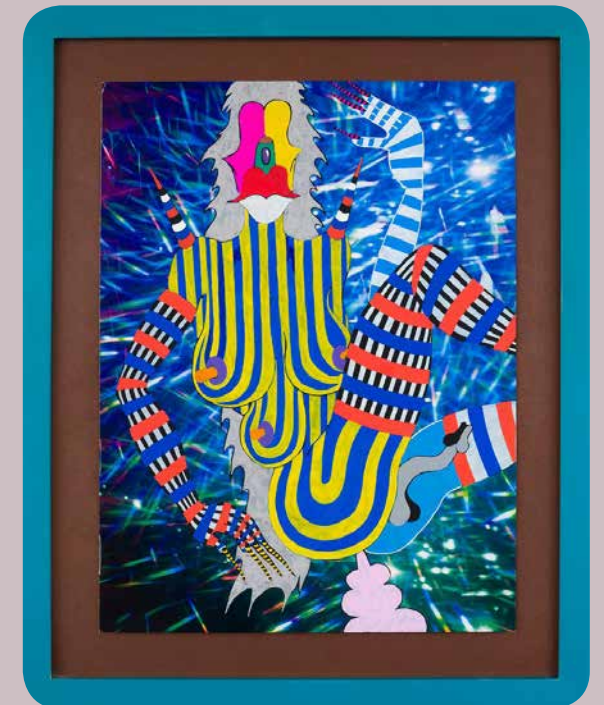
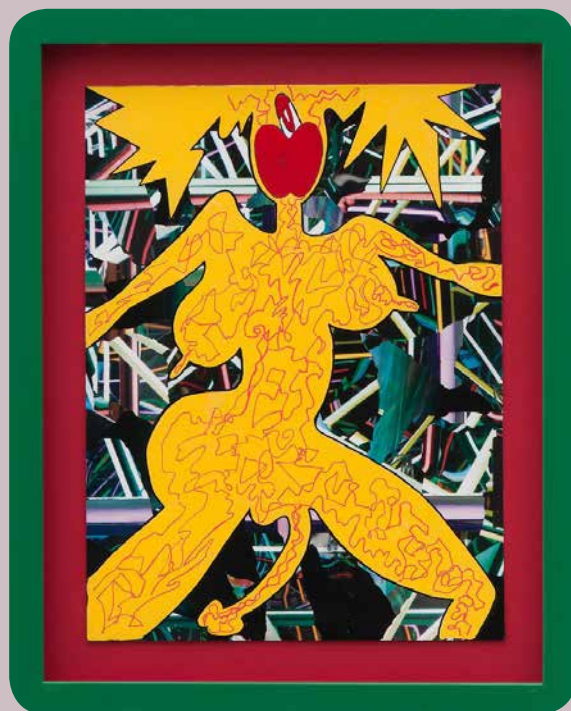
Since around 2008, our interest in nudity has focused on the “phallic-goddess” trans female body. Trans women have always been part of

our projects as collaborators, divas, and friends. From the beginning, we've used the figure of the trans woman as a symbol of transgression, of questioning the status quo, of destabilizing the white cis-heteronormative world we live in. In our work, they are the ultimate icons of empowerment for queer communities, as well as a metaphor for our own provocative artistic practice that challenges authorship, identity, copyright, and behavior, and also speaks to dissident desire and the violence/prejudice against it. We connect the phallic “hyperfeminine” to this practice of disturbance. Our trans goddesses are a liberating outburst of sexuality, identity, and the body.

Everything we do is queer. Our fluid presence manifests itself in different ways across our diverse spectrum of expressions. I'm amazed by the recognition so many dissident artists are receiving today within galleries and the art market. However, I don't think this translates to greater social acceptance. We continue to be the country that kills the most queer people in the

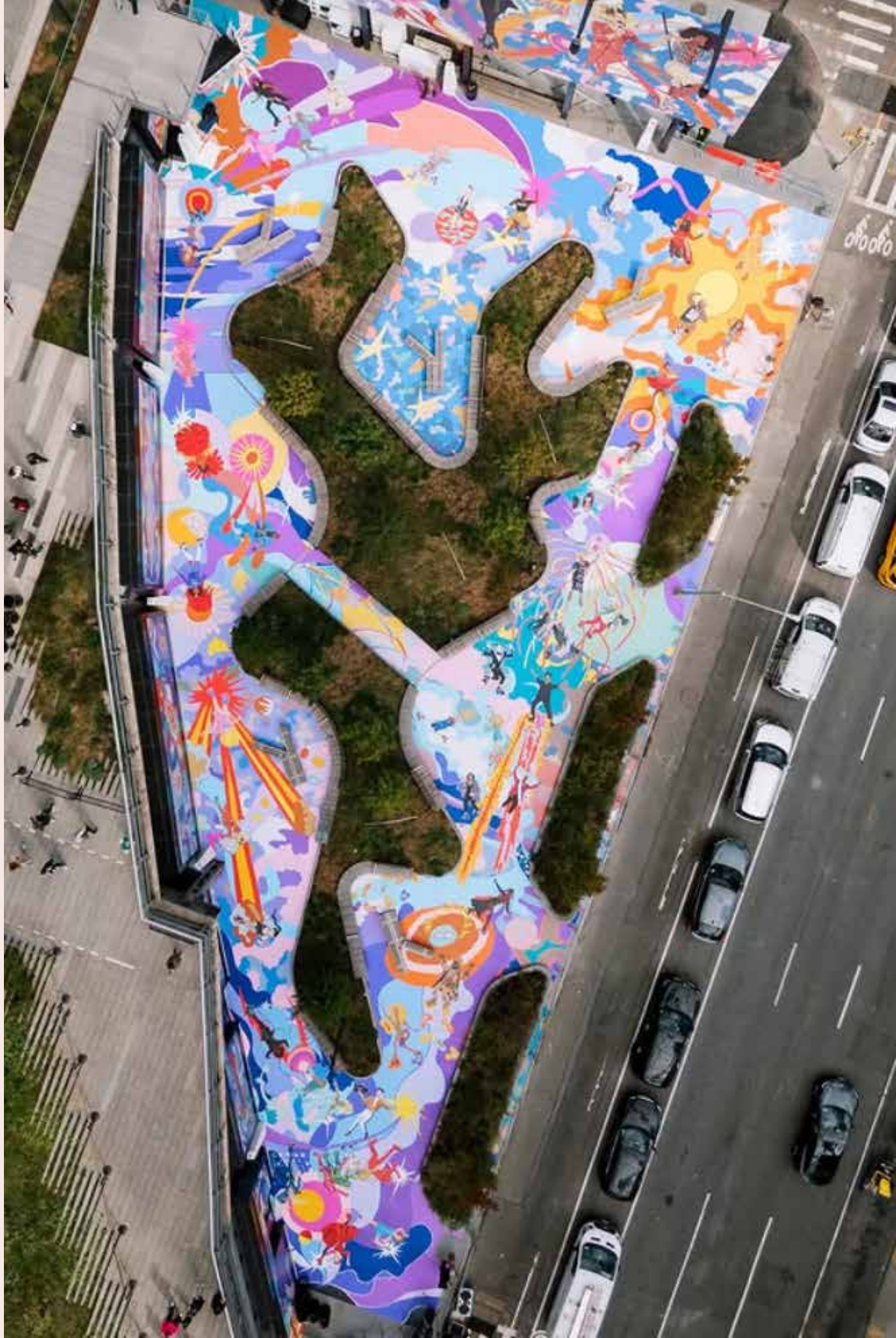
world. Unfortunately, we live in a global context of radical conservatism. Within the art world, we see greater acceptance, but I don't believe this acceptance applies to more explicit works. In general, collectors and curators have difficulty dealing with this type of issue, even more so with public institutions.

Our experience is mixed feelings. We've had a consistent line of exhibitions and artistic projects for over 20 years, but we feel a lack of intellectual recognition in Brazil. We've noticed a bias not only toward queer themes, but also toward colors. For example, our retrospective of videos, wallpapers, and neon signs at SESC Paulista in 2023 drew record attendance – nearly 100,000 people in three months, with families and children enjoying the exhibition featuring explicit material. On the other hand, no media outlets wrote about the project, and it generated very little interest from curators. Regardless, we will continue to seek spaces that express our artistic expression in the name of freedom. <T>



Ramagma de Soraidite #34 e Nicoletta Goronzola #76, série Travas Ciclopes, técnica mista, 2011.
Ramagma de Soraidite #34 and Nicoletta Goronzola #76, Cyclops Dolls series, mixed media, 2011.

Domonique Quraysha #103 e Pat Buena Fart #80, série Travas Ciclopes, técnica mista, 2011.
Domonique Quraysha #103 and Pat Buena Fart #80, Cyclops Dolls series, mixed media, 2011.



Projeto para pista de patinação pública em Nova York, destacando ícones LGBTQIA+, como Marsha P. Johnson, Sylvia Rivera, Willi Ninja, Kia Labeija, Venus Xtravaganza, Dominique Jackson, Ru Paul, Keith Haring e Amanda Lepore (2025).



Design for a public roller skating rink in New York City, highlighting LGBTQIA+ icons such as Marsha P. Johnson, Sylvia Rivera, Willi Ninja, Kia Labeija, Venus Xtravaganza, Dominique Jackson, Ru Paul, Keith Haring, and Amanda Lepore (2025).



Sou uma mulher trans negra que mora no país que mais mata travestis e LGBTs no mundo. As pessoas questionam meu corpo, questionam minha cor, minha sexualidade, minha identidade de gênero. Quando a gente sai de casa, a gente não sabe se vai voltar, não sabe se vai ser a última vez que você vai estar ali ocupando aquele espaço. Então, quando perguntada: “Qual é o seu maior sonho?”

O que você mais deseja para si mesmo?”, eu sempre respondo “Eu quero ter um futuro. Eu quero estar viva. Eu quero viver, quero dançar, cantar, beijar, me relacionar com as pessoas. Eu quero amar e quero ser amada. E meu maior sonho é viver.

Tiana Cauton, 2021.

I’m a Black trans woman living in the country that kills the most transvestites and LGBT people in the world. People question my body, my skin color, my sexuality, my gender identity. When we leave home, we don’t know if we’ll return, we don’t know if it will be the last time we’ll be there, occupying that space. So, when asked, “What is your biggest dream? What do you most desire for yourself?” I always answer, “I want to have a future. I want to be alive. I want to live, I want to dance, sing, kiss, connect with people. I want to love and be loved. And my biggest dream is to live.”

Bella Tozini

Em resumo, sou uma artista visual, produtora cultural, curadora e pesquisadora interdisciplinar que atua no interior paulista, utilizando fotografia, vídeo, instalação e design para criar projetos fotográficos, instalações, experiências interativas, publicações e obras audiovisuais. Meus trabalhos abordam questões de identidades, corpos, representações, diversidade e deslocamentos.

Minha formação é Cinema – com especialização na Polônia – e depois fiz meu mestrado em artes visuais. O cinema foi uma grande escola para entender a luz, o movimento e a narrativa, com forte influência do polonês Krzysztof Kieślowski e do canadense David Cronenberg. As artes visuais expandiram minha noção de corpo, espaço e materialidade, especialmente com o trabalho da cubana Ana Mendieta. A fotografia começou como um hobby na faculdade, onde conheci o trabalho de Laura Aguilar, Paz Errázuriz e Catherine Opie. Somente depois dos meus 30 anos entendi a fotografia como profissão e expressão artística, onde combino todos os meus conhecimentos em projetos autorais que passam por diversos suportes.

Tenho muitos caderninhos de anotação e rascunho porque minhas imagens nascem como texto e, às vezes, viram rabiscos antes de dar sequência às minhas pesquisas de referência. Durante a sessão fotográfica eu penso

bastante a relação do meu corpo no espaço e em oposição a pessoa que será retratada: geralmente fico na horizontal para imagens frontais. Gosto também da ideia de fotografar uma série sempre com o mesmo equipamento. É um exercício formal interessante, que a princípio pode parecer uma restrição, mas que gera bons desafios para o movimento do meu corpo no espaço.

No entanto, cada sessão fotográfica é um mistério. Tenho me conectado cada vez mais com minha intuição; para além das aparências tem alguma coisa que me diz que devo ouvir e retratar a história daquela pessoa. Chega um momento da carreira que a questão técnica já não é um obstáculo, então, o tempo do ato fotográfico fica preenchido com a construção

de vínculo, de sentido e de experiência. Quando consigo entrar nessa zona criativa é um fluxo maravilhoso e único, que eu tenho chamado de “deságue”.

A criação de um retrato fotográfico, tem muito de escuta e não só de olhar. Vou conhecendo as pessoas na vida e acredito no acaso dos encontros. Apesar de eu retratar outras pessoas, estou sempre falando de mim. De uma certa maneira suas histórias e seus corpos me atravessam pessoalmente, ainda mais se forem corpos com expressões dissidentes.

Gosto dos corpos rasurados, tatuados, em trânsito, com dobras e marcas. O rosto das pessoas é uma imensidão maravilhosa! Tenho buscado fotografar pessoas com expressões



Nesses 4/5 anos de transição, construí respeito por mim e pelo meu corpo antes de tudo. Não quero mais almejar um corpo cisgênero para poder ser homem e ter reconhecimento social. Quando eu era criança tive outros ensinamentos, me deram outros brinquedos, fui a outros lugares. Eu não podia ir com meu pai consertar o carro, ou ir a um jogo de futebol, sei lá, coisas de homem. Então não faz sentido hoje em dia me cobrar esse papel masculino e nem eu tentar me encaixar. É uma liberdade eu poder expressar meu corpo, levando em conta toda a minha história. Então “boyceta” é isso, é dizer que a gente tem buceta e ainda é homem, um novo tipo de homem, diferente de todo aquele padrão cis.

Rafel Brinco, 2020

In these four or five years of transition, I've built respect for myself and my body above all else. I no longer want to aspire to a cisgender body to be a man and gain social recognition. When I was a child, I had different teachings, I was given different toys, I went to different places. I couldn't go with my dad to fix the car, or go to a soccer game – I don't know, manly things. So it doesn't make sense these days to demand this masculine role of me, nor for me to try to fit in. It's a freedom to be able to express my body, taking into account my entire history. So, “pussy boy” is that, it's saying that we have a pussy and are still a man, a new type of man, different from that whole cisgender standard.



dissidentes em estado de relaxamento. Somos levados o tempo todo a estarmos tensos e ansiosos, então, acredito que corpos relaxados são revolucionários. Nem sempre são nus que mostram os genitais. Essa decisão é da pessoa e não minha. Pra mim, o mais importante é a pessoa estar confortável.

Acho que a possibilidade de mostrar os genitais é um diálogo com muitas esferas culturais e políticas. Algumas vezes não pude expor determinadas fotos por ter nu frontal. Diante da censura, a imagem começa a ocupar outro lugar, vira uma questão política de quais corpos podem ser vistos e quais corpos podem ocupar espaços da arte. Então, estou sempre em negociação, porque penso que ocupar espaços institucionais é de extrema importância. Costumo dizer que trabalho como uma infiltração na parede: vou chegando devagarinho. Só a minha presença já causa um estranhamento em determinados lugares e, se eu tiver chance de falar, melhor ainda, mesmo que a imagem escolhida não seja um nu frontal.

Há cerca de quatro anos, sofri um acidente e perdi o braço. Minha vida mudou completamente. Essa reformulação inclui uma transição em relação às formas de preconceito, discriminação e visão externa do meu corpo: de “gay promíscuo” para “deficiente assexuado”. Já marquei encontro pelo app e a pessoa me bloqueou depois que notou que não tenho um braço. Esses eventos são para mim um elemento de ação, de mudar o mundo. Através da minha deficiência eu consigo chamar a atenção, falar sobre acessibilidade e ainda demonstrar às pessoas com deficiência que elas têm outras possibilidades.

Paulo André, 2022 (*in memoriam*)

About four years ago, I had an accident and lost my arm. My life changed completely. This transformation includes a shift in my perception of prejudice, discrimination, and the external perception of my body: from “promiscuous gay” to “asexual disabled.” I've even arranged a date through the app, and the person blocked me after noticing I'm missing an arm. For me, these events are a way of taking action, of changing the world. Through my disability, I can draw attention, talk about accessibility, and even show people with disabilities that they have other possibilities.



Minha primeira criação artística que se referenciou no corpo e na nudez foi uma série de autorretratos. Foi difícil me fotografar e ainda mostrar em um grupo de estudos na época. Como sou uma pessoa com um corpo gordo, as reações não foram muito positivas. Hoje nas minhas exposições o que causa mais reações e comentários das pessoas são em relação a imagens com corpos gordos e com estrias. É importante refletir sobre esse incômodo das pessoas que estão fora e dentro da comunidade LGBTQ+.

A aceitação de corpos com expressões dissidentes é um tema de debate constante. Os meios para se criar uma imagem está cada vez mais democratizado, bem diferente do que foi o século 20, quando a maioria dos fotógrafos eram homens brancos cis e heterossexuais. É preciso contratar equipes formadas por pessoas da comunidade LGBTQ+ e com outros marcadores sociais, assim como escolher os espaços parceiros e ocupação de locais públicos, pensar acessibilidade e formas de financiamento. Com a possibilidade de múltiplos olhares, novos corpos e narrativas estão sendo contadas. Atualmente tenho visto muitas produções instigantes e um aumento significativo de pessoas interessadas nesse tema.

Não é tão simples se autorizar a ser artista, mas conforme fui entendendo minha prática e sendo reconhecida pelos meus pares como tal, me assumi como tal. Mantenho o diálogo constante com quem estou fotografando, com quem já fotografei, com os locais que vou exibir as imagens, com os estudantes que estou compartilhando meus conhecimentos. A ética do olhar também é a ética da escuta e do diálogo. <T>



Tayan (2024) e Jupi77er (2020).

Bella Tozini

In short, I’m a visual artist, cultural producer, curator, and interdisciplinary researcher working in the interior of São Paulo, using photography, video, installation, and design to create photography projects, installations, interactive experiences, publications, and audiovisual works. My work addresses issues of identity, bodies, representation, diversity, and displacement.

My background is in cinema – specializing in Poland – and I later completed my master’s degree in visual arts. Cinema was a great school for understanding light, movement, and narrative, strongly influenced by the Polish Krzysztof Kieślowski and the Canadian David Cronenberg. Visual arts expanded my understanding of body, space, and materiality, especially with the work of Cuban Ana Mendieta. Photography began as a hobby in university, where I discovered the work of Laura Aguilar, Paz Errázuriz, and Catherine Opie. Only in my 30s did I understand photography as a profession and artistic expression, where I combine all my knowledge in personal projects that span a variety of media.

Pauli (2024).



I keep a lot of little books for notes and sketches because my images begin as text and sometimes become scribbles before I continue my reference research. During a photo shoot, I think a lot about the relationship between my body in space and the subject: I usually stay horizontal for frontal shots. I also like the idea of always shooting a series with the same equipment. It’s an interesting formal exercise, which may initially seem restrictive, but it creates good challenges for the movement of my body in space.

However, each photo shoot is a mystery. I’ve been increasingly connecting with my intuition; there’s something telling me I should listen and capture that person’s story beyond appearances. There comes a point in my career when technical issues are no longer an obstacle, and the time spent photographing becomes filled with building connections, meaning,



and experience. When I manage to tap into this creative zone, it's a wonderful and unique flow, which I've come to call "drainage."

Creating a photographic portrait involves a lot of listening, not just looking. I get to know people throughout life and believe in the serendipity of encounters. Although I portray other people, I'm always talking about myself. In a way, their stories and their bodies touch me personally, especially if they're bodies with dissident expressions.

I like blotted, tattooed bodies, bodies in transit, with folds and marks. People's faces are a wonderful immensity! I've been trying to photograph people with dissident expressions in a relaxed state. We're constantly led to be tense and anxious, so I believe that relaxed bodies are revolutionary. It's not always nudes that show their genitals. That's the person's decision, not mine. For me, the most important thing is for the person to be comfortable.

I think the possibility of showing genitals is a dialogue with many cultural and political spheres. Sometimes I couldn't exhibit certain photos because they contained frontal nudity. Faced with censorship, the image begins to occupy another space, becoming a political question of which bodies can be seen and which bodies can occupy artistic spaces. So, I'm always negotiating, because I think occupying institutional spaces is extremely important. I often say that I work like an infiltration in the wall: I creep in slowly. My presence alone causes a feeling of strangeness in certain places, and if I have the chance to speak, even better, even if the chosen image isn't a frontal nude.

My first artistic creation that referenced the body and nudity was a series of self-portraits. It was extremely difficult to photograph myself and even show them to a study group at the time. Since I have a large body, the reactions weren't very positive. Today, in my exhibitions, the images of large bodies and stretch marks generate the most reactions and comments. It's important to reflect on this discomfort among people both inside and outside the LGBT+ community.

The acceptance of bodies with dissident expressions is a topic of constant debate. The means of creating an image are increasingly democratized, quite different from the 20th century, when most photographers were white, cis, heterosexual men. It's necessary to hire teams made up of people from the LGBT+ community and other social markers, as well as to choose partner spaces and occupy public spaces, consider accessibility and financing options. With the possibility of multiple perspectives, new bodies and narratives are being told. I've recently seen many thought-provoking productions and a significant increase in the number of people interested in this topic.

It's not so simple to authorize yourself to be an artist, but as I began to understand my practice and become recognized by my peers as such, I embraced it. I maintain a constant dialogue with those I'm photographing, those I've photographed, the places where I'll exhibit my images, and the students with whom I'm sharing my knowledge. The ethics of looking is also the ethics of listening and dialogue. <T>

TransFalo de História

por Filipe Chagas

Claude Cahun



A artista francesa **Claude Cahun** – nome adotado por Lucy Renee Mathilde Schwob (1894-1954) – ficou mais conhecida por seus trabalhos políticos e pessoais onde explorava como temática principal a ambiguidade de gênero através de sua aparência andrógina. Em seus escritos, Cahun se referia a si mesma principalmente com palavras gramaticalmente femininas, mas também afirmava que seu gênero real era fluido. Por exemplo, no que é geralmente considerado sua obra-prima, *Aveux non Avenus* (“Confissões Nulas”, 1930) escreveu:

Embaralhe as cartas. Masculino?
Feminino? Depende da situação.
Neutro é o único gênero que
sempre me convém.

Claude nasceu em uma família judaica influente com raízes literárias*. Sua mãe Victorine Mary-Antoinette Courbebaisse era católica e começou a sofrer entre surtos psicopatológicos e uma depressão debilitante, que a levou à internação permanente em uma clínica psiquiátrica em 1898, e fez com que Claude fosse enviada com 4 anos para viver com sua avó Mathilde Cahun, de quem levou o sobrenome.

* Seu pai, Maurice Schwob, era dono e publicava o *Le Phare de la Loire*, um jornal regional que estava na família desde 1876. Seu tio era o renomado escritor simbolista Marcel Schwob, e seu tio-avô, David Léon Cahun, era um estudioso das sociedades asiáticas antigas e um escritor prolífico.

Em um esforço para protegê-la do antissemitismo existente na França, seu pai a enviou para Surrey, Inglaterra por dois anos, onde estudou em uma escola particular. Em 1909, retornou a Nantes, sua cidade natal, e conheceu Marcel Moore – na época, Suzanne Malherbe, sua parceira romântica e criativa de vida, no que veio mais tarde chamar de “encontro marcante”. Na adolescência, sofreu de anorexia e teve algumas crises com pensamentos suicidas semelhantes às de sua mãe.

Capa e fotomontagens do livro *Aveux non Avenus*.
Cover and photomontages of the book *Aveux non Avenus*.



J'ai
le bourreau de
prend des airs de
victime. Mais tu sais
à quoi t'en tenir.
Claude.



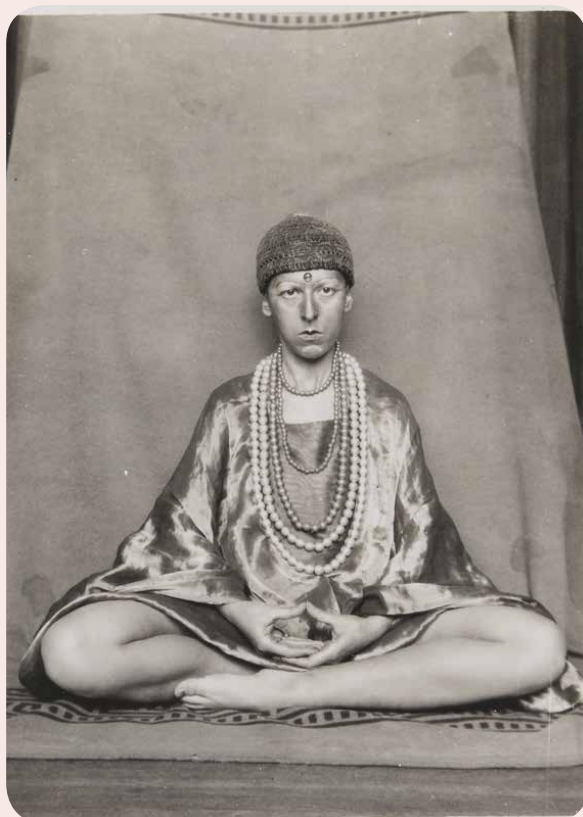
Durante a década de 1920, ambas se estabeleceram em Paris e colaboraram em diversas obras escritas – entre artigos e romances para publicações francesas, incluindo o jornal da família e o jornal gay *Inversions* –, esculturas e fotomontagens. Acredita-se que Moore era a pessoa atrás da câmera durante os ensaios, bem como co-criadora das colagens. Por volta de 1922, Cahun e Moore começaram a realizar eventos em sua casa, convidando escritores e artistas de vanguarda.



Autorretrato, 1911.
Self-portrait, 1911.

Autorretrato com Marcel Moore em Paris, 1920.
Self-portrait with Marcel Moore in Paris, 1920.





Autorretrato, 1927.
Self-portrait, 1927.



Autorretrato, 1929.
Self-portrait, 1929.

Como participante ativa e espectadora do teatro experimental de Paris, assumir novas identidades era algo natural para Cahun. Para ela, a identidade era mutável ou instável. Em uma série notável de autorretratos (1927-1929), Cahun aparece como aviador, dândi, boneca, fisiculturista, vampiro, anjo, fantoche japonês, entre outras personas performáticas. Em um deles, aparece como homem, usando batom, corações pintados nas bochechas e uma camisa com mamilos pretos pintados com a inscrição: “Estou em treinamento, não me beije”. Diferente de Rose Sélavy – o alter ego feminino de Marcel Duchamp –, Cahun não buscava apenas uma mudança de gênero, mas escapar dessas construções.

Eu é outro – e sempre múltiplo.

Como a maioria dessas fotografias provém de um acervo pessoal, e não de um acervo destinado à exibição pública, acredita-se que houve maior experimentação com a representação de gênero e o papel do observador. Alguns dos retratos de Cahun apresentam a artista olhando diretamente para o observador, muitas vezes revelando apenas a cabeça raspada e os ombros (eliminando o corpo da vista), ora como homem, ora como mulher, ora completamente andrógina, ora tão maquiada e fantasiada que era impossível determinar o gênero de sua persona.

Debaixo desta máscara,
outra máscara. Nunca
terminarei de remover
todos esses rostos.

Estou em treinamento, não me beije, 1927.
I am in training, don't kiss me, 1927.

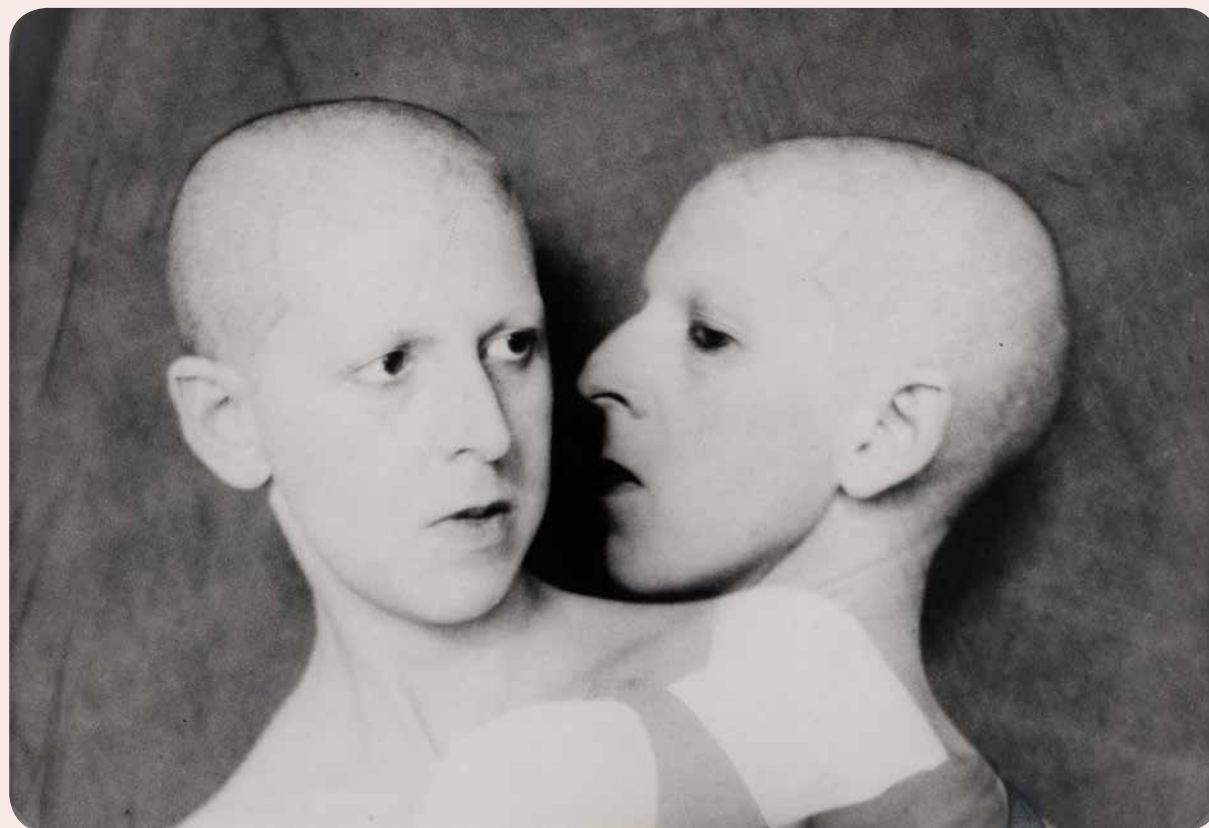


Os escritos publicados de Cahun incluem “Heroínas” (1925) – uma série de monólogos baseados em personagens femininas famosas de contos de fadas, mitologia e a Bíblia, como Dalila, Judite, Salomé, Helena de Troia, Cinderela e Safo, que estabelecem comparações espirituosas com a imagem contemporânea da mulher – e sua obra-prima *Aveux non Avenus* (1930), uma coleção de histórias, sonhos, aventuras, piadas, diálogos dramáticos e aparentes agonias de introspecção, ilustrado por dez fotomontagens feitas em colaboração com Moore, onde ela conversa com o leitor sobre suas tentativas de descobrir quem ela é e de compreender sua relação com o mundo. Em 1929, Cahun traduziu para o francês “A Tarefa da Higiene Social” (1912), do renomado psicólogo britânico da sexualidade humana Havelock Ellis, dando-lhe o título *L’Hygiène sociale: la femme dans la société* (Higiene Social: A Mulher na Sociedade). Os estudos de Ellis sobre homossexualidade e

identidade sexual, sem dúvida, influenciaram os esforços de Cahun para se definir.

Em 1932, Cahun entrou na *Association des Écrivains et Artistes Révolutionnaires* (AEAR; Associação de Escritores e Artistas Revolucionários), onde conheceu André Breton (1896-1966), um dos fundadores do movimento surrealista. No primeiro encontro, a artista presenteou Breton com um exemplar de *Aveux non Avenus* e o impressionou. Tornaram-se amigos e, certa vez, Breton chamou Cahun de “um dos espíritos mais curiosos do nosso tempo”.

A partir do contato com Breton, participou de diversas exposições, incluindo a Exposição Internacional Surrealista de Londres (New Burlington Gallery) e a *Exposition surréaliste d’Objets* (Charles Ratton Gallery, Paris), ambas em 1936. Como a maioria dos artistas



O que você quer de mim?, 1928.
What do you want from me?, 1928.

O pai, 1932.
The father, 1932.



surrealistas eram homens que retratavam mulheres como símbolos isolados de erotismo, a figura camaleônica e não conformista de gênero que Cahun representava com espelhos, colagens e dupla exposição refletia um distanciamento das normas sociais. Ela se tornou uma perspectiva única dentro do movimento, adicionando um elemento de diversidade e inaugurando novas representações.



Em termos políticos, 1935 testemunhou uma grande cisão entre os surrealistas e o Partido Comunista Francês, e Cahun e Moore permaneceram ao lado de Breton e Georges Bataille (1897-1962), que tentavam

usar a arte para conter a maré da guerra. Fundaram, então, a aliança antifascista de esquerda *Contre Attaque*. Um texto de Cahun intitulado *Les Paris sont ouverts* (“As apostas

estão abertas”) criticava as ideias comunistas e promovia um tipo de arte que usava a poesia ao invés da propaganda para espalhar sua mensagem por meio de “ação indireta”. Além de sua ascendência judaica, o seu relacionamento lésbico assumido fez com que ela fosse perseguida pelos nazistas. Em 1938, Cahun e Moore se estabeleceram em Jersey, uma das ilhas no Canal da Mancha – e voltaram a usar seus nomes de batismo, reduzindo bastante a produção artístico-literária. Ficaram conhecidas como “*les mesdames*” em Jersey, por conta de seus comportamentos excêntricos, como levar seu gato para passear na coleira e – pasmem! – usar calças.

A dupla observou a disseminação do nazismo pela Europa e, em 1939, ingressou na antifascista e antistalinista *Fédération Internationale de l'Artistes Révolutionnaires Indépendents* (FIARI ; Federação Internacional de Artistas Revolucionários Independentes), fundada por Breton, Diego Rivera e Leon Trotsky. Após a queda da França e a ocupação alemã das ilhas do Canal em 1940, elas se tornaram fervorosas trabalhadoras da resistência, trabalhando extensivamente na produção de panfletos antinazistas por quatro anos. Sob o pseudônimo alemão *Der Soldat Ohne Namen* (O Soldado Sem Nome) usavam fragmentos de traduções do inglês para o alemão de relatórios da BBC sobre os crimes dos nazistas em forma de poemas rítmicos e críticas severas. Como duas mulheres mais velhas, elas não eram inicialmente suspeitas de intervenções subversivas. Isso lhes deu amplas oportunidades de participar de eventos onde colocavam seus panfletos caseiros nos bolsos dos soldados alemães com a intenção de desmoralizar as tropas e incentivá-las a desertar. Alguns historiadores da arte argumentam que os atos de resistência de Cahun e Moore deveriam ser vistos como uma extensão de sua prática artística radical, uma “atividade surrealista militante” como a própria Cahun chegou a descrever.

Em 1944, Cahun e Moore foram presas pela Gestapo e condenadas à morte. Mantidas em celas separadas, Cahun chegou a tentar o suicídio. Grande parte de seus bens foi confiscada e arquivos fotográficos foram parcialmente destruídos. Diz-se que, no julgamento, Cahun teria pedido para que os alemães atirassem nela duas vezes, pois, além de resistente, era também judia. Isso aparentemente provocou gargalhadas no tribunal e, acredita-se, foi um dos motivos pelos quais a execução não foi realizada imediatamente. A sentença acabou sendo suspensa, já que a ilha foi libertada da

ocupação alemã em 1945. Uma foto de Cahun tirada após a libertação a mostra segurando desafiadoramente um distintivo militar nazista entre os dentes.

Em 1951, Cahun recebeu a Medalha de Gratidão Francesa por fazer parte da resistência, mas a saúde de Cahun nunca se recuperou do tratamento na prisão. Escreveu longas cartas para seus amigos vanguardistas, numa tentativa de retomar o contato com o Surrealismo, e começou a escrever uma autobiografia com novos autorretratos. No entanto, ela faleceu de embolia pulmonar e parada cardíaca em 1954.



Cahun mordendo um distintivo nazista, 1945.
Cahun biting a Nazi badge, 1945.

Moore herdou seus pertences e obras de arte, mas o legado de Cahun quase se perdeu após a morte de Moore em 1972 e todo o seu trabalho foi leiloadado.

Sem buscar fama, o trabalho de Cahun permaneceu praticamente desconhecido até 30 anos após sua morte: em 1985, algumas de suas fotomontagens foram incluídas na exposição *L'Amour Fou: Photography and Surrealism* (O Amor Louco: Fotografia e Surrealismo), porém o catálogo continha pouca informação sobre a artista e ainda afirmava que ela havia falecido num campo de concentração. A publicação da biografia de Cahun por François Leperlier* em 1992 foi a chave para seu reingresso na história da arte e, especialmente, na teoria feminista da arte. Em 1994, o Instituto de Arte Contemporânea em Londres fez uma exposição dos autorretratos de Cahun junto a outras duas artistas britânicas, resgatando sua capacidade não só de perturbar a compreensão do público sobre a fotografia enquanto documentação da realidade, mas também de desafiar as fronteiras sociais. Historiadores e críticos de arte a consideram precursora das fotógrafas americanas do século 20, Nan Goldin e Cindy Sherman, que também testaram os limites da identidade socialmente construída.

Acadêmicos e críticos consideraram as análises revolucionárias de Cahun sobre gênero e sexualidade muito à frente de seu tempo.

* O poeta François Leperlier quis saber mais sobre a obra de Cahun e colocou um anúncio num jornal pedindo que qualquer pessoa que a tivesse conhecido entrasse em contato com ele. Foi então que recebeu uma carta de John Wakeham, que em 1972 havia comprado uma série de relíquias vendidas após a morte de Moore. Além de escrever sobre a artista, Leperlier organizou exposições de seu trabalho fotográfico, que, na onda da cultura andrógina dos anos 1980 e da explosão queer dos 1990, ajudaram a popularizar sua obra dela.

A ensaísta e professora Christy Wampole conecta o nome e a aparência adotados por Cahun às identidades genderqueer do século 21, argumentando que as fotografias da artista exibem “sinais transgênero” e são um protótipo da autorrepresentação trans moderna. Cahun e Moore seriam artistas “prototransgênero”. Alex Pilcher, em *A Queer Little History of Art*, escreveu:

Antes do final do século 20, as identidades transgênero raramente eram articuladas com clareza em termos que reconheceríamos hoje. Isso não significa que a variação de gênero tenha desempenhado um papel menor na experiência queer. [...] Claude Cahun está fora de debate; se é melhor lida através de uma lente “lésbica” ou “trans” é uma questão que não podemos resolver de forma útil. [...] O gênero que se afasta do binário feminino/masculino é um fio condutor que permeia a vida e a obra da artista.

Em 2007, David Bowie criou uma exposição multimídia do trabalho de Cahun e disse:

Você pode chamá-la de transgressora ou de Man Ray travestido com tendências surrealistas. Acho esse trabalho muito louco, no melhor sentido. Fora da França e agora do Reino Unido, ela não teve o tipo de reconhecimento que, como seguidora, fundadora, amiga e trabalhadora do movimento surrealista original, ela certamente merece.

Na lápide de Cahun está escrito: “E vi novos céus e uma nova terra” (Apocalipse 21:1). <T>

Autorretrato, 1947.
Self-portrait, 1947.



TransFalo History

by Filipe Chagas

Claude Cahun

French artist Claude Cahun – the name adopted by Lucy Renee Mathilde Schwob (1894–1954) – was best known for her political and personal works, which explored gender ambiguity through her androgynous appearance. In her writings, Cahun referred to herself primarily with grammatically feminine terms, but also asserted that her actual gender was fluid. For example, in what is generally considered her masterpiece, *Aveux non Avenus* (“Null Confessions,” 1930), she wrote:

Shuffle the card. Masculine? Feminine? It depends on the situation. Neuter is the only gender that always suits me.

Claude was born into an influential Jewish family with literary roots. His mother, Victorine Mary-Antoinette Courbebaisse, was Catholic and began to suffer from psychopathological episodes and debilitating depression, which led to her permanent commitment to a psychiatric clinic in 1898, and led to Claude being sent at the age of four to live with his grandmother Mathilde Cahun, from whom he took his surname.*

* His father, Maurice Schwob, owned and published *Le Phare de la Loire*, a regional newspaper that had been in the family since 1876. His uncle was the renowned Symbolist writer Marcel Schwob, and his great-uncle, David Léon Cahun, was a scholar of ancient Asian societies and a prolific writer.



Autorretrato, 1916.
Self-portrait, 1916.

In an effort to protect her from the anti-Semitism prevalent in France, her father sent her to Surrey, England, for two years, where she attended a private school. In 1909, she returned to her hometown of Nantes and met Marcel Moore – then Suzanne Malherbe, her romantic and creative life partner – in what she later called a “remarkable encounter.” As a teenager, she suffered from anorexia and experienced bouts of suicidal thoughts similar to her mother’s.



Cahun is believed to have taken her first self-portrait around 1911, beginning a lifelong obsession with examining gender, using herself as the subject. A year later, she published her first collaboration with Malherbe, under the pseudonyms Claude Courlis and Marcel Moore, for the literary periodical *Mercure de France*. She even wrote under the pseudonym Daniel Douglas, but adopted Claude Cahun definitively in 1915.

In 1917, Cahun's father (divorced from Mary-Antionette) and Moore's widowed mother married, and they became half-sisters. The following year, she entered the University of Paris, Sorbonne, where she studied literature and philosophy.

During the 1920s, the two settled in Paris and collaborated on several written works – including articles and novels for French publications, as the family newspaper and the gay journal *Inversions* – as well as sculptures and photomontages. Moore is believed to have been the person behind the camera during the rehearsals, as well as a co-creator of the collages. Around 1922, Cahun and Moore began hosting events at their home, inviting avant-garde writers and artists.

As an active participant and spectator of Paris's experimental theater, assuming new identities came naturally to Cahun. For her, identity was mutable or unstable. In a remarkable series of self-portraits (1927-1929), Cahun appears as an aviator, a dandy, a doll, a bodybuilder, a vampire, an angel, a Japanese puppet, among other performative personas. In one, she appears as a man, wearing lipstick, painted hearts on her cheeks, and a shirt with painted black nipples bearing the inscription: "I am in training, don't kiss me." Unlike Rose Sélavy – Marcel Duchamp's female alter ego – Cahun sought not only a gender shift but also an escape from these constructs.

I is another – and always multiple.

Since most of these photographs come from a personal collection, not from one intended for public display, it is believed that there was greater experimentation with gender representation and the role of the viewer. Some of Cahun's portraits feature the artist looking directly at the viewer, often revealing only her shaved head and shoulders (obscuring the body from view), sometimes as a man, sometimes as a woman, sometimes completely androgynous, sometimes so heavily made-up and costumed that it was impossible to determine her gender.

Under this mask, another mask. I will never be finished removing all these faces.

Cahun's published writings include *Heroines* (1925) – a series of monologues based on famous female characters from fairy tales, mythology, and the Bible, such as Delilah, Judith, Salome, Helen of Troy, Cinderella, and Sappho, which draw witty comparisons with the contemporary image of women – and her masterpiece *Aveux non Avenus* (1930), a collection of stories, dreams, adventures, jokes, dramatic dialogues, and apparent agonies of introspection, illustrated by ten photomontages made in collaboration with Moore, in which she talks to the reader about her attempts to discover who she is and to understand her relationship to the world. In 1929, Cahun translated renowned British psychologist of human sexuality Havelock Ellis's "The Task of Social Hygiene" (1912) into French, retitled it *L'Hygiène sociale: la femme dans la société* (*Social Hygiene: Woman in Society*). Ellis's studies of homosexuality and sexual identity undoubtedly influenced Cahun's efforts to define herself.

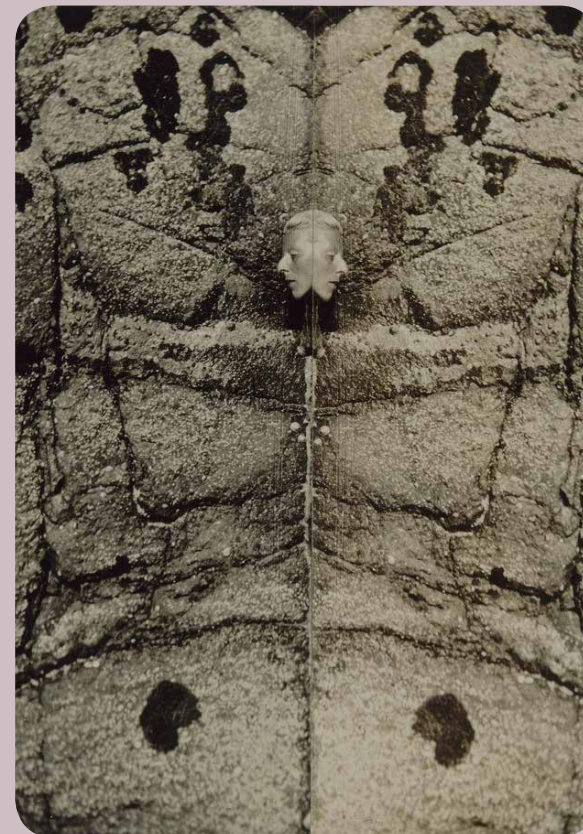




Autorretrato com máscara, 1928.
Self-portrait with mask, 1928.



Autorretrato, 1928.
Self-portrait, 1928.



Autorretrato, 1928.
Self-portrait, 1928.



Autorretrato de robe com máscara, 1928.
Self-portrait in robe with mask, 1928.

In 1932, Cahun joined the Association des Écrivains et Artistes Révolutionnaires (AEAR; Association of Revolutionary Writers and Artists), where she met André Breton (1896-1966), one of the founders of the Surrealist movement. At their first meeting, the artist presented Breton with a copy of *Aveux non Avenus*, which impressed him. They became friends, and Breton once called Cahun “one of the most curious spirits of our time.”

After contact with Breton, she participated in several exhibitions, including the International Surrealist Exhibition in London (New Burlington Gallery) and the Exposition surréaliste d’Objets (Charles Ratton Gallery, Paris), both in 1936. Since most Surrealist artists were men who depicted women as isolated symbols of eroticism, the chameleonic, gender-nonconformist figure that Cahun represented with mirrors, collages, and double exposure reflected

a departure from social norms. She became a unique perspective within the movement, adding an element of diversity and inaugurating new representations.

Politically, 1935 witnessed a major split between the Surrealists and the French Communist Party, and Cahun and Moore sided with Breton and Georges Bataille (1897–1962), who sought to use art to stem the tide of war. They then founded the left-wing anti-fascist alliance Contre Attaque. A text by Cahun, entitled *Les Paris sont ouverts* (“The Bets Are Off”), criticized communist ideas and promoted a form of art that used poetry rather than propaganda to spread its message through “indirect action.”

In addition to her Jewish ancestry, her openly lesbian relationship led to her being persecuted by the Nazis. In 1938, Cahun and Moore settled in Jersey, one of the islands in the English Channel,

and reverted to their given names, significantly reducing their artistic and literary output. They became known as “les mesdames” in Jersey, due to their eccentric behaviors, such as walking their cat on a leash and – surprise! – wearing trousers.

The pair observed the spread of Nazism across Europe and, in 1939, joined the anti-fascist and anti-Stalinist Fédération Internationale de l’Artistes Révolutionnaires Indépendents (FIARI; International Federation of Independent Revolutionary Artists), founded by Breton, Diego Rivera, and Leon Trotsky. After the fall of France and the German occupation of the Channel Islands in 1940, they became fervent resistance workers, working extensively on the production of anti-Nazi pamphlets for four years. Under the German pseudonym *Der Soldat Ohne Namen* (The Nameless Soldier), they used fragments of English-to-German translations of BBC reports on Nazi crimes in the form of

rhythmic poems and scathing critiques. As two older women, they were not initially suspected of subversive interventions. This gave them ample opportunity to participate in events where they placed their homemade leaflets in the pockets of German soldiers, intending to demoralize the troops and encourage them to desert. Some art historians argue that Cahun and Moore’s acts of resistance should be seen as an extension of their radical artistic practice, a “militant surrealist activity,” as Cahun herself once described it.

In 1944, Cahun and Moore were arrested by the Gestapo and sentenced to death. Held in separate cells, Cahun even attempted suicide. Much of her possessions were confiscated, and her photographic archives were partially destroyed. It is said that, during her trial, Cahun asked the Germans to shoot her twice because, in addition to being a resistance fighter, she was also Jewish. This apparently provoked laughter in the courtroom

and is believed to be one of the reasons the execution was not carried out immediately. The sentence was eventually suspended, as the island was liberated from German occupation in 1945. A photo of Cahun taken after the liberation shows her defiantly holding a Nazi military badge between her teeth.

In 1951, Cahun received the French Medal of Gratitude for her role in the resistance, but Cahun's health never recovered from her prison treatment. She wrote long letters to her avant-garde friends in an attempt to reconnect with Surrealism, and began writing an autobiography with new self-portraits. However, she died of a pulmonary embolism and cardiac arrest in 1954. Moore inherited her belongings and artwork, but Cahun's legacy was nearly lost after Moore's death in 1972, and all her work was auctioned off.

Without seeking fame, Cahun's work remained virtually unknown until 30 years after her death: in 1985, some of her photomontages were included in the exhibition *L'Amour Fou* (Crazy love): Photography and Surrealism, but the catalog contained little information about the artist and even stated that she had died in a concentration camp. The publication of Cahun's biography by François Leperlier* in 1992 was key to her re-entry into art history and, especially, into feminist art theory. In 1994, the Institute of Contemporary Art in London presented an exhibition of Cahun's self-portraits alongside two other British artists, rediscovering her ability not only to disrupt the public's understanding of photography as a document of reality, but also to challenge social boundaries. Art historians and critics consider her a precursor to 20th-century American photographers Nan Goldin and Cindy Sherman, who also tested the limits of socially constructed identity.

Scholars and critics have considered Cahun's revolutionary analyses of gender and sexuality far ahead of their time. Essayist and professor Christy Wampole connects Cahun's adopted name and appearance to 21st-century genderqueer identities, arguing that the artist's photographs display "transgender signs" and are a prototype of modern trans self-representation. Cahun and Moore would be "prototransgender" artists. Alex Pilcher, in *A Queer Little History of Art*, wrote:

Before the late 20th century, transgender identities were hardly ever clearly articulated in terms we would recognize today. That does not mean that gender variance played any less of a role in queer experience. [...] Claude Cahun is beyond debate; whether she is better read through a "lesbian" lens or a "trans" one is a question we cannot usefully settle. [...] Gender that strays beyond the female/male binary is a thread that runs through the artist's life and work.

* The poet François Leperlier wanted to know more about Cahun's work and placed an advertisement in a newspaper asking anyone who had known her to contact him. It was then that he received a letter from John Wakeham, who in 1972 had purchased a series of relics sold after Moore's death. In addition to writing about the artist, Leperlier organized exhibitions of her photography, which, in the wake of androgynous culture in the 1980s and the queer explosion of the 1990s, helped popularize her work.



Autorretrato, 1928.
Self-portrait, 1928.

In 2007, David Bowie created a multimedia exhibition of Cahun's work and said:

You could call her[/they] transgressive or you could call[/they] a cross dressing Man Ray with surrealist tendencies. I find this work really quite mad, in the nicest way. Outside of France and now the UK she has not had the kind of recognition that, as a founding follower, friend and worker of the original Surrealist movement, she surely deserves.

On Cahun's tombstone it is written: "And I saw new heavens and a new earth" (Revelation 21:1). <T>

Power trans na cena musical!

por Marcos Rossetton

Pela Deusa Travesti

*A Deusa dos corpos que querem
Resistir*

Deus é Travesti

*A Deusa dos corpos que querem
Existir*

[...]

Música *Deus é Travesti*, de
Alice Guél

Uma das expressões artísticas com mais aderência na sociedade, enquanto linguagem, é a música. Apresentada em diversos contextos do cotidiano, a música existe em gêneros sonoros variados, que, entre outros pontos, torna essa arte permeável a qualquer público, agradando à todes!

Está em todas as plataformas de comunicação, no acesso democratizado pelos streamings, nas novas mídias que se multiplicam, em canais e rádios alternativos e digitais, na TV aberta, em trilhas fantásticas ambientando o cubo escuro do cinema, renovando o audiovisual em videocliques contemporâneos, livre em nuances sonoros e frescor jovial. Nesse novo ambiente musical, adentra um movimento atual protagonizado por artistas trans de forma potente, revolucionando de forma criativa a indústria audiovisual tanto brasileira quanto internacional! Afinal música boa, com qualidade, não tem gênero!

Constatando esse movimento, elencamos aqui artistas trans que se destacam pela originalidade, com apresentações poéticas em composições sonoras inovadoras, pelas narrativas com vivências da realidade travesti em letras de afirmação com o uso da linguagem do Bajubá criada pela comunidade T, pela qualidade sonora e vocal, pelas performances e atitudes apresentadas em palco, pela plasticidade das produções de videocliques e estéticas dos figurinos em shows e, claro, do corpo dissidente protagonizando, marcando presença nesse território artístico. Enfim, nesse novo cenário da música brasileira contemporânea com várias vertentes!

EDITOR'S NOTE: The song lyrics were not translated because they don't make the same sense in English.



Foto: Gabriel Renné. Fonte: Internet.

Em 2015 surgiram, quase que simultaneamente, duas bandas musicais com dois EPs (Extended Play): *Cru* da Banda Liniker e os Caramelows – que até então eram desconhecidos do grande público e mídia – e *Mulher* da banda As Bahias e a Cozinha Mineira – que depois viraram As Baías, das cantoras trans Assucena Assucena e Raquel Virgínia, junto ao músico Rafael Acerbi. No caso de *Cru*, todas as três músicas foram compostas por Liniker, numa época em que a cantora passava por sua transição de gênero. A fusão entre a cantora e a banda Os Caramelows durou até 2020. Liniker foi se tornando uma importante voz na cena musical brasileira contemporânea e holofote da comunidade LGBTQIAPN+, questionando paradigmas de gênero e sexualidade: em 2022, tornou-se a primeira mulher travesti a ganhar o prêmio Grammy Latino e hoje ocupa uma das cadeiras da Academia Brasileira de Cultura, como a primeira artista trans a ocupar o posto número 51 da confraria de imortais.

Em agosto de 2019, aconteceu o lançamento do emblemático videoclipe *Oração*, de Linn da Quebrada. Com um elenco estelar exclusivamente trans – que contou com as cantoras Liniker, Urias, Jup do Bairro, Danna Lisboa, a atriz Verónica Valentino (alguns anos depois, premiada na categoria melhor atriz no prêmio Shell de teatro pela encenação com a peça Brenda Lee e o Palácio das Princesas), a maquiadora Magô Tonhon, a multiartista Ana Gisele na persona de A TRANSÄLIEN e a ativista dos direitos humanos Neon Cunha, entre outras – expôs a potência criativa de corpos dissidentes na cena artística brasileira.

Enfim, entre tantos acontecimentos históricos, artistas, músicas, letras, corpos, corpos e subversão, a segunda edição da TransFalo faz um apanhado de referências, um verdadeiro celeiro de talentos, um grande “power trans musical” e destaca aqui, entre letras e imagens esse repertório histórico.

TRANS POWER IN THE MUSIC SCENE!

by Marcos Rossetton

One of the most prevalent artistic expressions in society, as a language, is music. Presented in diverse everyday contexts, music exists in diverse sound genres, which, among other things, makes this art form accessible to any audience, pleasing everyone!

It’s present on all communication platforms, with democratized access through streaming, in the ever-expanding new media, on alternative and digital channels and radio stations, on broadcast TV, in fantastic soundtracks setting the dark cinematic scene, renewing the audiovisual landscape with contemporary music videos, free in sonic nuances and youthful freshness. In this new musical environment, a current movement led by trans artists is powerfully entering, creatively revolutionizing the audiovisual industry both in Brazil and internationally! After all, good, quality music has no genre – or gender!

Acknowledging this movement, we’ve listed trans artists who stand out for their originality, poetic performances in innovative sound compositions, for narratives about transgender experiences in affirming lyrics using the Bajubá language created by the T community, for sonic and vocal quality, stage performances and attitudes, for the plasticity of music video productions and aesthetics of costumes in shows, and, of course, the dissident body taking center stage, marking its presence in this artistic territory. In short, in this new scenario of contemporary Brazilian music with various strands!

In 2015, two bands emerged, almost simultaneously, with two EPs (extended

play): “Cru” (Raw) by Banda Liniker e os Caramelows – which until then were unknown to the general public and the media – and “Mulher” (Woman) by the band As Baías e a Cozinha Mineira – which later became As Baías, featuring trans singers Assucena Assucena and Raquel Vírginia, along with musician Rafael Acerbi. In the case of “Cru,” all three songs were composed by Liniker, at a time when the singer was undergoing her gender transition. The collaboration between the singer and the band Os Caramelows lasted until 2020. Liniker has become an important voice in the contemporary Brazilian music scene and a spotlight for the LGBTQIAPN+ community, questioning paradigms of gender and sexuality. In 2022, she became the first transgender woman to win a Latin Grammy Award and today holds a seat in the Brazilian Academy of Culture, the first trans artist to occupy the 51st position in the immortal guild.

In August 2019, the iconic music video “Oração” (Pray) by Linn da Quebrada was released. With a stellar, all-trans cast – which included singers Liniker, Urias, Jup do Bairro, Danna Lisboa, actress Verónica Valenttino (a few years later, awarded Best Actress at the Shell Theater Awards for her performance in the play “Brenda Lee and the Palace of the Princesses,” makeup artist Magô Tonhon, multi-artist Ana Gisele as A TRANSÄLIEN, and human rights activist Neon Cunha, among others – it showcased the creative power of dissident bodies in the Brazilian art scene.

Finally, among so many historical events, artists, music, lyrics, bodies, and subversion, the second edition of TransFalo offers a collection of references, a veritable hotbed of talent, a great “trans musical power,” and highlights this historical repertoire, both through lyrics and images.

LINIKER

Papo de Edredom

[...]
Debaixo das cobertas, você me ensina
Uma rima diferente que eu não sei
O momento que eu deixei você me ver
Inteira e transparente, como um violão
Eu não desejo pra ninguém o que você me fez
Foi pura sacanagem, é recordação
Beijo na boca, no mar (tão bom)
Dançar ao som de Dja—
Vamos revirar os olhos de manhã
No fio dessa conversa, papo de edredom
[...]



Foto: Vinícius Marques. Fonte: Site do fotógrafo.

AS BAÍAS

Uma Canção Para Você

[...]
Eu vou cantar
Uma canção pra você
Feita da tua imagem
Diante da minha face

Ah se, ah se você pudesse entender
Baby eu vou cantar
Uma canção
Uma canção...

Quem nos media
Dia-a-dia o nosso sexo amor
O anexo
O nexo
O “x” da nossa dor
O amor eu aposto no jogo entre cartas, cervejas, fogo e queijo coalho
No baralho jogo os “Ás”
Te embaralho, sou dama de paus
(Caralho!)



Capa do Álbum Mulher (2015).
Album cover.

LINN DA QUEBRADA

Bixa Travesty

Eu já cansei de falar, já perdi a paciência
Você finge não escutar, abusa da minha inteligência
Mas eu tô ligada, seu processo é muito lento
Vou tentar te explicar mais uma vez o fundamento

E se você não aceitar, pode doer, pode machucar
Que eu nem lamento (vai)

Bicha travesti de um peito só, o cabelo arrastando no chão
E na mão, sangrando, um coração (2x)

O lance é muito simples, não tem nenhum mistério
Pode ir saindo com o pau entre as pernas, acabou o seu império
Tô vendo de camarote o fim do seu reinado
Rindo muito da sua cara de cãozinho abandonado

Na verdade, eu mudei de ideia
Te fiz uma bela surpresa
Quando tiver indo embora, não esquece
Deixa seu pau em cima da mesa, vai [...]

Oração

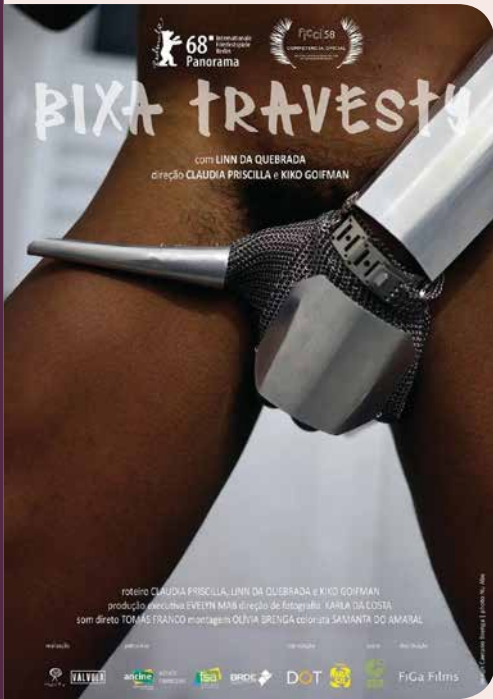
Eu determino que termine aqui e agora
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo
Determino que termine em nós e desate
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente com elas
Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
E que eu possa viver nelas, através delas, em suas memórias

Entre a oração e a ereção
Ora são, ora não são
Unção, bênção, sem nação
Mesmo que não nasçam
Mas vivem e vivem e vêm

Se homens se amam, ciúmes, se hímen, se unem
A quem costumeiramente ama, a mente ama também
(Oh, oh, oh, oh) a mente ama também
(Oh, oh, oh, oh) a mente ama também [...]



Cartazes do documentário Bixa Travesty (2018) sobre o trabalho artístico e ativista de Linn da Quebrada.
Posters for the documentary Bixa Travesty (2018) about the artistic and activist work of Linn da Quebrada.



IRMÃS DE PAU

Vita Pereira e Isma Almeida são a dupla de artistas travestis por trás das “Irmãs de Pau”. Vindas da periferia da zona oeste de São Paulo, Vita e Isma se conheceram numa ocupação de estudantes secundaristas e suas primeiras melodias autorais surgiram na pandemia do Covid 19. A dupla logo estourou em 2022 com seu primeiro hit musical chamado “Shambaralai”. Suas letras e canções abordam narrativas explícitas sobre a sexualidade de mulheres travestis da quebrada, com representatividade, reflexão e bastante putaria. Ambas se apresentam como “pesquisadoras da estética visual e sonora da putaria brasileira”.

Shambaralai

Ninguém segura a pretinha
Hoje ela tá sem calcinha
Bebendo uma caipirinha
Junto com as amiguinha [...]
Tá achando que o seu mau-olhado vai me afetar e me levar pra bronca?
Se liga, seu macho otário
Sua transfobia não paga minhas conta

[...]
(Bate na minha prótese)
(Ba-bate na minha prótese)
(Bate na minha prótese)
(Bababababa)
Irmãs de pau
Chegou irmãs de pau
Ela tem pau
E a outra também tem pau!

Dotadas

Irmãs dotadas, hein?
Diretamente do Mandelão
(Amiga qual o seu dote?)
Você sabe que é 22 né? Nem cabana esconde.
Dotada de talento, dotada de maldade
Dotada de malícia, dotada de sacanagem
Dotada de talento, dotada de coragem
Dotada de malícia, dotada de sacanagem [...]

Travequeiro

Me ligou de madrugada querendo me encontrar
Me chamou pra dar uma volta
Mas não queria beijar
Maricona desgraçada, arrombada do caralho

Não me deu uma assistência
E ainda quer comer meu rabo
Vou te dar surra de pica, dar surra de pica
Travequeiro desgraçado adora uma mulher com pica
Da-dar surra de pica, dar surra de pica
Travequeiro desgraçado adora uma mulher com pica
Agora eu meto em você, meto em você
Mexeu com as travestis e agora tu vai se fuder
Eu meto em você, meto em você
Mexeu com as travesti e agora tu vai se fuder [...]

Medley do Submundo

[...]
Oi meus amores, eu sou Isma
Sou versátil e tenho 17 centímetros
Salve vida, eu sou a Vita
19 centímetros, passiva e com local
Hoje vai ter promoção ein, porra
É dose dupla de piroca
Duas por uma, de quatro cê mete
Elas gemem gostoso, pagando boquete
Duas por uma, de quatro cê mete
Elas gemem gostoso, pagando boquete
[...]



Imagem de divulgação do videoclipe Shamabaralai. (Foto: Eli Bezerra, 2022)
Promotional image for the Shamabaralai music video.

SISTERS WITH DICKS

Vita Pereira and Isma Almeida are the travesty artist duo behind “Sisters with Dicks.” Hailing from the outskirts of São Paulo’s west side, Vita and Isma met at a high school student occupation, and their first original melodies emerged during the Covid-19 pandemic. The duo quickly became famous in 2022 with their first hit song, “Shambaralai.” Their lyrics and songs explore explicit narratives about the sexuality of travesty women from the favelas, with representation, reflection, and plenty of sex. Both present themselves as “researchers of the visual and sonic aesthetics of Brazilian sex.”

MARINA MATHEY

Formada pela Escola de Artes Dramática da USP, Marina Mathey é atriz, cantora, compositora, diretora e roteirista. Poderíamos destacar sua atuação memorável no elenco original do musical “Brenda Lee e o Palácio das Princesas”. Entretanto, o destaque será no EP “Boneca Pau Brasil”, de 2022, onde a multiartista questionou a ausência dos corpos ditos dissidentes nos registros da história brasileira, sobre a perspectiva dos movimentos modernistas da Semana de 22, no tropicalismo e em todo o apagamento nos livros de história. O álbum é uma antropofagia musical, com irreverência, ritmos musicais variados, como samba, tango, forró, rock e pop. A artista expõe uma visão decolonial, pontuando que a colonização portuguesa impôs a cisgenderidade e o binarismo, perspectivas que não faziam parte da filosofia de grande parte dos povos originários daqui ou dos africanos pré-colonizações.



Imagem de divulgação do videoclipe *Boneca Pau Brasil*. (Foto: Ferrerin, 2022)
Promotional image for the music video *Boneca Pau Brasil*.

Boneca Pau Brasil

*Boneca pau-brasil
Madeira vermelha de sangue
Tecido nervoso
Pele hidratada pintada de gozo*

*Boneca pau-brasil
Corpo febril em brasa
Oco que vem estrangeiro
E faz do meu pau-brasil sua casa*

*Oco uó
Oró mira neca, procura xereca, e nada
Quer madeira extratizada
Vermelha e rija, bem penetrada
[...]*

MARINA MATHEY

A graduate of the USP School of Dramatic Arts, Marina Mathey is an actress, singer, composer, director and screenwriter. We could highlight her memorable performance in the original cast of the musical “Brenda Lee and the Palace of the Princesses.” However, the highlight will be the 2022 EP “Boneca Pau Brasil,” (Brazilwood Doll) where the multi-artist questioned the absence of so-called dissident bodies in the records of Brazilian history, from the perspective of the modernist movements of the Week of 22, Tropicalism, and the erasure of history books. The album is a musical anthropophagy, with irreverence and varied musical rhythms, such as samba, tango, forró, rock, and pop. The artist presents a decolonial vision, pointing out that Portuguese colonization imposed cisgenderism and binarism, perspectives that were not part of the philosophy of most indigenous peoples here or of Africans, pre-colonization.

KATY DA VOZ E AS ABUSADAS

Dentro do funk pesadão brasileiro, o trio formado em 2019 no Grajaú, na Zona Sul de São Paulo, composto pelas travestis Katy Da Voz, Palladino Proibida e Degoncé Rabetão trazem provocações ritmadas. Suas letras incomodam, mas elas continuam! Numa cena efervescente, jovem e contestadora, expõem o protagonismo de vivências trans no debate.

Pedi Pizza, Veio Rola

*Oi boa noite quero fazer um pedido
Eu quero duas rola e seu marido
E a borda tem que ser recheada
Com muita porra porque sou abusada*

*Se você quiser me entregar
Tu já pode vim pronto pra mamar
Eu já tô no portão de calcinha toda molhada
Pedi pizza e vou levar rolada*

*Pega o ketchup que eu vou te chupar
Da rolada na minha cara até eu cansar
Pega a mostarda que eu já vou sentar
Sento, rebole e a pizza eu não vou pagar
[...]*

KATY DA VOZ E AS ABUSADAS

Within the heavy Brazilian funk scene, the trio formed in 2019 in Grajaú, in the South Zone of São Paulo, composed of travesties Katy Da Voz, Palladino Proibida, and Degoncé Rabetão, brings rhythmic provocations. Their lyrics are disturbing, but they persist! In an effervescent, young, and challenging scene, they expose the protagonism of trans experiences in the debate.



(Foto: Gabriel Renne, 2024).



ROS4 LUZ

Além das rimas, com composições e letras marcantes principalmente na cena do hip-hop, Ros4 Luz é rapper, comunicadora, youtuber, artista visual e performer. Hackeando o (cis)tema e o mercado das artes, tem traçado uma carreira artística de enfrentamento das normas heteronormativas e com o debate do corpo dissidente em todos os territórios. Em 2022, lançou “Santa Bandida”, uma parceria com a artista Aya para o projeto musical “Sinestesia”, que investigou as fronteiras entre musicalidades e as artes visuais. Em 2024, Ros4 Luz fez sua primeira exposição individual, “Esse Casco Pode Ter Tudo Que Esse Casco Quiser Ter!” na galeria Central em São Paulo, expondo 10 anos de carreira de suas intersecções entre música, vídeo, fotografia, performance e instalação. A multiartista também possui obras no acervo do Museu da Diversidade de São

Paulo, e séries fotográficas expostas no MAM-SP, na Bienal de Curitiba, no MASP, entre outros.

De Clandestina a Puta

[...]

*De clandestina a puta
O meu corpo tá marcado
Pra morrer nesse sistema
Que não ver o nosso lado
Mas agora descolonizada
Quero paz pra minha favela
Chego com as pretas*

Pra calar os zé roela

*De juiz a deputado
Apresento mais um fato
Preconceito quer defeito
Mais uma mina no ato
Nêga preta, mina trans do gueto
Que já patologiza a minha identidade
Mas aqui eu sou rainha
[...]*

ROS4 LUZ

Beyond rhyming, with striking compositions and lyrics, especially in the hip-hop scene, Ros4 Luz is a rapper, communicator, YouTuber, visual artist, and performer. Hacking the (cis)theme and the art market, she has forged an artistic career challenging heteronormative norms and fostering debate about the dissident body across all territories. In 2022, she released “Santa Bandida,” (Saint Bandit) a collaboration with artist Aya for the musical project “Sinestesia,” which explored the boundaries between musicality and the visual arts. In 2024, Ros4 Luz held her first solo exhibition, “Esse Casco Pode Ter Tudo Que Esse Casco Quiser Ter!” (This Hull Can Have Everything This Hull Wants To Have!) at Galeria Central in São Paulo, showcasing a 10-year career of her intersections of music, video, photography, performance, and installation. The multi-artist also has works in the collection of the São Paulo Museum of Diversity, and photographic series exhibited at MAM-SP, the Curitiba Biennial, MASP, among others.

CATTO

Catto is a Brazilian transgender, non-binary artist, singer, instrumentalist, composer, illustrator, and designer. She gained fame at a young age with works focused on MPB, samba, and modern tango, but over time, she expanded into other genres, such as jazz, rock, and bolero, among others. Possessing an unmistakable, crystal-clear voice, in 2022, the singer performed as a mermaid, with a tail approximately 1.20 meters long, opening the stage show called “The Birth of Venus.”



Imagem de divulgação do álbum *Belezas são coisas acesas por dentro* (Foto: Juliana Robin, 2023).
Promotional image for the album *Belezas são coisas acesas por dentro*.

CATTO

Catto é uma artista trans não binária, cantora, instrumentista, compositora, ilustradora e designer brasileira. Ganhou fama ainda muito jovem, com trabalhos voltados para a MPB, o samba e o tango moderno, mas com o tempo, avançou para outros gêneros, como o jazz, o rock e o bolero, entre outros. Dona de uma voz inconfundível e cristalina, em 2022 a cantora apresentou-se como sereia, em uma calda de aproximadamente 1,20m de comprimento, abrindo o show no palco chamado “O Nascimento de Vênus”.

Madrigal

*Você nem parece crer no
que os teus olhos veem
Não foi um beijo de amor
aquele que eu lhe roubei
Mas você pode me chamar
como você quiser
Mas você pode me chamar
como você quiser
Eu sou o farol dessa noite
estroboscópica
Auto-erotismo, conceito,
estrela insólita
E você pode dar pra mim
o rosto que quiser
E derramar em mim o
mel e as dores que quiser
São três desejos, nada
mais, o que eu quero te
dar
Baby, isso nunca será
pessoal
Madrigal
E o fogo que me levará
Aos teus braços
[...]*

JALOO

Jaloo é uma cantora, compositora, DJ e produtora musical brasileira, considerada uma das expoentes da música indie e eletrônica no Pará. Em 2023, afirmou sua identidade não-binária de gênero fluido, passando a utilizar pronomes femininos. Começou a carreira em 2010 com remixes e mashups entre artistas internacionais e nacionais, explorando a tecnologia como um instrumento. Seu terceiro álbum, MAU, foi escolhido pela Associação Paulista de Críticos de Arte como um dos 50 melhores álbuns nacionais de 2023.

Mau

Mau, mau

Nós é animal

Cê nem sabe o que é ser gente

Então engole meu pau

(Por quê?)

O superego não controla você

(Por quê?)

Nós tá vivendo em troca de

prazer

[...]

PAOLA VALENTINA XAVIER

Paola é atriz e interprete de músicas com composições fortes, sobre liberdade, resistência e empoderamento do corpo feminino, seja ele cis ou trans. Com um repertório direcionado nas grandes cantoras do jazz e blues, como Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Nina Simone, Billie Holiday, entre outras, seu show “Trans Jazz by Divas” é um convite a autoaceitação e autonomia feminina, ao mesmo tempo em que celebra vozes e corpos de mulheres negras que fizeram história e gritaram suas dores através da música.

Enquanto artista, mulher, negra e trans, sua existência em um corpo minorizado faz do jazz uma força de pertencimento. É ter no peito o grito ancestral de um povo marcado pela escravidão e injustiças, fazendo da voz a única ferramenta de comunicação entre a dor, os sonhos e a emancipação dos corpos. A improvisação do ritmo se torna um reflexo dos altos e baixos que a vida nos proporciona, sem deixar cair o tom da esperança de uma vida melhor.

O jazz é minha conexão com o sagrado de forma TRANScendente.

PAOLA VALENTINA XAVIER

Paola is an actress and performer of songs with powerful compositions about freedom, resistance, and the empowerment of the female body, whether cis or trans. With a repertoire centered on the great jazz and blues singers such as Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Nina Simone, Billie Holiday, and others, her show “Trans Jazz by Divas” is an invitation to self-acceptance and female autonomy, while also celebrating the voices and bodies of Black women who made history and cried out their pain through music.

As an artist, a woman, Black and trans, her existence in a minoritized body makes jazz a force of belonging. It is carrying in one’s heart the ancestral cry of a people marked by slavery and injustice, making the voice the only tool of communication between pain, dreams, and the emancipation of bodies. The improvisation of the rhythm becomes a reflection of the ups and downs that life throws at us, without losing the tone of hope for a better life.

Jazz is my connection to the sacred in a TRANScendent way.



(Foto: Adriano Escanhueta, 2025).

Imagem de divulgação do álbum MAU.
(Direção de fotografia: Ivan Erick, 2023)
Promotional image of the album MAU.

JALOO

Jaloo is a Brazilian singer, songwriter, DJ, and music producer, considered a leading figure in indie and electronic music in Pará. In 2023, she affirmed her gender-fluid, non-binary identity, beginning to use female pronouns. She began her career in 2010 with remixes and mashups featuring international and Brazilian artists, exploring technology as a tool. Her third album, MAU, was chosen by the São Paulo Association of Art Critics as one of the 50 best Brazilian albums of 2023.

Mas saibam que não é de hoje que a sonoridade enlaça um casamento entre música e a comunidade trans. Na música eletrônica, há uma interseccionalidade histórica. Nos anos 1960, estudos feitos entre a musicista, compositora e física estadunidense Wendy Carlos – que até então não havia se transicionado – e o engenheiro musical Robert Moog resultaram na produção do primeiro sintetizador modular chamado de Moog Synthesizer, descritos na época como “dispositivo que poderia reproduzir eletronicamente o som de instrumentos musicais convencionais, além de produzir multiplicidades de sons artificiais”.

Em 1968, Wendy Carlos reproduziu eletronicamente uma coletânea de músicas de Johann Sebastian Bach com seu sintetizador num álbum chamado *Switched-on Bach*. O resultado gerou destaque e popularidade, fazendo com que a compositora





Wendy Carlos em seu estúdio, 1979. (Foto: Len DeLessio / Corbis / Getty Images)
Wendy Carlos in her recording studio, 1979.

ganhasse três prêmios Grammy, sendo a primeira pessoa trans a receber esse prêmio e reconhecimento. É fato que somente nos anos 1980 Wendy assumiu sua transgeneridade, e, após sua cirurgia de ressignificação de gênero, explicou que fazia a ela sentido unir corpo e máquina por meio da música, ou seja, expressão, linguagem e identidade fundidos! Ela ainda assinou as trilhas sonoras de filmes, como *Laranja Mecânica* de Stanley Kubrick (1971) e *O Iluminado* (1980). Wendy está viva até hoje e continua a inspirar: a multiartista trans Arca produz suas próprias músicas com uma versão reduzida do equipamento criado pela Wendy, abordando conceitos de gêneros e binariedade.

Uma tese da Universidade de San Diego de 2023 conceitua o surgimento da música eletrônica com o corpo trans. Intitulada *I Gotchu: The Transmogrification of Electronic Sound*, de Emily Lorraine Ramirez Uribe, uma mulher trans, a tese faz um paralelo entre a modificação da música eletrônica com a transformação do corpo dissidente e transição de gênero: ao criar uma distorção da música pelos sintetizadores, criam-se outros significados e sentidos

completamente diferentes. Seja em termos musicais ou sociais, quebram-se paradigmas em uma prática totalmente anticonservadora!

Com tudo isso, reflito como é interessante perceber como a comunidade queer, ao longo do tempo, foi desassociada a essas cenas musicais e hoje artistas trans retomam essa ancestralidade sonora dando continuidade a esse legado em um movimento artístico de protagonismo musical.

Ouvir música nos coloca em outro estado mental, psíquico e emocional de transcendência. Mudamos a “vibe”, o clima, reconhecemos que essa energia sonora nos faz melhor. A atmosfera musical nos (re)condiciona. É muito simbólico que temos tantos artistas trans, poetas da palavra e da voz, produzindo e trazendo na sonoridade algo que nos atravessa com essa potência. Um dos desejos dessa matéria era evidenciar talentos ímpares, tão significativos, com poesias profundas que nos descreve, nus, transparentes, declarando o amor, a dor, o afeto e o sensível. É agradecer e ouvi-les! <T>

But you must know that sound has long been a marriage between music and the trans community. In electronic music, there’s a historical intersectionality. In the 1960s, studies between American musician, composer, and physicist Wendy Carlos – who had not yet transitioned – and musical engineer Robert Moog resulted in the production of the first modular synthesizer, called the Moog Synthesizer, described at the time as “a device that could electronically reproduce the sound of conventional musical instruments, as well as produce a multitude of artificial sounds.”

In 1968, Wendy Carlos electronically reproduced a collection of music by Johann Sebastian Bach with her synthesizer on an album called “Switched-on Bach.” The result generated notoriety and popularity, earning the composer three Grammy Awards, becoming the first trans person to receive this award and recognition. It’s true that it wasn’t until the 1980s that Wendy came out as transgender, and after her gender reassignment surgery, she explained that it made sense to her to unite body and machine through music – that is, expression, language, and identity fused together! She also

*composed soundtracks for films such as Stanley Kubrick’s *A Clockwork Orange* (1971) and *The Shining* (1980). Wendy is still alive today and continues to inspire: trans multi-artist Arca produces her own music with a scaled-down version of Wendy’s equipment, addressing concepts of gender and binarity.*

A 2023 thesis from the University of San Diego conceptualizes the emergence of electronic music with the trans body. Titled “I Gotchu: The Transmogrification of Electronic Sound,” by Emily Lorraine Ramirez Uribe, a trans woman, the thesis draws a parallel between the modification of electronic music and the transformation of the dissident body and gender transition: by distorting music through synthesizers, completely different meanings and senses are created. Whether musically or socially, paradigms are shattered in a completely anti-conservative practice!

With all this, I reflect on how interesting it is to see how the queer community, over time, was disassociated from these musical scenes, and today trans artists are reclaiming this sonic heritage, continuing this legacy in an artistic movement of musical protagonism.

Listening to music puts us in a different mental, psychological, and emotional state of transcendence. We change the vibe, the climate, and recognize that this sonic energy makes us better. The musical atmosphere (re)conditions us. It’s very symbolic that we have so many trans artists, poets of the word and voice, producing and bringing to sound something that permeates us with such power. One of the goals of this article was to highlight such unique, significant talents, with profound poems that describe us, naked, transparent, declaring love, pain, affection, and sensitivity. It’s worth thanking and listening to them! <T>



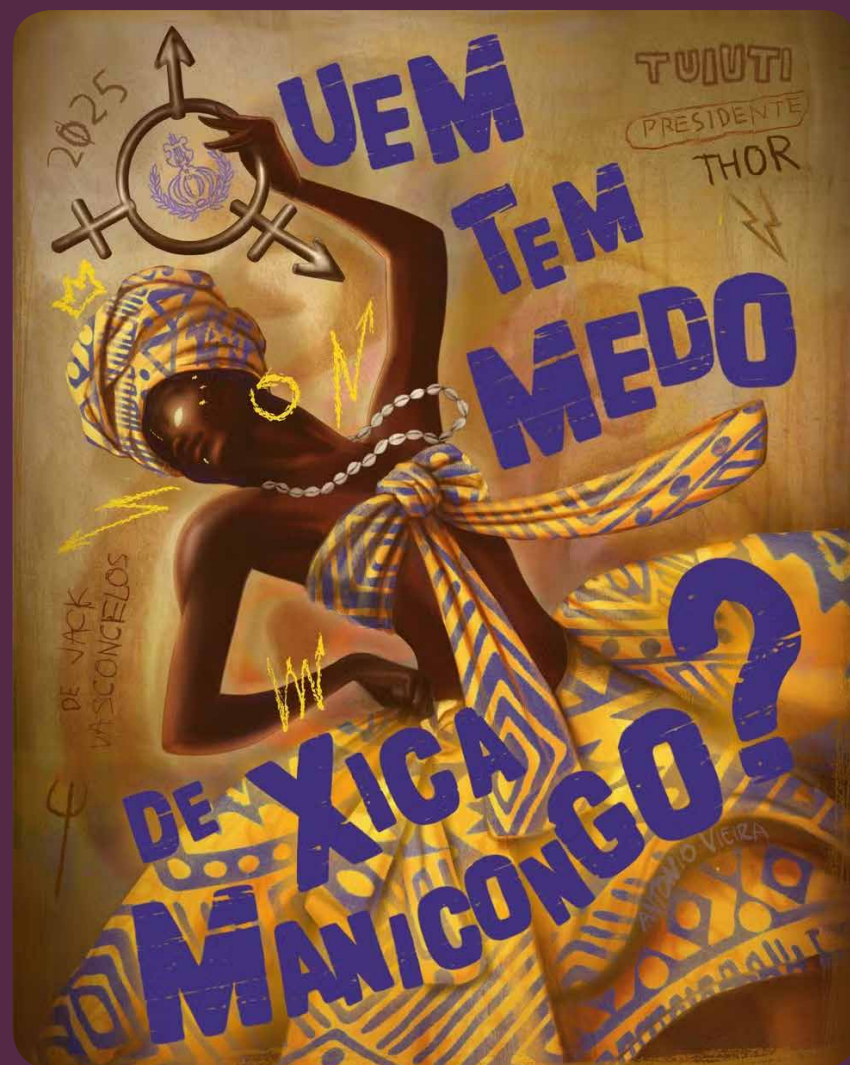
Capa do álbum *Mutant* (2015) da cantora e produtora venezuelana trans Alejandra Gheri Rodríguez, conhecida como Arca.
Cover of the album *Mutant* (2015) by Venezuelan trans singer and producer Alejandra Gheri Rodríguez, known as Arca.



Quem tem medo de Xica Manicongo?

Samba enredo da **G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti** em 2025, contando a história da primeira travesti do Brasil.

*A cada 34 horas
Há um assassinato de pessoa LGBTQIAPN+
Colocando o Brasil como número 1 neste tipo de morte violenta
Por isso, trazer luz à história de Xica Manicongo é fundamental
O Paraíso do Tuiuti é Xica
Todas somos Xica
Xica vive na fumaça*



EDITOR'S NOTE:
Who's Afraid of Xica Manicongo? was the samba by G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti in 2025, telling the story of Brazil's first travesti. The song lyrics were not translated because they don't make the same sense in English.

*Vim da África Mãe, ê-ô
Mas se a vida é vã, ê-ô (mumunha)
Kimbanda me fiz, nganga é raiz
Eu pego o touro na unha*

*Ê pajubá
Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê
É mojubá
Põe marafo, fubá e dendê
Ê pajubá
Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê
É mojubá
Põe marafo, fubá e dendê*

*Só não venha me julgar, ô-ô
Pela boca que eu beijo
Pela cor da minha blusa
E a fé que eu professar
Não venha me julgar
Eu conheço o meu desejo
Este dedo que acusa
Não vai me fazer parar*

*Faz tempo que eu digo não
Ao velho discurso cristão, sou
Manicongo
Há duas cabeças em um coração
São tantas e uma só, eu sou a
transição
Carrego dois mundos no ombro*

*Vim da África Mãe, ê-ô
Mas se a vida é vã, ê-ô (mumunha)
Kimbanda me fiz, nganga é raiz
Eu pego o touro na unha*

*(Eu sou) a bicha, invertida e vulgar
A voz que calou o cis-tema
A bruxa do conservador
O prazer e a dor
Fui pombogirar na jurema
Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha
As perseguidas na parada popular
E a Mavambo reza na mesma cartilha
Pra quem tem medo, o meu povo vai gritar*

*Eu, travesti
Estou no cruzo da esquina
Pra enfrentar a chacina
Que assim se faça
Meu Tuiuti
Que o Brasil da terra plana
Tenha consciência humana, Xica vive na
fumaça*



Trans e travestis na Comissão de Frente da Paraíso do Tuiuti, 2025.
(Foto: Tomaz Silva / Agência Brasil)
Trans and travesties in the Paraíso do Tuiuti Front Commission, 2025.

Passarela transvestigeneres: Pertencimento, ativismo, corpo, arte e expressão.

por Marcos Rossetton

Transvestigenera é a somatória das palavras travesti, transexual e transgênero, uma palavra da comunidade T para a comunidade T – cunhada por Indianarae Siqueira, idealizadora da Casa Nem, em 2015 – que fosse mais abrangente e findasse a briga de definições. “Se travesti é um termo cultural da sociedade cis heteronormativa que significa travestir-se da identidade oposta, nós somos mais que somente vestimentas. Se transexual é um termo mais médico que significa modificações corporais, nós somos além de genitálias ou modificações corporais. Se transgênero é um termo internacional que significa identificar-se com o gênero oposto ao que te foi assinalado ao nascer, nós vamos além do gênero. Somos TRANS, porque vamos além do binarismo de gênero da sociedade cis heteronormativa; VESTIR o que nós gostamos, da forma e na qual nos sentimos confortáveis; e GÊNERO, pois transitamos entre os gêneros ou nem ter gênero, com a letra E para neutralizar a linguagem”, define Indianarae.

Há uma revolução acontecendo na cena fashion, que transpassa a moda como plataforma que dita tendências e que vai além de manter sua relação em um viés de caráter artístico. Ela amplia sua percepção a uma naturalização estética ao expor pela passarela um corpo trans e travesti com empoderamento e enfrentamento ao mercado dominante e exclusivo para corpos cis e sua imposição padrão heteronormativa.

A moda hoje não se refere apenas à roupa, mas sim às pessoas. Portanto, moda também é linguagem, arte e reflexão social! Tornou-se uma mídia potente de ativismo político, territorial e de expressão identitária. Dentro dessa premissa, percebemos que a transexualidade está na moda, ora expondo uma comunidade com voz ativa, força e desejo de pertencimento, ora ressignificando histórias de rejeição, sofrimento e dor em empoderamento e ousadia. Criam-se novos prismas para uma beleza além do olhar da cisgeneridade e, por fim, evidencia novas estéticas.

Surgem modelos desfilando em passarelas globais, naturalizando corpos, belezas e identidades trans. Um exemplo atual e marcante aconteceu no evento anual VSFashion Show 2024 – o fashion show icônico da marca internacional de lingerie Victoria's Secret em seu retorno às passarelas – quando a brasileira Valentina Sampaio se tornou, aos 26 anos, a primeira modelo trans a desfilarem e ser contratada. Foi um ato histórico, já que a marca é referência no mercado de luxo, com sua trajetória, branding e todo um posicionamento de marketing que evidencia corpos cisgêneros, passando a incorporar corpos diversas e dissidentes em sua passarela.



Valentina Sampaio na passarela da VSFashion Show 2024.
(Foto: Dimitrios Kambouris/Getty. Fonte: People.com)
Valentina Sampaio walks the runway for the VS Fashion Show 2024.

É importante pontuar que o corpo transvestigeneres na moda, construído por pessoas trans e travestis, têm ocupado e transformado espaços até então negligenciados e historicamente dominado por corpos cisgêneros brancos. Estudos globais e comportamentais destacam a importância da representatividade e da diversidade nos desfiles, campanhas e editoriais de moda, e como a presença de modelos trans e travestis contribui para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de uma moda mais inclusiva e plural:

8=D Corpo como território

político: Uma análise de como o corpo trans e travesti é utilizado como forma de expressão e de resistência, desafiando as normas de gênero e beleza impostas pela sociedade.

8=D Moda como ferramenta de empoderamento:

A moda vista como um instrumento de empoderamento para pessoas trans e travestis, permitindo que elas se sintam representadas e valorizadas.

8=D Desafios e avanços:

Apontamento dos desafios enfrentados por modelos trans e travestis no mercado da moda, como a falta de oportunidades e o preconceito, e a celebração dos avanços conquistados nos últimos anos.

8=D Impacto na sociedade:

Discussão de como a maior visibilidade de pessoas trans e travestis na moda contribui para a mudança de mentalidades e para a construção de uma sociedade mais tolerante e inclusiva.

8=D Campanhas publicitárias:

Diversas marcas têm investido em campanhas com modelos trans e travestis, como a modelo trans negra Jari Jones pela Calvin Klein em 2020 e a cantora trans Candy Mel – na época da Banda Uó – pela Avon em 2015.

8=D Desfiles de moda: A presença de modelos trans e travestis em passarelas de moda tem aumentado, como no caso da São Paulo Fashion Week e do Dragão Fashion Brasil.

8=D Personalidades influentes:

Modelos como Valentina Sampaio, Laverne Cox e Jamie Raines têm se destacado na indústria da moda e se tornado referência para a comunidade LGBTQIA+. Laverne é mais conhecida pela personagem Sophia Burset, na série *Orange Is The New Black*, que lhe rendeu uma indicação ao Emmy Awards na categoria melhor atriz convidada numa série de comédia.

Atenta a essa revolução, a *Falo Magazine* ressalta que a moda, enquanto expressão artística, traz pessoas importantes que abrem caminhos e, por isso, pretende destacar figuras relevantes e cenários artísticos que revelam essa mudança do *status quo*.

COMBOS TRANS: UM CENÁRIO ATUAL NO BRASIL

Em cenários brasileiros, é possível identificar movimentos de união que são verdadeiros “combos trans” que expõem a força e o talento de travestis, pessoas trans e pessoas NBs: marcas de moda e coletivos criaram seus próprios territórios; profissionais criativos se firmam no mercado; artistas de cenas para além da moda se reúnem para fortalecer apresentações e imagens inovadoras, com arte e transgressão. Veja alguns exemplos:

8=D Em uma apresentação histórica no MAC da USP de São Paulo, para a Casa de Criadores 43 de 2018, a marca Isaac Silva – hoje transicionada para Isa Silva – apresentou sua coleção verão reverenciando Xica Manicongo, considerada a primeira travesti brasileira, numa passarela com corpos diversos de pessoas trans e trilha sonora da cantora trans Urias.



A ativista Neon Cunha, a estilista Isa Silva e a cantora Urias. (Foto: Marcelo Soubhia / FOTOSITE. Fonte: EmergeMag)
Activist Neon Cunha, fashion designer Isa Silva and singer Urias.



A cantora Mel Gonçalves, da Banda Uó, em campanha nacional da Avon, em 2015.
(Foto: Divulgação. Fonte: Globo.com)
Singer Mel Gonçalves, from Banda Uó, in a national Avon campaign, in 2015.

8=D Na Casa dos Criadores 55 de 2024, a multiartista, curadora e ativista A TRANSÄLIEN assinou a direção artística do desfile “Espectro Visível”, que celebrou os 10 anos da marca TRASHRealOficial da estilista Dayony Moura. Na passarela, várias modelos da comunidade T desfilaram, apresentando novas estéticas para um novo modelo de moda, disruptivo e inclusivo aos ditos corpos dissidentes.



O artista Pedro Jorge desfila para a Trash.
(Foto: Marcelo Soubhia / FOTOSITE. Fonte: Facebook da Trash)
Artist Pedro Jorge walks the runway for Trash.

8=D GUMA JOANA + SUKEBAN são duas marcas de moda que uniram forças para realizar uma denúncia social nos holofotes do *catwalk* paulistano: em um desfile “transancestral” com protagonismo trans, muita performance e atitude política, as marcas relembrou a *Operação Tarântula*, uma ação truculenta de policiais da capital paulista nos anos 1980 que, com apoio popular, tinha o objetivo de eliminar das ruas as ameaças à “família tradicional brasileira” e fez mulheres trans e travestis que trabalhavam na rua como alvo principal.



Fotos: Marcelo Soubhia / FOTOSITE. Fonte: Instagram da SukebanWear.

8=D Em julho de 2025, a marca SUKEBAN abordou o consumismo em geral – da carne, da pele, da moda e do corpo travesti. No desfile da edição 56 da Casa de Criadores, a estilista Sim Sukeban expôs a relação entre o consumo de carne e as roupas com pele de animais com corpos trans vestindo essas peles garimpadas na Europa. O resultado metaforicamente foi a reflexão da pele do corpo trans em diálogo com a pele animal, sendo ambas consumidas pelo sistema da moda, da rua e do cotidiano.



A estila Sim Sukeban desfila para sua marca.
(Fotos: Marcelo Soubhia / FOTOSITE. Fonte: Instagram da SukebanWear)
Fashion designer Sim Sukeban walks the runway for her brand.

8=D A marca disruptiva e contestadora XYBOIA questionou na Casa de Criadores 55 as estéticas e a passabilidade trans masculina, uma vez que o mercado de moda procura preencher a “cota trans” com trans femininas que tenham passabilidade cis, aumentando a invisibilidade da trans masculinidade. “Nesse jogo de sobrevivência, estamos conseguindo nos sentir gostosos sem nos preocuparmos com passabilidade?” trouxe a marca em um desfile que protagonizou a estética trans masculina como propositora de um outro modo de ver e fazer moda – e ainda contou com participação ao vivo do rapper trans Ju77iter.



Fotos: Marcelo Soubhia / FOTOSITE. Fonte: House of Models.

Imagem de divulgação da primeira temporada do reality show.
Promotional image from the reality show's first season.



8=D Em 2022, o reality show televisivo “Born To Fashion”, exibido pelo canal E!, trouxe um parâmetro da inteligência estética, criativa e fashion com os protagonismos trans e não-binário na frente e atrás das câmeras, com a equipe e direção do programa feito exclusivamente por pessoas trans e NB. Em seu roteiro, o reality buscou divulgar a realidade da carreira de modelos trans que assinaram contrato de um ano com agências de modelos, dando visibilidade a inúmeros profissionais da indústria da moda. Nessa leva criativa, podemos destacar a direção de episódios do reality por Cássio Kelm e Luz Barbosa, o talento transmasculino do beauty and hair Sasa Ferreira e o roteiro de Alice Marccone – que também é atriz, cantora, ganhadora do Prêmio ABRA de melhor roteirista pela série Todxs Nós da HBO, e co-escritora da série Manhãs de Setembro, disponível na Amazon Prime, protagonizada pela cantora Liniker. Em 2024, a segunda temporada do reality trouxe mais novidades, como a inclusão de pessoas trans masculinas na competição e a presença de mais talento trans nos bastidores – a estilista Isa Silva, os fotógrafos Caia Ramalho e Daniel Zezza, a cantora e dançarina Danna Lisboa, o modelo Sam Porto, as artistas Luísa Marilac e Giovanna Heliodoro, a stylist Aneco Oblangata, a influenciadora e modelo Gabi Ádie, e a participante da primeira temporada, Giorgia Narciso, integrando o time de roteiristas.



Fotos de bastidores.
(Fotos: Beni Blazquez. Fonte: Instagram de Alice Marccone)
Behind-the-scenes photos.



Acima, capa de uma edição especial da Playboy somente com fotos da Roberta Close e, abaixo, ágina da Vogue francesa com foto de Lea T. nua feita por Riccardo Tisci.

(Fonte: Globo.com)

Above, the cover of a special edition of Playboy with only photos of Roberta Close and, below, French Vogue page with nude photo of Lea T. taken by Riccardo Tisci.

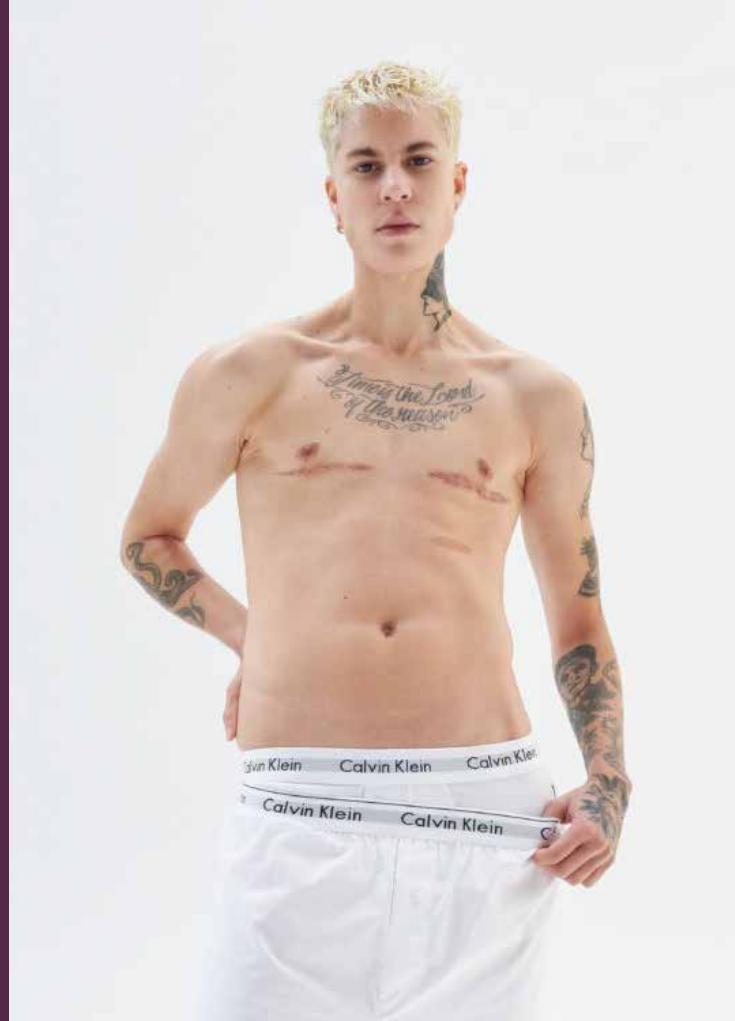


É fundamental citar alguns nomes referências nas passarelas nacionais e internacionais, bem como a nova geração que configura a cena fashion com singularidade e empoderamento, indicando novas estéticas, padrões, corpos e belezas para além da cisgeneridade que colocam a moda como um pulsar vivo que reflete e transforma a sociedade.

8=D Nos anos 1980, Roberta Close se tornou uma celebridade nacional, supermodelo, atriz e apresentadora. Em 1981, adquiriu o título de Miss Brasil Gay e, em seguida, desfilou para marcas internacionais icônicas como Thierry Mugler e Jean Paul Gaultier, além de estampar editoriais na revista Vogue e Marie Clarie. Roberta Close abriu precedentes significativos para a comunidade trans, sendo a primeira modelo trans a posar nua para a revista Playboy em maio de 1984. Na capa, a chamada: “Incrível. As fotos revelam porque Roberta Close confunde tanta gente”. Posteriormente, em entrevista negou-se ser mulher trans, afirmando ser intersexo, até que, em 1990, a artista saiu novamente nua na Playboy após sua cirurgia de redesignação.

8=D Lea T. – nome artístico de Leandra Medeiros Cerezo – é uma estilista e modelo brasileira que se tornou famosa na Europa, em 2010, por ter sido uma das estrelas da campanha outono/inverno da grife francesa Givenchy e ter sido destaque em um ensaio nu da revista Vogue francesa. Riccardo Tisci, diretor da Givenchy na época, disse que a escolha da brasileira “reforçava a dicotomia masculino/feminino” que costumava desenvolver em seu design. Lea T. é filha do ex-jogador de futebol Toninho Cerezo e foi a primeira pessoa abertamente transgênero a aparecer em uma cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos – de bicicleta, apresentando a delegação brasileira, durante a cerimônia de abertura no Rio, em 2016.

8=D A modelo australiana de etnia bósnia, croata e sérvia, Andreja Pejic, transicionou ao longo da carreira na passarela, sendo precursora no cenário fashion, expondo moda, corpo e atitude como expressão de vida. Ainda na fase andrógina (como era comercialmente vista e requisitada), desfilou para grandes marcas, tanto no segmento feminino e quanto no masculino. Pejic também



possui participações no cinema, como em *Millenium - A garota na teia da aranha* (2018) e *Daliland* (2022), sobre Salvador Dalí.

8=D Em 2017, o até então tatuador de Brasília, San Porto, se arriscou como modelo no Brasília Trends Fashion – um evento que reunia moda, design, arquitetura e fotografia na capital brasileira. Hoje San Porto é referência em campanhas e desfiles, já tendo posado para nomes importante da moda, como o fotógrafo Mario Testino, e sendo capa nas principais revistas, como ELLE, L’officiel Hommes Brasil, Vogue Br e GQ Brasil. Porto foi o primeiro modelo transexual masculino a desfilas no evento São Paulo Fashion Week em 2019, pela marca Cavaleira, tendo, em seu abdômen, as palavras escritas “respeito trans” e se ajoelhado na passarela com as mãos unidas implorando respeito. “O que fiz foi pedir o mínimo!”, explicou o modelo na ocasião, onde recebeu liberdade para se expressar na passarela no momento do desfile. Sua performance repercutiu em veículos de todo o mundo, como o The Washington Post.

8=D Natural do arquipélago de Cairu, na Bahia, Oda Thaylor viu sua vida mudar repentinamente ao ser revelada pelo *The Look Of The Year* em 2020 e ter sido destaque em desfiles no SPFW. “Sou travesti, preta, já morei numa casa de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ em Salvador, chamada Casa Aurora. Identidade de

Andreja Pelic por Mario Testino e San Porto por Pedro Pinho.
(Fonte: Vogue/Globo.com)



Ao lado, Oda Cairu para Scape Mag (Foto: Adriano Damas. Fonte: Instagram da modelo), e, acima, Lilith Mafra como diabo para a Dellux (Foto: Marcelo Soubhia/FOTOSITE. Fonte: Internet). On the side, Oda Cairu for Scape Mag, and, above, Lilith Mafra as the devil for Dellux.

gênero, sexualidade, empoderamento racial e questões sociais me atravessam e marcam a composição de minha história. Tudo isso reverbera na pessoa que eu sou. Também tenho a intenção de quebrar esse tabu que existe com a palavra ‘travesti’. É importante desmistificar as questões que a palavra traz. Retirar desse lugar de marginalização, como se fosse algo pejorativo. É uma palavra que nomeia uma identidade e é única”, afirma a modelo.

8=D Lilith Mafra é de uma safra atual de modelos trans contemporâneas da cena paulistana, que já desfilou para Fernando Conzedey, Guma Joana, Sukeban, Riddin, NE Recycled, Sillas Filgueira, Notequal, e abriu o desfile de Brun Dellun como diaba para a edição 55 da Casa de Criadores. Mafra também participou do Miss Brasil Top Trans em 2019.

São cada vez mais numerosas as referências, todas engajadas por presença e mudanças na moda, observando o mercado e os comportamentos sociais. Há um forte posicionamento de não-conformidade, onde a moda é entendida como linguagem crítica para abrir caminhos, criar novas estéticas e produzir visões de mundo que subvertem a lógica binária cis heteronormativa. O corpo dissidente vira instrumento, suporte e holofote para uma moda potencializada com engajamento e frescor ao expor. <T>

TRANSVESTIGENDERS FASHION CATWALK: Belonging, activism, body, art and expression

by Marcos Rossetton

Transvestigender is the sum of the words travesty, transsexual, and transgender, a word from the T community for the T community – coined by Indianarae Siqueira, founder of Casa Nem, in 2015 – that would be more comprehensive and end the dispute over definitions. “If travesty is a cultural term from cisheteronormative society that means dressing up as the opposite identity, we are more than just clothing. If transsexual is a more medical term that means body modifications, we are more than genitalia or body modifications. If transgender is an international term that means identifying with the gender opposite to the one assigned at birth, we go beyond gender. We are TRANS because we go beyond the gender binary of cisheteronormative society; we DRESS what we like, in the way and in which we feel comfortable; and GENDER, because we transition between genders or have no gender at all,” defines Indianarae.

There’s a revolution happening in the fashion scene that transcends fashion as a trend-setting platform and goes beyond maintaining its relationship with an artistic dimension. It broadens its perception to an aesthetic naturalization by showcasing trans and travesty bodies on the catwalk, empowering them and challenging the dominant, exclusive market for cis bodies and its imposed heteronormative standards.

Fashion today isn’t just about clothes, but about people. Therefore, fashion is also language, art, and social reflection! It has become a powerful medium for political activism, territoriality, and identity expression. Within this premise, we see that transsexuality is in fashion, sometimes exposing a community with an active voice, strength, and a desire to belong, and sometimes reframing stories of rejection, suffering, and pain into empowerment and boldness. New prisms are created for a beauty beyond the cisgender gaze and, ultimately, revealing new aesthetics.

Models are emerging on global runways, naturalizing trans bodies, beauty, and identities. A recent and striking example occurred at the annual VSFashionShow 2024 – the iconic fashion show of international lingerie brand Victoria’s Secret, returning to the catwalk – when

Brazilian Valentina Sampaio became, at age 26, the first trans model to walk and be hired. It was a historic event, as the brand is a benchmark in the luxury market, with its trajectory, branding, and marketing positioning that highlights cisgender bodies, beginning to incorporate diverse and dissident bodies on its runways.

It’s important to note that the transvestigender body in fashion, constructed by trans and travesty people, has occupied and transformed spaces previously neglected and historically dominated by white cisgender bodies. Global and behavioral studies highlight the importance of representation and diversity in fashion shows, campaigns, and editorials, and how the presence of trans and transvestite models contributes to deconstructing stereotypes and promoting more inclusive and pluralistic fashion:

8=D Body as political territory: *An analysis of how the trans and travesty body is used as a form of expression and resistance, challenging the gender and beauty norms imposed by society.*

8=D Fashion as a tool for empowerment: *Fashion is seen as an instrument of empowerment for trans and travesty people, allowing them to feel represented and valued.*



Khiara Valentine desfile para a Trash.
(Foto: Marcelo Soubhia / FOTOSITE. Fonte: Facebook da Trash)
Khiara Valentine walks the runway for Trash.

8=D Challenges and Advances: *Highlighting the challenges faced by trans and travesty models in the fashion market, such as lack of opportunities and prejudice, and celebrating the progress made in recent years.*

8=D Impact on society: *Discussion of how greater visibility of trans and travesty people in fashion contributes to changing mentalities and building a more tolerant and inclusive society.*

8=D Advertising campaigns: *Several brands have invested in campaigns with trans and travesty models, such as the black trans model Jari Jones for Calvin Klein in 2020 and the trans singer Candy Mel – at the time of Banda Uó – for Avon in 2015.*

8=D Fashion shows: *The presence of trans and travesty models on fashion runways has increased, as in the case of São Paulo Fashion Week and Dragão Fashion Brasil.*

8=D Influential figures: *Models such as Valentina Sampaio, Laverne Cox, and Jamie Raines have made a name for themselves in the fashion industry and become role models for the LGBTQIA+ community. Laverne is best known for her role as Sophia Burset on Orange Is the New Black, which earned her an Emmy Award nomination for Outstanding Guest Actress in a Comedy Series.*

Aware of this revolution, Falo Magazine emphasizes that fashion, as an artistic expression, brings together important people who have paved the way and, therefore, aims to highlight relevant figures and artistic scenarios that reveal this change in the status quo.

TRANS COMBOS: A CURRENT SCENARIO IN BRAZIL

In Brazilian contexts, it’s possible to identify unity movements that are true “trans combos” that showcase the strength and talent of travesties, trans people, and NB people: fashion brands and collectives have created their own territories; creative professionals are establishing themselves in the market; artists from scenes beyond fashion are coming together to strengthen innovative presentations and images, with art and transgression. Here are some examples:



Laverne Cox foi a primeira pessoa transgênero a estampar a capa da revista Times em 2014.
(Fonte: Internet)
Laverne Cox was the first transgender person to be on the cover of Times magazine in 2014.

8=D In a historic presentation at the Museum of Contemporary Art in São Paulo, for Casa de Criadores 43 in 2018, the Isaac Silva brand – now transitioned to Isa Silva – presented its summer collection honoring Xica Manicongo, considered the first Brazilian travesty, on a catwalk with diverse bodies of trans people and a soundtrack by trans singer Urias.

8=D At Casa dos Criadores 55 in 2024, multi-artist, curator, and activist A TRANSĂLIEN was the artistic director of the “Visible Spectrum” show, which celebrated the 10th anniversary of designer Dayony Moura’s TRASHRealOficial brand. Several models from the T community walked the runway, showcasing new aesthetics for a new, disruptive, and inclusive fashion model for so-called dissident bodies.

8=D GUMA JOANA + SUKEBAN are two fashion brands that joined forces to make a social complaint in the spotlight of the São Paulo catwalk: in a “transancestral” show with trans protagonism, plenty of performance and political attitude, the brands recalled “Operation Tarantula”, a brutal action by São Paulo police in the 1980s that, with popular support, aimed to eliminate threats to the “traditional Brazilian family” from the streets and made trans women and travesties who worked on the street its main target.

8=D In July 2025, the SUKEBAN brand addressed consumerism in general – of meat, skin, fashion, and the transgender body. In the 56th edition of Casa de Criadores, designer Sim Sukeban exposed the relationship between meat consumption and clothing made from animal skins, with trans bodies wearing these skins sourced in Europe. The metaphorical result was

a reflection of trans body skin in dialogue with animal skin, both consumed by the fashion system, the street, and everyday life.

8=D The disruptive and rebellious brand XYBOIA questioned trans masculine aesthetics and passability at Casa de Criadores 55, as the fashion market seeks to fill the “trans quota” with cis-passing trans women, increasing the invisibility of trans masculinity. “In this game of survival, are we able to feel good without worrying about passability?” the brand presented in a fashion show that showcased trans masculine aesthetics as a proponent of a different way of seeing and creating fashion – and also featured a live performance by trans rapper Ju77iter.

8=D In 2022, the television reality show “Born to Fashion,” broadcast on E!, showcased aesthetic, creative, and fashion intelligence with trans and non-binary protagonisms in front of and behind the camera, with the show’s crew and directors made up exclusively of trans and non-binary people. In its script, the reality show sought to publicize the reality of the careers of trans models who signed one-year contracts with modeling agencies, giving visibility to countless professionals in the fashion industry. In this creative wave, we can highlight the direction of episodes of the reality show by Cássio Kelm and Luz Barbosa, the transmasculine talent of beauty and hair designer Sasa Ferreira, and the script by Alice Marcone – who is also an actress, singer, winner of the ABRA Award for best screenwriter for the HBO series “Todxs Nós,” and co-writer of the series “September Mornings,” available on



Amazon Prime, starring singer Liniker. In 2024, the second season of the reality show brought more news, such as the inclusion of trans masculine people in the competition and the presence of more trans talent behind the scenes – fashion designer Isa Silva, photographers Caia Ramalho and Daniel Zezza, singer and dancer Danna Lisboa, model Sam Porto, artists Luísa Marilac and Giovanna Heliodoro, stylist Aneco Oblangata, influencer and model Gabi Ádie, and first season participant Giorgia Narciso, joining the writing team.

It is essential to mention some names that are references on national and international catwalks, as well as the new generation that shapes the fashion scene with singularity and empowerment, indicating new aesthetics, standards, bodies and beauties beyond cisgenderism that place fashion as a living pulse that reflects and transforms society.

8=D In the 1980s, Roberta Close became a national celebrity, supermodel, actress, and presenter. In 1981, she won the title of Miss Brazil Gay and subsequently modeled for iconic international brands such as Thierry Mugler and Jean Paul Gaultier, as well as appearing in editorials in Vogue and Marie Clarie magazines. Roberta Close set significant precedents for the trans community, becoming the first trans model to pose nude for Playboy magazine in May 1984. The cover caption read: “Incredible. The photos reveal why Roberta Close confuses so many people.” Later, in an interview, she denied being a trans woman, claiming to be intersex, until, in 1990, she appeared nude again in Playboy after her reassignment surgery.

8=D Lea T. – stage name Leandra Medeiros Cerezo – is a Brazilian fashion designer and model who became famous in Europe in 2010 for being one of the stars of French fashion house Givenchy’s fall/winter campaign and for being featured in a nude photoshoot for French Vogue magazine. Riccardo Tisci, Givenchy’s director at the time, said that the Brazilian’s choice “reinforced the masculine/feminine dichotomy” he often developed in his designs. Lea T. is the daughter of former soccer player Toninho Cerezo and was the first openly transgender person to appear at an Olympic Games opening ceremony – on a bicycle, introducing the Brazilian delegation, during the 2016 Rio opening ceremony.

Lea T. de Vênus para a capa da Elle Brasil.
(Foto: Mariana Maltoni.
Fonte: Elle/Facebook)
Lea T. as Vênus for Elle Brazil.



8=D *Andreja Pejic, an Australian model of Bosnian, Croatian, and Serbian ethnicity, transitioned throughout her career on the catwalk, becoming a pioneer in the fashion scene, showcasing fashion, body, and attitude as an expression of life. While still in her androgynous phase (as she was commercially perceived and sought after), she walked the runway for major brands, both*

women's and men's. Pejic also has roles in films, including The Girl in the Spider's Web (2018) and Dalíland (2022), about Salvador Dalí.

8=D *In 2017, San Porto, a tattoo artist from Brasília, took a chance as a model at Brasília Trends Fashion – an event that brought together fashion, design, architecture, and photography in the Brazilian capital. Today, San Porto is a reference in campaigns and fashion shows, having posed for important names in fashion, such as photographer Mario Testino, and appeared on the covers of major magazines such as ELLE, L'official Hommes Brasil, Vogue Br, and GQ Brasil. Porto was the first transgender male model to walk at São Paulo Fashion Week in 2019, for the brand Cavalera, wearing the words “trans respect” written on his abdomen and kneeling on the runway with his hands clasped together, begging for respect. “What I did was ask for the least!” the model explained at the time, where he was given the freedom to express himself on the catwalk during the show. His performance was covered by media outlets around the world, such as The Washington Post.*

8=D *Originally from the Cairu archipelago in Bahia, Oda Thaylor saw her life suddenly change after being revealed by The Look of the Year in 2020 and featured in the São Paulo Fashion Week runway shows. “I’m transgender, Black, and I’ve lived in a shelter for LGBTQIA+ people in Salvador called Casa Aurora. Gender identity, sexuality, racial empowerment, and social issues permeate me and shape the fabric of my story. All of this resonates with me. I also intend to break the taboo*

surrounding the word “transgender.” It’s important to demystify the issues the word raises. To remove it from its marginalized status, as if it were something pejorative. It’s a word that names an identity and is unique,” says the model.

8=D *Lilith Mafra is one of a current crop of contemporary trans models on the São Paulo scene, having walked for Fernando Conzedey, Guma Joana, Sukeban, Riddin, NE Recycled, Sillas Filgueira, Notequal, and opened Brun Dellun’s show as a devil for the 55th edition of Casa de Criadores. Mafra also participated in Miss Brasil Top Trans in 2019.*

There are an increasing number of references, all committed to their presence and changes in fashion, observing the market and social behaviors. There is a strong stance of nonconformity, where fashion is understood as a critical language for breaking new ground, creating new aesthetics, and producing worldviews that subvert the binary, cis-heteronormative logic. The dissident body becomes an instrument, support, and spotlight for a fashion empowered by engagement and freshness in its exposure. <T>



Sam Porto ajoelha e protesta em desfile com escrita “respeito trans” no corpo.

(Foto: Arquivo pessoal do modelo. Fonte: Globo.com)

Sam Porto kneels and protests in a parade with “trans respect” written on his body.

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o

ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

benfeitoria

SEJA MAIS SEJA UM COLABORADOR!

www.benfeitoria.com/falomagazine

WWW

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

VIP DA FALO

R\$20 / mês

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

Obrigado àqueles que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Daniel Caye, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Paulo Cibella, Paulo Mendes, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Fabio Ibiapina, Marcos Resende e benfeitores anônimos.

Por que artistas cis representam o corpo trans?

Durante a concepção da primeira edição da TransFalo, notamos que a maioria das artes com nudez de pessoas trans vinha de artistas cisgênero. E daí surgiu um questionamento basal: a revista iria aceitar a produção cis com narrativas trans em suas poéticas ou ela seria um espaço exclusivo para artistas trans falarem de seus corpos? Sem demora focamos em visibilizar unicamente a produção trans em diversas linguagens artísticas.

No entanto, ficou aquela pulga atrás da orelha... Afinal, o que levava a essa pulsão de pessoas cisgênero representarem em suas obras corpos ditos dissidentes? Seria somente fetiche? E o que fazia as pessoas trans não representarem seus corpos nus? Seria um combate ao tal fetiche? Uma fuga da objetificação? Ou será que a disforia de gênero se tornou um censor impeditivo? Será tudo isso? Nada disso? Ou mais?

Dessa inquietação surgiu essa matéria. Abrimos a convocatória para a participação de artistas nesta edição sem fazer distinção imediata de identidade de gênero. Contudo, no preenchimento do formulário de inscrição, era necessário se identificar como cis, trans ou não-binária e, nesse momento, o formulário se bifurcava: artistas trans ou não-binária iam direto para o envio de material, enquanto artistas cis precisavam explicar a razão de trazer narrativas trans em suas produções.

O que você verá a seguir, são os depoimentos dos artistas cis. Entretanto, ainda com a essência de ser uma revista de autoridade trans, decidimos que os depoimentos deveriam ser lidos por um artista trans para que contrapússemos os dois lados.

Filipe Chagas e Marcos Rossetton

Why do cis artists represent the trans body?

While designing the first issue of TransFalo, we noticed that most of the artwork featuring nude trans people came from cisgender artists. This led to a fundamental question: would the magazine accept cisgender works with trans narratives in their poetry, or would it be an exclusive space for trans artists to discuss their bodies? We quickly focused on highlighting trans production in various artistic languages.

However, a lingering question remained... After all, what was driving this drive for cisgender people to represent so-called dissident bodies in their work? Was it simply a fetish? And what was stopping trans people from representing their nude bodies? Was it a fight against this fetish? An escape from objectification? Or has gender dysphoria become a hindering censor? Is it all of these? None of these? Or more?

This article emerged from this concern. We opened the call for artists to participate in this issue, without immediately distinguishing gender identity. However, when filling out the registration form, participants were required to identify as cis, trans, or nonbinary. At this point, the form split: trans or nonbinary artists went directly to submitting material, while cis artists had to explain why they were incorporating trans narratives into their work.

What you'll see below are the testimonials from the cis artists. However, still with the essence of being a trans authority magazine, we decided to have the testimonials read by a trans artist to provide a balance between the two sides.

Filipe Chagas e Marcos Rossetton



Sem título, fotografia digital, 2022.
Untitled, digital photography, 2022.

DAVI DE LACERDA

Trabalho dimensões queer da minha própria identidade, através de símbolos e representações corporais que colocam em disputa a cisnormatividade e provocam questionamentos sobre a artificialidade do genital biológico na construção dos gêneros. Além de visibilidade, considero importante destacar o papel dos corpos dissidentes como afirmação da pluralidade humana e da dignidade que toda pessoa carrega em si mesma, independentemente das categorizações normativas de sexo biológico, gênero e sexualidade.

I explore the queer dimensions of my own identity through symbols and bodily representations that challenge cisnormativity and provoke questions about the artificiality of biological genitals in the construction of gender. Beyond visibility, I consider it important to highlight the role of dissident bodies as an affirmation of human plurality and the dignity that every person carries within, regardless of normative categorizations of biological sex, gender, and sexuality.



por Noah Cidreira

Professor e pesquisador em Artes Visuais, doutorando no Programa Interdisciplinar de Cultura e Sociedade (UFBA), com mais de 35 exposições já realizadas e obras que integram acervos públicos e coleções particulares no Brasil e no Exterior.

Existe uma frase que surgiu do movimento de pessoas autistas e ganhou popularidade dentro do DEFativismo*, mas que também serve para pensar o lugar de centralidade nos discursos sobre identidade e o direito ao protagonismo trans dentro da comunidade LGBTQ+: “Nada sobre nós sem nós”. Em qualquer mobilização social que visa garantir direitos, fomentar visibilidade, acesso e legitimidade perante a sociedade e suas instituições, deve sempre respeitar a preferência dos sujeitos que carregam diariamente a sabedoria da prática de suas vidas e seus corpos.

Helena Katz e Christine Greiner falam sobre o verbo “corpar” como o conceito de “corpo-verbo”, que designa uma ação, não uma forma, não um substantivo. Corpar é um movimento constante de mudança e troca com o meio. O corpo não ser entendido como um objeto estático é fundamental para o letramento sobre a representação da temática trans nas artes. O corpo é uma forma mutável de performar a identidade em constante fluxo.

Entretanto, é necessário manter a atenção para que haja uma crítica detalhista sobre como e por quem as pautas identitárias são lideradas. A noção de preferência não converge com a exclusividade e o letramento se faz mais importante e necessário para a expansão dos direitos das pessoas trans do que a presença vazia de um corpo trans como estandarte da inclusão, mas alienado de si e do seu entorno.

Historicamente temos alianças firmadas entre minorias que foram fundamentais em conquistas por direitos. Porém, o que vemos hoje no contexto político brasileiro é uma polarização política que é fruto, em grande medida, da ausência de um diálogo de base com as classes não diretamente interessadas nas pautas consideradas de nicho, as identitárias. A ausência do cultivo de um campo cinza, em que seja possível coabitar com a diferença, a divergência e a discordância que gera a maioria dos conflitos mais violentos entre grupos com percepções sobre a vida que são discrepantes entre si.

* A sigla DEFativismo, no contexto de pessoas com deficiência, combina as palavras “DEFiciência” e “ativismo”. Refere-se a um movimento social e político que busca a defesa dos direitos, a inclusão e a participação plena das pessoas com deficiência na sociedade.

There’s a phrase that emerged from the autistic movement and gained popularity within Disability Activism*, but which also serves to reflect on the centrality of discourses on identity and the right to trans protagonism within the LGBTQ+ community: “Nothing about us without us.” Any social mobilization that aims to guarantee rights, foster visibility, access, and legitimacy before society and its institutions must always respect the preferences of individuals who daily carry the wisdom of the practice of their lives and bodies.

Helena Katz and Christine Greiner discuss the verb “to embody” as the concept of “body-verb,” which designates an action, not a form, not a noun. Embodying is a constant movement of change and exchange with the environment. The fact that the body is not understood as a static object is fundamental to literacy regarding the representation of trans issues in the arts. The body is a mutable way of performing identity in constant flux.

However, it is necessary to maintain attention to a detailed critique of how and by whom identity issues are led. The notion of preference does not converge with exclusivity, and literacy becomes more important and necessary for the expansion of trans people’s rights than the empty presence of a trans body as a standard of inclusion, but alienated from itself and its surroundings.

Historically, we have established alliances between minorities that have been fundamental in the achievement of rights. However, what we see today in the Brazilian political context is a political polarization that is largely the result of a lack of grassroots dialogue with classes not directly interested in issues considered niche, such as identity-based issues. The lack of a gray area where it is possible to coexist with difference, divergence, and disagreement generates most of the most violent conflicts between groups with divergent perceptions of life.

* Disability Activism refers to a social and political movement that seeks to defend the rights, inclusion, and full participation of people with disabilities in society.



Travestis, óleo sobre tela, 2023.
Travesties, oil on canvas, 2023.

OTAVIO OLIVEIRA

Acredito que nós artistas precisamos contribuir para a naturalização do corpo trans, visto que fizemos o mesmo durante séculos com o corpo cis. Quanto mais as pessoas verem o corpo trans em destaque, mais esse corpo se tornará “normal” para elas. A Arte é uma das poucas atividades humanas que pode fazer isso sem explorar o corpo trans.

I believe that we artists need to contribute to the naturalization of the trans body, since we have done the same for centuries with the cis body. The more people see the trans body in the spotlight, the more it will become “normal” for them. Art is one of the few human activities that can do this without exploiting the trans body.

Para além do escopo das minorias, da subalternidade e da diferença de direitos entre seres vivos, mas ainda fazendo um recorte para a esfera do humano, sempre houve o papel do aliado como mediador, como viabilizador, de negociações entre grupos distintos, rivais ou até inimigos. Porém, para que este papel de aliado seja encarnado como tal, é preciso ter um profundo conhecimento, senão vivência com as pessoas que de fato são parte daquilo que constitui a diferença – qualquer que seja – que o aliado não representa.

Uma pessoa lésbica da liderança do movimento gago que eu admiro muito me disse que não adianta fazer política de inclusão se você não “convive com” e esse conviver com, é mais profundo do que estar apenas coabitando o mesmo espaço que uma pessoa trans, frequentando as mesmas escolas que pessoas negras ou publicando em revistas com artistas indígenas. Minha colega do movimento gago se referia ao mecanismo do encontro, o passo seguinte a ser dado uma vez que superamos lógicas de distribuição desigual dos afetos, como o apartheid.

É sobre chamar para a mesa, dividir o pão, assumir a namorada travesti e levar ela para conhecer seus pais, reconhecer os conhecimentos de cientistas trans e pessoas com deficiência, fomentar alianças reais que não visem um enriquecimento hierarquizado de minorias um pouco mais bem aceitas em detrimento de outras.

Também é importante colocar em pauta, a questão de que toda essa discussão não é bagunça. Um estado de direitos, isto é, direitos humanos, ao livre pensar, ao afeto livre, à moradia, à ancestralidade, ao nome próprio, ao corpo e tudo o mais, não significa liberdade irrestrita de discursos, propagação livre de ideologias ou ausência de regulamentação. Trata-se mais de pensar, enquanto coletivo heterogêneo, como

Beyond the scope of minorities, subalternity, and the difference in rights between living beings, but still focusing on the human sphere, the ally has always played the role of mediator, facilitator, of negotiations between distinct groups, rivals, or even enemies. However, for this role of ally to be embodied as such, it is necessary to have a deep understanding of, if not experience with, the people who are truly part of that difference – whatever it may be – that the ally does not represent.

A lesbian leader of the stuttering movement, whom I greatly admire, told me that there’s no point in pursuing inclusion policies if you don’t “live with” them, and this living with goes deeper than simply sharing the same space as a trans person, attending the same schools as Black people, or publishing in magazines with Indigenous artists. My colleague from the stuttering movement was referring to the mechanism of encounter, the next step once we overcome logics of unequal distribution of affection, such as apartheid.

It’s about inviting people to the table, sharing bread, accepting your travesty girlfriend and taking her to meet your parents, recognizing the knowledge of trans scientists and people with disabilities, fostering real alliances that don’t aim for a hierarchical enrichment of slightly more accepted minorities to the detriment of others.

It’s also important to emphasize that this entire discussion isn’t a waste of time. A state of rights –that is, human rights, to free thought, free affection, housing, ancestry, one’s own name, one’s body, and everything else – doesn’t mean unrestricted freedom of speech, the free propagation of ideologies, or the absence of regulation. It’s more about thinking, as a heterogeneous collective, how we



CAIO BORGES

Desde criança a transgeneridade me fascina. Durante minha infância fui arrebatado pelo carisma da Rogéria e pela beleza da Roberta Close, artistas corajosas que romperam a bolha da cisnormatividade nas décadas de 1970 e 1980, período de repressão e ditadura militar no Brasil. Além delas, me encantaram as travestis que se apresentavam no programa Show de Calouros do Silvio Santos. Penso na Arte como um campo de investigação da subjetividade humana, um espaço de reflexões à partir da criatividade e da imaginação. Nesse sentido, o papel da Arte também torna-se político, uma vez que traz à luz demandas sensíveis ao nosso tempo. Portanto considero fundamental o destaque de corpos dissidentes como assunto, sobretudo com a ascensão do projeto político fundamentalista evangélico no Brasil e do fascismo no mundo contemporâneo.

Since I was a child, transgenderism has fascinated me. During my childhood, I was captivated by the charisma of Rogéria and the beauty of Roberta Close, courageous Brazilian artists who broke the cisnormativity bubble in the 1970s and 1980s, a period of repression and military dictatorship in Brazil. I was also captivated by the transvestites who performed on Silvio Santos’s Talent Show. I think of art as a field of investigation into human subjectivity, a space for reflection based on creativity and imagination. In this sense, the role of art also becomes political, as it brings to light sensitive demands of our time. Therefore, I consider the highlighting of dissident bodies as a subject matter, especially with the rise of the evangelical fundamentalist political project in Brazil and fascism in the contemporary world.

Vênus, acrílica sobre tela, 2015.
Vênus, acrylics on canvas, 2015.

Ivo e Adele, acrílica sobre tela, 2015.
Ivo and Adele, acrylics on canvas, 2015.

podemos produzir de uma forma que nossas palavras, pensamentos e ações considerem o lugar complexo da experiência do outro. É um exercício de alteridade, é preciso entender até onde alguém que não faz parte de uma comunidade, pode falar por ela. Talvez o melhor caminho seja falar com ela, executar esse mecanismo tão pouco falado em tempos pós-pandêmicos de capitalismo tardio que é o mecanismo do encontro.

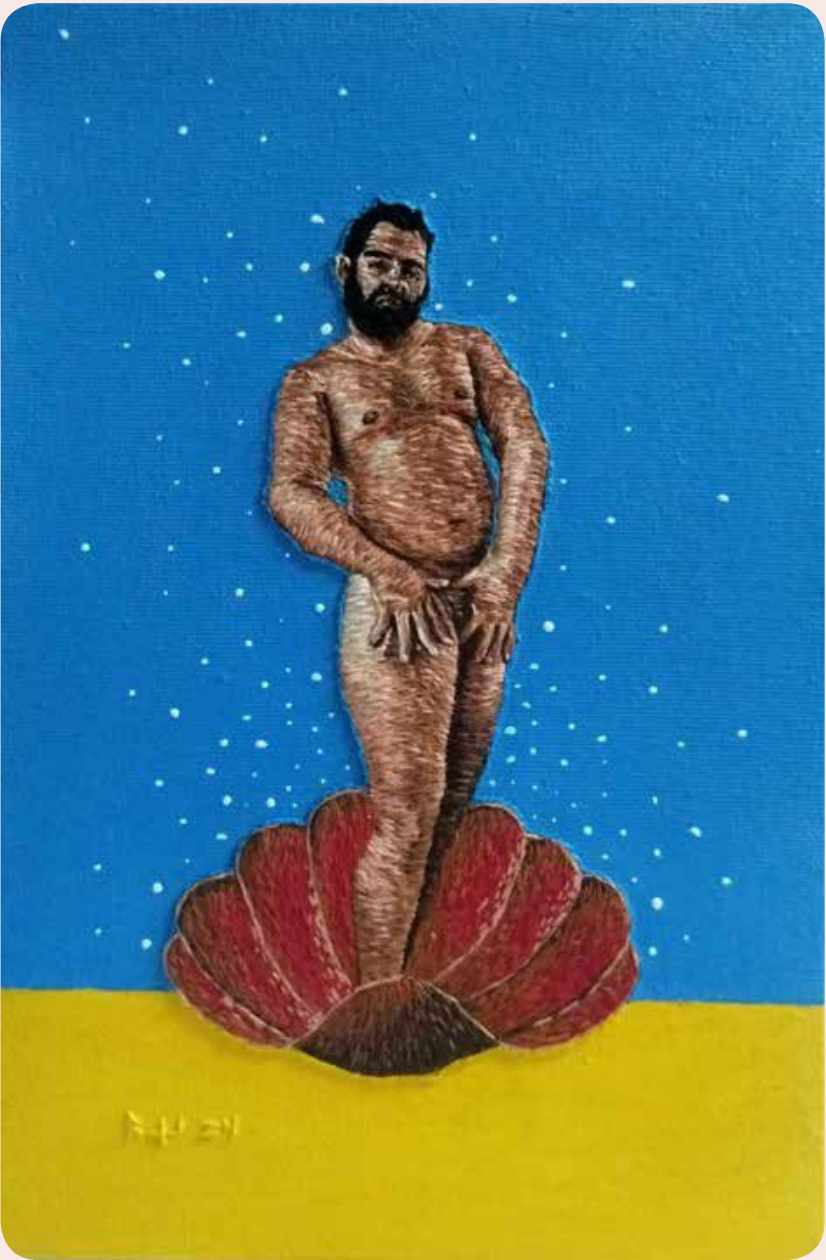
O assunto pode ser tratado com leveza. Para tanto, precisamos começar a adotar uma linguagem menos combativa entre os nossos, alimentar uma mentalidade de estudante, com nossos aliados como professores, sempre a procura do aprendizado: às vezes uma tecnologia indígena pode ter muito a contribuir com o movimento LGBT e vice versa. O importante é não fechar portas.

Eu tenho uma relação muito reticente com lugares de exclusividade, e agora eu começo a falar um pouco sobre este convite da TransFalo e o meu recorte identitário enquanto pessoa transmasculina branca, com deficiência, intersexo e que teve acesso à educação, a ponto de ser poliglota e estar concluindo um doutorado. Nem de longe os confortos e desconfortos da minha posição me fazem deter toda a autoridade para falar pelos grupos em que transito ou já transitei. Em determinados momentos da minha vida acessei lugares em que meu corpo era permitido e depois deixou de ser, eu reconheço o desconforto causado pela diferença e a necessidade de aquilombamento em determinados contextos de resistência, mas ao mesmo tempo, é preciso ser como frisado anteriormente: muito detalhista com as exceções permitidas, com as alianças firmadas e jamais se fechar em uma “bolha identitária” em que o trauma da opressão gera um ressentimento desgovernado do outro.

can produce in a way that our words, thoughts, and actions consider the complex place of the other’s experience. It’s an exercise in otherness; it’s necessary to understand to what extent someone who isn’t part of a community can speak for it. Perhaps the best path is to speak with it, to execute this mechanism, so little discussed in post-pandemic times of late capitalism, that is the mechanism of encounter.

The topic can be treated with lightness. To do so, we need to start adopting a less combative language among ourselves, fostering a student mentality, with our allies as teachers, always seeking to learn: sometimes an indigenous technology can have much to contribute to the LGBT movement and vice versa. The important thing is not to close doors.

I have a very reticent relationship with places of exclusivity, and now I’m beginning to talk a little about this invitation from TransFalo and my identity as a white, disabled, intersex transmasculine person who has had access to education, to the point of being multilingual and completing a doctorate. The comforts and discomforts of my position don’t give me complete authority to speak for the groups I currently or have previously belonged to. At certain points in my life, I’ve accessed places where my body was permitted, but then it wasn’t. I recognize the discomfort caused by difference and the need for building a community in certain contexts of resistance. But at the same time, it’s necessary to be, as previously emphasized: very detailed with the permitted exceptions, with the alliances established, and never to close oneself off in an “identity bubble” where the trauma of oppression generates uncontrolled resentment of others.



Vênus, bordado e acrílica sobre tela, 2024.
Vênus, embroidery and acrylics on canvas, 2024.

RAFAEL DAMBROS

Como artista meu interesse principal é o corpo masculino. A maior parte da minha produção, portanto, retrata o homem cis branco, justamente por eu ser um homem gay, cis e branco. É inevitável que eu busque corpos femininos, negros e trans já que trabalho com a representação de corpos, retratos e afins. Como não vivencio nem pesquiso a fundo esses universos, minha produção com esses corpos é pequena e pontual. Ainda assim, pelo meu interesse ser principalmente no masculino, as visitas ao universo trans são na representação de homens trans como uma face do masculino. É importante frisar que o artista tem o poder de abrir janelas de discussão sobre diversos assuntos e universos. Como artista LGBTQ+, por vezes, me sinto incentivado a abrir essas janelas para os corpos da nossa sigla.

As an artist, my primary interest is the male body. Therefore, most of my work depicts white cis men, precisely because I am a white, cis, gay man. It’s inevitable that I seek out female, Black, and trans bodies, since I work with

body representation, portraits, and the like. Since I don’t experience or research these universes in depth, my work with these bodies is small and isolated. Even so, because my interest lies primarily in the male, my explorations of the trans universe focus on the representation of trans men as a facet of the masculine. It’s important to emphasize that artists have the power to open windows of discussion on various subjects and universes. As an LGBTQ+ artist, I sometimes feel compelled to open these windows to the bodies of our acronym.



Conteúdo 03, acrílica sobre tela, série Vendo Conteúdo, 2025.
Content 03, acrylics on canvas, Sell Content series, 2025.

WAGNER VIDAL

Corpos dissidentes – trans, travestis, não-binários, racializados, deficientes, gordos, periféricos – são sujeitos de potência, de linguagem e de reexistência. Ao emergirem na Arte, rompem o pacto colonial, cisheteronormativo e patriarcal que insiste em determinar quem pode ser visto, ouvido e celebrado. Dar lugar a essas presenças é fundamental não por uma demanda de inclusão simbólica, mas como estratégia de transformação do sensível. A arte que acolhe o dissidente deixa de ser decorativa para tornar-se política, necessária, viva. Ela tensiona, provoca, desloca – e, ao fazer isso, reconfigura o olhar de quem vê e o lugar de quem é visto.

Enquanto artista cisgênero, homem branco e gay, reconheço a responsabilidade ética e política de utilizar meu lugar de fala e privilégio como uma plataforma de amplificação dessas vozes que historicamente foram silenciadas ou apagadas. Em um país que lidera os índices globais de violência contra pessoas trans, é impossível permanecer indiferente. A arte, para mim, torna-se um dispositivo de denúncia, de escuta e de visibilidade – um gesto estético e político que confronta estruturas normativas e aponta as urgências que ainda nos atravessam. É subverter o apagamento histórico e recusar a narrativa única e normatizada que ainda estrutura os padrões estéticos hegemônicos e os pactos sociais de exclusão. Ao abordar o corpo trans em minha obra, não pretendo “falar por”, mas “falar com”. Trata-se de instaurar um espaço de escuta sensível e de coabitação simbólica, onde outras narrativas possam emergir e ser legitimadas. Cada trabalho carrega em si o desejo de justiça, de equidade e de reparação histórica. Ao tensionar o olhar e o imaginário social, minha poética busca desestabilizar os regimes de exclusão e, ao mesmo tempo, oferecer imagens que sejam afirmativas da potência dessas existências. É uma forma de resistência e de cuidado — um gesto de quem se recusa a ser cúmplice do silêncio.

Dissident bodies—trans, transvestite, nonbinary, racialized, disabled, fat, and marginalized—are subjects of power, language, and re-existence. By emerging in art, they break the colonial, cisheteronormative, and patriarchal pact that insists on determining who can be seen, heard, and celebrated. Making room for these presences is essential not out of a demand for symbolic inclusion, but as a strategy for transforming the sensible. Art that embraces the dissident ceases to be decorative and becomes political, necessary, and alive. It tensions, provokes, displaces—and, in doing so, reconfigures the gaze of the beholder and the place of the beholder.

As a cisgender, white, gay artist, I recognize the ethical and political responsibility of using my place of speech and privilege as a platform to amplify these voices that have historically been silenced or erased. In a country that leads the global rate of violence against trans people, it is impossible to remain indifferent. Art, for me, becomes a device for denunciation, listening, and visibility—an aesthetic and political gesture that confronts normative structures and highlights the urgent needs that still pervade us. It subverts historical erasure and rejects the single, standardized narrative that still structures hegemonic aesthetic standards and social pacts of exclusion. By addressing the trans body in my work, I do not intend to “speak for” but rather to “speak with.” It is about establishing a space for sensitive listening and symbolic cohabitation, where other narratives can emerge and be legitimized. Each work carries within it the desire for justice, equity, and historical reparation. By challenging the gaze and the social imaginary, my poetics seeks to destabilize regimes of exclusion and, at the same time, offer images that affirm the power of these existences. It is a form of resistance and care – a gesture of one who refuses to be complicit in silence.

A interseccionalidade é um conceito chave para entender como podemos construir pontes de identificação com o outro e reconhecer também a nossa própria alteridade. Uma mesma pessoa transmasculina negra, por exemplo, pode no mesmo dia ser vítima de racismo, ser machista com uma mulher e finalizar o dia sofrendo violência sexual corretiva tal quais as mulheres cis lésbicas. A experiência humana é muito plural e assim também é o constructo identitário de uma pessoa.

A corporeidade atravessa campos identitários e os aciona, intercambiando as situações de poder e violência. Por isso, é necessário abrir canais de escuta, aprender a receber críticas e realizar retratações honestas quando necessário. Para, de fato, haver uma relação positiva e diversa no campo das representações transgêneres nas artes, é fundamental que haja um esforço bilateral em prol do convívio, estabelecer relações reais de amizade, crítica e acolhimento. Sair desse lugar estéril da tolerância burocrática e partir para o convívio real.

Os lugares de exclusividade, mesmo que tenham sua importância enquanto viabilizadores de segurança comunitária, de articulação política e protagonismo, são também fortes gatilhos para endossar micro violências. São incontáveis os casos de transmasculinos, pessoas NB, dykes, butchs e desfem que são hostilizadas em ambientes exclusivamente lésbicos, mesmo que parte, se não o todo dessas identidades, ainda mantenham certo grau de identificação com a feminilidade e suas lutas diárias.

O assunto da exclusividade é uma *faca de dois gumes* nesse sentido: ele opera como necessário, mas também precisa ser constantemente flexibilizado, vigiado e debatido, ou facilmente se torna uma forma grotesca de autoritarismo minoritário, de exclusão arbitrária do outro, não

Intersectionality is a key concept for understanding how we can build bridges of identification with others and also recognize our own otherness. A Black trans masculine person, for example, can be a victim of racism, be sexist toward a woman, and end the day suffering corrective sexual violence, just like cis lesbian women. The human experience is very plural, and so is a person's identity construct.

Corporeality traverses and activates identity domains, interchanging situations of power and violence. Therefore, it's necessary to open channels of listening, learn to accept criticism, and make honest retractions when necessary. To truly establish a positive and diverse relationship in the field of transgender representation in the arts, a bilateral effort to foster coexistence is essential, establishing genuine relationships of friendship, criticism, and acceptance. Moving beyond this sterile place of bureaucratic tolerance and toward real coexistence.

Places of exclusivity, while important as enablers of community safety, political articulation, and protagonism, are also powerful triggers for micro-violence. There are countless cases of trans masculine, NB people, dykes, butches, and de-fem individuals facing harassment in exclusively lesbian environments, even though some, if not all, of these identities still maintain a certain degree of identification with femininity and its daily struggles.

The issue of exclusivity is a double-edged sword in this sense: it operates as necessary, but it also needs to be constantly flexible, monitored and debated, or it easily becomes a grotesque form of minority authoritarianism, of arbitrary exclusion of the other, not for



Óleo sobre tela da série
Humanos, 2017-2019.
Oil on canvas of the
Humans series, 2017-2019.

As a woman, I know what it's like to have my freedoms curtailed, to be judged, and, in one way or another, to be told I can't do or be anything. No one can tell anyone how to live their life. People already experience internal conflicts, all kinds of emotions and questions. Imagine for those who are outside the norm! They don't need any external element to make it worse. And as my mother used to say: "Don't do to others what you wouldn't want done to you." Art is a powerful tool in reaching and producing understanding on a given issue. That's why it's so persecuted. When painting these bodies, I myself need research and study. With literacy comes greater empathy and understanding. I myself am affected by art. I want to spark a spark in the viewer.

ROSÂNGELA GAYU

Como mulher, sei como é ter minhas liberdades cerceadas, sofrer julgamento e de uma forma ou de outra, ouvir que não posso fazer ou ser seja lá o que for. Ninguém pode dizer a ninguém como viver sua vida. As pessoas já passam por conflitos internos, por todo tipo de emoções e questionamentos. Imagina para as pessoas que são fora da norma! Não precisam de nenhum elemento externo para piorar isso. E como mamãe dizia: “não faça com os outros aquilo que não quer que façam com você”. A arte é uma ferramenta poderosa em alcance e na produção de uma compreensão sobre determinada questão. Por isso inclusive, é tão perseguida. Ao pintar esses corpos eu mesma preciso de pesquisa e estudo. Com letramento vem uma melhor empatia e compreensão. Eu mesma sou afetada pela arte. Quero provocar uma fagulha no espectador.

pelo que ele é, mas pelo que ele representa como substituto de uma figura dispersa de opressor.

Os banheiros são um exemplo de como essa “exclusividade” opera em ambientes públicos. O pânico social em aceitar transfemininas em banheiros exclusivos para mulheres cis acaba excluindo qualquer mulher que pareça trans aos olhos de outro. Os *gatekeepers* – vigias das identidades – são sujeitos sociais que pretendem determinar o quanto uma auto-identificação é legítima, fazendo parte ou não de uma identidade marginalizada. *Gatekeepers* com frequência se valem de viés de confirmação e leituras muito egoístas sobre quem “é” uma coisa ou outra.

As violências nunca são unilaterais e os sujeitos pós-modernos não têm identidades isoladas, identificações restritas e imutáveis, Stuart Hall define as identidades como sociais, políticas e multifacetadas. Eu transicionei aos 28 anos, devido a uma série de circunstâncias ambientais que me encorajaram ou desencorajaram. Até esta idade, eu era uma artista lésbica que falava sobre pessoas transfemininas e eventualmente questionava a minha monossexualidade, ao me relacionar com pessoas trans masculinas, femininas e não-binárias. A identidade é um conjunto de fractais que refletem a si mesmos e o exterior. Em vez de procurar reproduzir violências e exercer o poder sobre o quanto outros corpos podem percorrer tais e tais caminhos, não seria o caso de colocarmos as nossas próprias noções individualistas na mesa do debate e discutirmos juntos no que estamos certos e no que estamos errados?

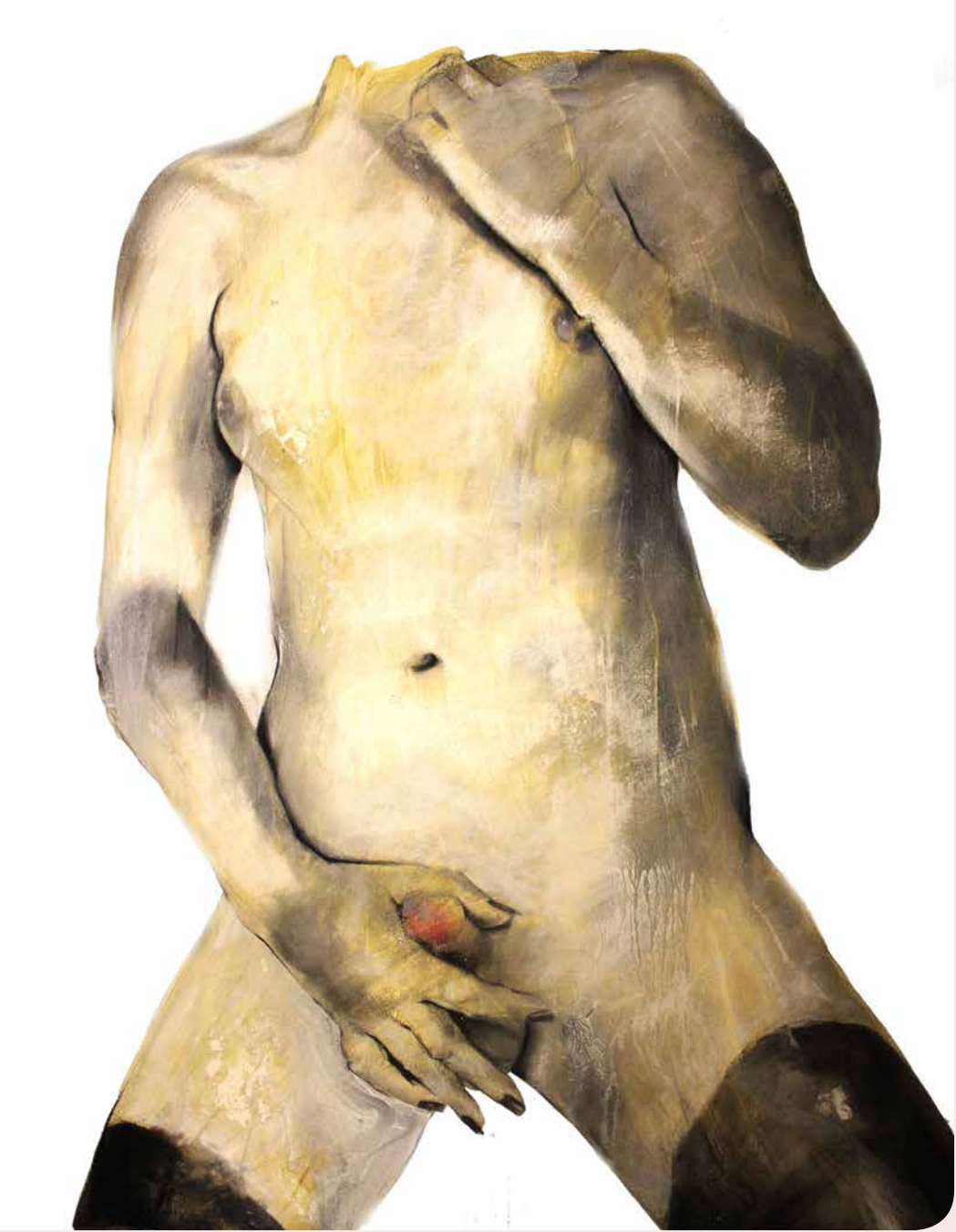
Muitas pessoas vivem contextos complexos que não as permitem transicionar, nem quando desejam, ou mesmo, como foi o meu caso, por efeitos sociais e psicológicos repressivos tão intensos que nem sabem que podem realizar a transição. Meu caso é exemplar de uma transição

what he is, but for what he represents as a substitute for a dispersed figure of oppressor.

Bathrooms are an example of how this “exclusivity” operates in public settings. The social panic about accepting trans feminine women into cis-women-only bathrooms ends up excluding any woman who appears trans in the eyes of others. The gatekeepers are social subjects who intend to determine the extent to which a self-identification is legitimate, whether or not it forms part of a marginalized identity. Gatekeepers often rely on confirmation bias and highly egotistical interpretations of who “is” one thing or another.

Violence is never unilateral, and postmodern subjects do not have isolated identities, restricted and immutable identifications. Stuart Hall defines identities as social, political, and multifaceted. I transitioned at 28, due to a series of environmental circumstances that either encouraged or discouraged me. Until this age, I was a lesbian artist who spoke about trans feminine people and occasionally questioned my monosexuality, interacting with trans masculine, feminine, and non binary people. Identity is a set of fractals that reflect themselves and the outside. Instead of seeking to reproduce violence and exert power over how far other bodies can travel such and such paths, wouldn’t it be better to put our own individualistic notions on the table and discuss together what we are right and what we are wrong?

Many people live in complex contexts that prevent them from transitioning, not even when they want to, or even, as was my case, due to such intense social and psychological repression that they don’t even know they can transition. My case is an example of



Estudo I para série *Meta/ de Vida*, técnica mista sobre papel, 2024.
Study I for the *(T) Rough Life* series, mixed media on paper, 2024.

GUSTAVOT DIAZ

Enquanto artista, transito entre diferentes experiências onde as performances de gênero são testadas. Creio que a função do artista é justamente tensionar no simbólico os padrões normativos, de quaisquer ordens. Sendo a arte o terreno das formas e, por isso mesmo, o reino do sensível, meu trabalho enquanto artista é lidar com a plástica da matéria; esta se confunde com os limites e possibilidades do corpo, uma vez que a plasticidade é o princípio por excelência da corporeidade, e fluidez e diversidade definem o espectro da sexualidade.

As an artist, I move between different experiences where gender performances are tested. I believe that the artist’s role is precisely to challenge normative standards, of any kind, in the symbolic. Since art is the realm of forms and, therefore, the realm of the sensible, my work as an artist is to deal with the plasticity of matter; this intertwines with the limits and possibilities of the body, since plasticity is the quintessential principle of corporeality, and fluidity and diversity define the spectrum of sexuality.



DIOGO SANTOS

O trabalho da pessoa artista é sempre uma jornada, não se resume a uma obra apenas. Talvez pela minha experiência em literatura e nas HQs, percebi, de alguma maneira, que a arte é sempre um pacto consigo mesmo e não podemos mentir. Assim, eu trabalho sempre a minha vida, meu passado, meu futuro, desejos, angústias, amores, amigos, sonhos e pesadelos. Os corpos dissidentes são pessoas que amo, amigos e amigas que represento em meu trabalho, pessoas que encontro e pedem para ser representadas.

Acho que a arte antes de ser política – e ela é sempre política – precisa ser antes de tudo afeto. Ela cria o nosso mundo. O cinema, a literatura, as artes visuais dão os elementos simbólicos necessários para nós enquanto cultura podermos decodificar a realidade e a sociedade em que vivemos. Enquanto sociedade, se queremos que ela seja plural e rica, é urgente que vejamos os corpos dissidentes representados. Apesar de, no momento, me identificar como cis, acredito numa necessária “revolução trans”, na necessária quebra da hetero-cis-normatividade.

Vejo a denominação e o empoderamento único da masculinidade cis como algo perigoso e devastador. Em minha percepção do sagrado, eu vejo o corpo trans como algo próximo do sagrado, que superou não só a moral como diversas dificuldades físicas e sociais. Talvez por isso eu represente pessoas trans como anjas, guerreiras, com elmos e espadas místicas. Como se indicassem para nós, pessoas cis e pequenas, um caminho, uma libertação.

The work of an artist is always a journey; it's not limited to a single work. Perhaps because of my experience in literature and comics, I realized, in some way, that art is always a pact with oneself, and we cannot lie. Thus, I always work with my life, my past, my future, desires, anxieties, loves, friends, dreams, and nightmares. Dissident bodies are people I love, friends I represent in my work, people I meet and ask to be represented.

I think that art, before being political – and it is always political – needs to be, above all, affection. It creates our world. Film, literature, and the visual arts provide the

symbolic elements necessary for us as a culture to decode the reality and society in which we live. As a society, if we want it to be plural and rich, it is urgent that we see dissident bodies represented. Although I currently identify as cis, I believe in a necessary “trans revolution,” in the necessary breakdown of hetero-cis-normativity. I see the naming and empowerment of cis masculinity as dangerous and devastating. In my perception of the sacred, I see the trans body as something close to sacred, having overcome not only moral difficulties but also various physical and social difficulties. Perhaps that’s why I represent trans people as angels, warriors, with helmets and mystical swords. As if they were pointing us, cis and small people, toward a path, a liberation.



que só foi possível pela tecnologia do encontro. Por isso, é importante haver pessoas cis que produzem arte que retrata pessoas trans, tanto quanto é importante receber as críticas, ouvir as opiniões e enriquecer o debate.

Nasci numa cidade do interior e cresci sem ouvir falar de nenhuma única pessoa transmasculina. Este contexto, associado ao autismo não diagnosticado, ao desconhecimento acerca de meu estado intersexo, e às séries de violências sexuais e de gênero sofridas enquanto estive na condição de mulher, me forçaram a reafirmar iconicidades femininas* tanto por meio de hormônios sintéticos quanto pelas vestimentas e comportamento. Ou seja, em nenhum momento da minha vida, desde a puberdade precoce aos oito anos, eu estive livre de um direcionamento de gênero. Hoje, se me designo como transmasculino, não é mais por uma necessidade social do que foi antes, quando eu estava dentro da iconicidade feminina. Os motivos pessoais que me levaram a corpar na transmasculinidade são as necessidades de explorar campos de afeto negados à iconicidade feminina, sejam eles heteronormativos, ou mesmo homoafetivos e homoeróticos. Da mesma forma, parte significativa das roupas, da maquiagem e da gestualidade feminina ainda são lugares de afeto para mim.

A responsabilidade das lideranças, da curadoria e da crítica no campo das artes, é estar atenta a essas diversas relações, contextos e modos de produzir, que podem beneficiar ou prejudicar o coletivo que se pretende exaltar. Em um projeto recente que tive contato, diversas mulheres cis

* Como pessoa intersexo – nem masculine nem feminine – minha adequação foi uma imposição de códigos visuais que chamo de iconicidades femininas, pois elas apenas transformam o corpo naquilo que as estruturas normativas querem ver e condicionam chamar de mulher. Uma pessoa intersexo de fato não faz uma transição de um gênero para outro, mas é moldada, compulsória e violentamente, para exibir visualmente uma forma de si e um corpo dito normal para a sociedade.

a transition that was only possible through the technology of encounter. Therefore, it's important for cisgender people to produce art that portrays trans people, just as it's important to welcome criticism, listen to opinions, and enrich the debate.

*I was born in a rural town and grew up without hearing of a single trans masculine person. This context, combined with undiagnosed autism, the lack of knowledge about my intersex status, and the series of sexual and gender-based violence I suffered while I was a woman, forced me to reaffirm feminine iconicities** both through synthetic hormones and through my clothing and behavior. In other words, at no point in my life, since precocious puberty at age eight, have I been free of a gender orientation. Today, if I identify as trans masculine, it is no longer out of social necessity than it was before, when I was within feminine iconicity. The personal reasons that led me to embody trans masculinity are the need to explore fields of affection denied to feminine iconicity, be they heteronormative, or even homoaffective and homoerotic. Likewise, a significant portion of clothing, makeup, and feminine gestures still represent sites of affection for me.*

The responsibility of leaders, curators, and critics in the arts is to be attentive to these diverse relationships, contexts, and modes of production, which can benefit or harm the collective they seek to exalt. In a recent project I came across, several white and brown cis women were discussing barring the

As an intersex person – neither masculine nor feminine – my transition was an imposition of visual codes that I call feminine iconicities, as they merely transform the body into what normative structures want to see and condition as a woman. An intersex person does not actually transition from one gender to another, but is forcibly and violently molded to visually display a form of self and a body deemed normal to society.



Ele sim III, aquarela e PVA sobre papel, série TRANSpira, 2024.
He does III, watercolor and PVA paint on paper, TRANSpira series, 2024.

JOÃO PAULO

Sou um artista cis homossexual, e desde 2017 venho pesquisando e produzindo arte erótica. A partir das exposições que participei, da troca com outros artistas do mesmo perfil, da inegável urgência de visibilidade da nossa arte – consequência da nossa luta/vida –, me deparei com um universo muito mais abrangente na questão de gênero e da sexualidade, especialmente na vivência transgênero. Para sermos mais fortes, precisamos de união, de dar visibilidade ao universo trans através da nossa produção, porque estamos todas, todos e todes com o mesmo propósito de derrotar a heteronormatividade e todo o mal que vem a reboque. A minha arma é a minha arte, e é com ela que eu vou para guerra, acolhendo, revelando, provocando, gozando e trans-pirando. Somos transgressão, revolução, afirmação, queremos respeito, dignidade e liberdade, queremos trans-pirar.

I'm a cisgender homosexual artist, and since 2017, I've been researching and producing erotic art. Through the exhibitions I've participated in, the exchanges with other artists of the same profile, and the undeniable urgency for visibility of our art – a consequence of our struggle/ life – I've come across a much broader universe regarding gender and sexuality, especially the transgender experience. To be stronger, we need unity, to give visibility to the trans universe through our work, because we are all, everyone, and everyone, with the same purpose: to defeat heteronormativity and all the evil that comes with it. My weapon is my art, and it is with it that I go to war, embracing, revealing, provoking, enjoying, and sweating. We are transgression, revolution, affirmation; we want respect, dignity, and freedom; we want to sweat.

brancas e pardas, estavam discutindo barrar o acesso da única proposta de uma pessoa transmasculina mais velha, da década de 70, porque o artista era branco e fazia fotografia de terreiro. A aprovação dessa pessoa em um edital com critérios de exclusividade para a população trans foi barrada porque, além de branco, ele não parecia masculino. Deixou-se de apresentar uma obra que retratava pessoas negras no culto de uma fé não cis-heteronormativa e decolonial porque pessoas sem letramento sobre assuntos étnico-raciais, religiosos e de gênero se interpuseram a despeito da consulta especializada de profissionais trans da área de artes e pessoas pretas e de terreiro. Como se diz na Bahia, quem tem que dizer se pode ou não é o Babalorixá.

Esse tipo de liderança cisnormativa, que se coloca como guardião da qualidade das identidades como *imagens representacionais da inclusão* é o problema real nos veículos culturais que promovem a representação da transgeneridade. A arte trans passa a ser aquilo que o curador cis, que o público cis, que os patrocinadores cis, querem ver. São pessoas sem autoridade para barrar obras de arte com temáticas africanas, indígenas, LGBTQ+, que parasitam a arte identitária no Brasil, pessoas que sabem mais sobre negócios do que sobre cultura.

Independentemente de o alvo ser um artista cis-aliado e principalmente quando é, fica mais fácil distorcer a obra a partir de uma curadoria que visa explorar arquétipos vazios, do que propor debates profundos. Muitas vezes o que enriquece a arte é a reflexão que se faz depois do encontro entre o olhar e a obra. Quando essa reflexão é restrita a uma só camada mais higienizada, pouco se produz de mudança.

Na inexistência de letramento e intenção real de partilha, a bizarrice provocada por uma autoridade cisnormativa segue esse exemplo. A inclusão não é verdadeira quando objetiva o

sole submission by an older trans masculine artist from the 1970s because the artist was white and did shrine photography. This artist’s approval in a call for proposals with exclusive criteria for the trans population was blocked because, in addition to being white, he did not appear masculine. A work depicting Black people in the worship of a non-cis-heteronormative and decolonial faith was rejected because people lacking literacy in ethno-racial, religious, and gender issues intervened, despite specialized consultation with trans professionals in the arts and Black people and shrine artists. As they say in Bahia, the Babalorixá is the one who decides whether or not a person can be accepted.

This type of cisnormative leadership, which positions itself as a guardian of the quality of identities as representational images of inclusion, is the real problem in cultural outlets that promote transgender representation. Trans art becomes what the cis curator, the cis audience, and the cis sponsors want to see. These are people without the authority to block artworks with African, Indigenous, or LGBTQ+ themes, who parasitize identity-based art in Brazil, people who know more about business than culture.

Regardless of whether the target artist is a cis-allied artist, and especially when they are, it’s easier to distort the work through curatorship that aims to explore empty archetypes than to encourage profound debate. Often, what enriches art is the reflection that emerges after the encounter between the gaze and the work. When this reflection is restricted to a single, sanitized layer, little change is produced.

In the absence of literacy and a genuine intention to share, the bizarre behavior provoked by a cisnormative authority



Casulo, fotografia digital, 2024.
Cocoon, digital photography, 2024.

Em Casulo, Biba Manicongo, uma mulher trans, negra e senegalesa, encontra-se envolta em filme plástico, uma metáfora visual do preconceito que sufoca corpos dissidentes. A imagem evoca imobilização, censura, silêncio e a resistência latente de quem sobrevive aprisionada por normas alheias. In Cocoon, Biba Manicongo, a Black Senegalese trans woman finds herself wrapped in plastic film, a visual metaphor for the prejudice that suffocates dissident bodies. The image evokes immobilization, censorship, silence, and the latent resistance of those who survive imprisoned by other people’s norms.

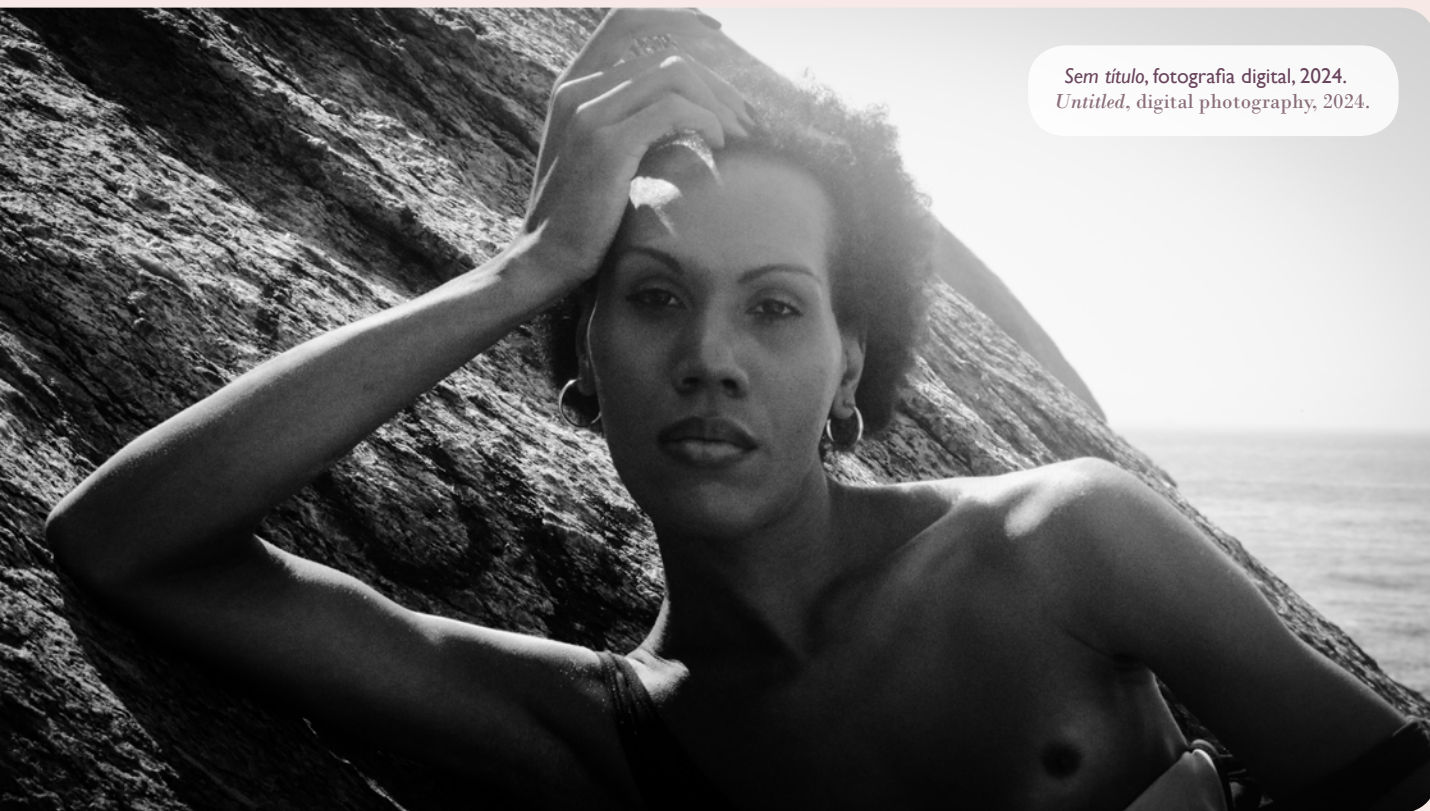
EDU DEVENS
Minha prática artística parte da escuta sensível e do compromisso com corpos dissidentes. Destacar esses corpos na arte é desafiar os regimes normativos que historicamente determinaram quem pode ser visto, representado ou desejado. Ao incluir corpos trans, negros e periféricos que foram silenciado (seja por racismo, transfobia ou colonialismo visual) no campo das imagens, desestabilizamos as estruturas hegemônicas que ainda moldam os padrões de beleza e abrimos brechas para outras narrativas, outras centralidades e outras formas de existir no mundo. Os corpos dissidentes não são apenas temas, mas agentes de reinvenção simbólica. Eles devolvem à arte sua vocação política, afetiva e transformadora.

Sendo um artista cisgênero, reconheço os privilégios e os limites do meu lugar, e me coloco como colaborador e aliado na construção de imagens que rompam com a lógica da exotização ou da vitimização. A escolha por narrar corpos trans se insere em um gesto ético e estético de ampliar

os espaços de visibilidade, de fabulação e de reinvenção identitária dentro da arte contemporânea: a partir de trocas, respeito e consentimento, não falo sobre corpos trans, mas com os corpos trans.

My artistic practice stems from sensitive listening and a commitment to dissident bodies. Highlighting these bodies in art challenges the normative regimes that have historically determined who can be seen, represented, or desired. By including trans, Black, and marginalized bodies that have been silenced (whether by racism, transphobia, or visual colonialism) in the realm of images, we destabilize the hegemonic structures that still shape beauty standards and open up gaps for other narratives, other centralities, and other ways of existing in the world. Dissident bodies are not just themes, but agents of symbolic reinvention. They restore art to its political, affective, and transformative vocation.

As a cisgender artist, I recognize the privileges and limits of my place, and I position myself as a collaborator and ally in the construction of images that break with the logic of exoticization or victimization. The choice to narrate trans bodies is part of an ethical and aesthetic gesture of expanding spaces of visibility, fabrication, and identity reinvention within contemporary art: based on exchange, respect, and consent, I speak not about trans bodies, but with trans bodies.



Sem título, fotografia digital, 2024.
Untitled, digital photography, 2024.

THIAGO PRADO

Acredito que as pessoas trans estão entre as mais vulneráveis da nossa comunidade. E são as mulheres trans e travestis que costumam estar à frente das nossas conquistas. Torná-las visíveis é reafirmar suas existências, suas identidades num mundo em que elas convivem com o apagamento desde a família, a escola, o trabalho, até o extermínio pela transfobia.

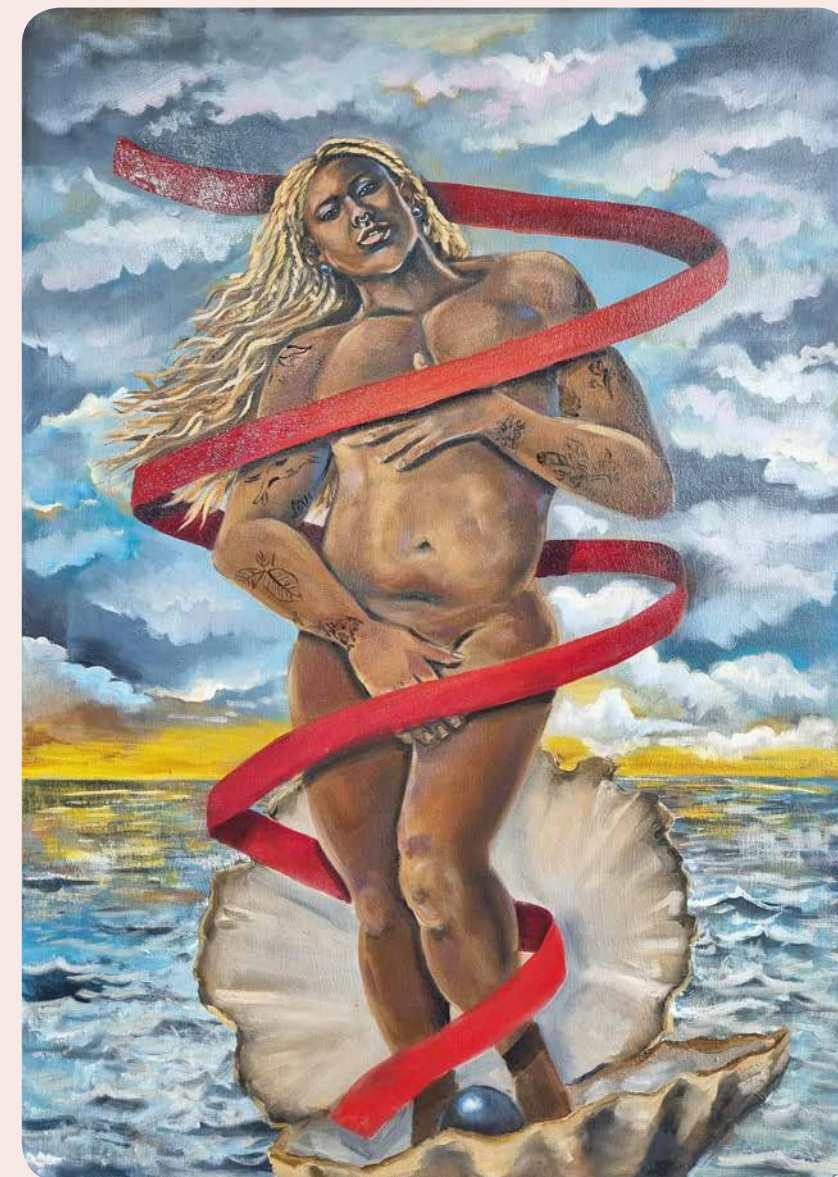
I believe that trans people are among the most vulnerable in our community. And it is trans women and transvestites who are often at the forefront of our achievements. Making them visible reaffirms their existence and their identities in a world where they live with erasure from their families, schools, and workplaces, to the point of being exterminated by transphobia.

PAULO DU'SANCTUS

Como artista e jornalista, minha jornada sempre foi guiada pelo desejo de explorar histórias que, por muito tempo, foram ignoradas ou silenciadas. Meu ponto de partida foi uma pesquisa sobre as vivências e resistências de pessoas negras e indígenas que têm suas trajetórias marcadas por pioneirismo, destaque em suas áreas de atuação, coragem e espírito transformador. Ao longo desse processo, conheci histórias de pessoas que, além da racialidade, traziam a questão trans em suas experiências e isso intensificava seus desafios. Foi impossível não me sensibilizar. Mesmo sem viver a realidade trans, enxerguei na arte um espaço potente para dar visibilidade a essas vivências e contribuir para um diálogo mais inclusivo. Acredito que a arte tem o poder de transformar a sociedade, e vejo a minha como uma ferramenta de ressignificação e mudança. Representar narrativas trans é, para mim, um ato de respeito à diversidade humana e um convite para que outras pessoas reflitam e desconstruam

preconceitos. Quero que meu trabalho mostre que essas histórias são essenciais para compreendermos a riqueza do que significa ser brasileiro. Meu compromisso é sempre produzir essas obras com escuta ativa e responsabilidade, aprendendo e garantindo que as representações sejam genuínas e respeitosas. Não quero apenas contar histórias: quero, acima de tudo, abrir caminhos para que vozes trans, negras e indígenas sejam ouvidas diretamente, em toda sua força e autenticidade.

As an artist and journalist, my journey has always been guided by the desire to explore stories that, for too long, have been ignored or silenced. My starting point was research into the experiences and resistance of Black and Indigenous people whose trajectories are marked by pioneering work, prominence in their fields, courage, and a transformative spirit. Throughout this process, I discovered stories of people who, beyond their racial background, also brought trans issues into their lives, intensifying their challenges. It was impossible not to be moved. Even without experiencing trans reality, I saw art as a powerful space to give visibility to these experiences and contribute to a more inclusive dialogue. I believe that art has the power to transform society, and I see mine as a tool for redefinition and change. Representing trans narratives is, for me, an act of respect for human diversity and an invitation for others to reflect and deconstruct prejudices. I want my work to show that these stories are essential to understanding the richness of what it means to be Brazilian. I'm committed to always producing these works with active listening and responsibility, learning and ensuring that the representations are genuine and respectful. I don't just want to tell stories: I want, above all, to open paths for trans, Black, and Indigenous voices to be heard directly, in all their strength and authenticity.



O nascimento de Caju, óleo sobre tela, 2025.
The birth of Cashew, oil on canvas, 2025.

TOLENTINO FERRAZ

A questão da identidade de gênero me apareceu ainda na infância. Por mais que eu me visse vestido de menino e fosse tratado como menino, eu não me sentia confortável nessa posição. Lembro que só me interessava por assuntos femininos, um mundo mais colorido e delicado; futebol e carros não faziam parte do meu mundo. Meus gestos eram controlados por minha mãe, que me obrigava a performar uma masculinidade inexistente. Cheguei a me questionar se eu estaria deslocado no meu próprio corpo. Com o passar dos anos me interessei pelo teatro e encontrei meu espaço sagrado, onde poderia ser quem eu desejasse. Depois, com o processo de montagem drag, me permiti acessar meu lado feminino e também gostar do meu lado masculino. Percebi, então, eu era um homem cis gay que amava o feminino que havia em mim. Ao começar a produzir trabalhos nas artes visuais, dei continuidade às minhas experiências da vida e do teatro, apresentando no bordado temas de gênero, sexualidade, memória e arte política. A arte para mim é um veículo muito potente do pensar o humano. Ela dá forma ao que imaginamos, o que sentimos e as possibilidades de existência fora dos padrões convencionais da sociedade capitalista atual. Por isso, a arte abre caminhos para uma sociedade mais tolerante e aberta às diversidades.

The issue of gender identity arose in my childhood. Even though I saw myself dressed as a boy and treated like one, I didn't feel comfortable in that position. I remember only being interested in feminine subjects, a more colorful and delicate world; soccer and cars weren't part of my world. My gestures were controlled by my mother, who forced me to perform a masculinity that didn't exist. I even questioned whether I felt out of place in my own body. Over the years, I became interested in theater and found my sacred space, where I could be whoever I wanted. Later, through the process of drag, I allowed myself to access my feminine side and also appreciate my masculine side. I realized, then, that I was a cis gay man who loved the feminine within me. When I began producing work in the visual arts, I continued my experiences in life and theater, presenting themes of gender, sexuality, memory, and political art through embroidery. Art, for me, is a very powerful vehicle for human reflection. It shapes what we imagine, what we feel, and the possibilities of existence outside the conventional standards of today's capitalist society. Therefore, art paves the way for a more tolerant society that embraces diversity.

Bordados da série Desabrochar, 2021.
Embroideries of the Blossom series, 2021.



enriquecimento de uma única ala dentro dos movimentos identitários, acredito que não seja nem mesmo uma homenagem, é um desserviço generalizado e não funciona como aliança, porque a exclusividade acrítica, aliada a lideranças frágeis, é campo fértil apenas para a reprodução da violência.

No final, cabe às pessoas, no poder de decisão, saberem se posicionar perante os próprios equívocos quando ocorrerem e terem a coragem de bancar assuntos em disputa social como a questão da transgeneridade. Se um artista cis produz arte sobre corpos transgênero de modo colaborativo, tem um pensamento alinhado com alguma das várias alas do transativismo e da vivência trans, ou apenas é alguém com curiosidade – e porque não, até um certo grau comedido, de fetichismo – não há senão ganhos, ao menos no campo do debate, em expor essas obras.

Não sabemos se esses artistas ainda serão cisgêneros amanhã. Vivemos muitas dicotomias, uma obra não é o seu autor, uma obra é um corpo no mundo tentando dar sentido a si mesma.

<T>

follows suit. Inclusion is not true when it aims to enrich a single wing within identity movements. I believe it isn't even a tribute; it's a widespread disservice and doesn't work as an alliance, because uncritical exclusivity, combined with weak leadership, is only fertile ground for the reproduction of violence.

Ultimately, it's up to those in power to decide how to position themselves when faced with their own mistakes and to have the courage to address issues of social dispute, such as transgenderism. Whether a cis artist collaboratively produces art about transgender bodies, aligns their thinking with one of the various wings of trans activism and trans experience, or is simply curious—and, why not, to a certain degree, fetishistic—there are only benefits, at least in the realm of debate, in exhibiting these works.

We don't know if these artists will still be cisgender tomorrow. We live in many dichotomies; a work is not its author; a work is a body in the world trying to make sense of itself.

<T>

-  Caio Borges
-  Davi de Lacerda
-  Diogo Santos
-  Edu Devens
-  Gustavot Diaz
-  João Paulo
-  Otavio Oliveira
-  Paulo du'Sanctus
-  Rafael Dambros
-  Rosângela Gayu
-  Thiago Prado
-  Tolentino Ferraz
-  Wagner Vidal



Tudo certo! Cada item da lista estava no carrinho que deslizava pelos corredores e ele acelerou até parar na melhor fila. A fila possível de um estabelecimento quase lotado, perto do dia de pagamento. “PRÓÓÓXIMO!” – gritou a caixa uniformizada como todas as outras colegas: cabelo pra trás preso em coque, rosto com maquiagem de leve, uniforme azul escuro e a logo do estabelecimento. Era meio-dia em ponto, momento do Angelus no supermercado Global, que seguia a liturgia católica e obrigava todes sés cobaloradores, cristanes ou não, macumbeires ou não, agnóstiques ou não, a fazer uma breve pausa em reverência àquele amontoado de palavras solenes que pouques entendiam ou que não faziam a menor questão de entender. Antes da abertura e do fechamento do estabelecimento ao público, geral era obrigade a rezar o Pai-Nosso e, às seis da tarde, a Ave-Maria. Fazia parte do trampo e a ninguém era permitido negar àquele a(u)to de fé.

Edu aproximou-se e disse: “Tenho cadastro, ok?” Economizaria alguns centavos associando as compras ao seu CPF. Soma o iogurte, mais o milho de pipoca, mais o sabonete, mais o papel toalha, mais a banana, mais a maçã, mais o desinfetante, mais o leite em pó, mais o pão... “Deu tantos reais, senhora!” – falou a moça do caixa. Edu indignou-se em silêncio, mais calado que um concurseiro tentando focar na prova da sua vida. Procurou pela tal da “senhora” em si mesmo, viu seus esforços de se vestir da maneira mais masculina possível irem por água abaixo, mas não se conformava que ainda fosse confundido desse jeito mesmo com tantos pelos no buço. Vamos combinar? Já era um protobigode bem visível e aquilo soava pra ele como a mais pura prova de má vontade. Ficou tão nervoso que não conseguia lembrar a senha de débito na sua conta corrente. A fim de evitar o bloqueio do cartão, pediu pra transação ser cancelada. Pagaria por pix porque era só aproximar o QR Code e pronto!

Clicou no aplicativo do Banco do País no seu celular e ao apontar a câmera para o código de pagamento na tela com o valor total das compras, abriu uma janela pop-up pedindo para atualizar o programa do banco. “QUE HORA MAIS INCONVENIENTE PRA ATUALIZAR ESSA DROGA!” – Edu disse em voz alta a si mesmo, à caixa e voltando-se, sem graça, à fila de clientes amontoades atrás delu. Agora era só seguir o passo-a-passo bem explicadinho na tela: era preciso tirar uma foto colocando o rosto dentro da moldura oval. Isso, isso! Aproxime o rosto da tela, afaste o rosto da tela e... vamos lá, vamos lá! “Enviando os dados de reconhecimento facial para a nossa central e uma empresa autenticadora independente, e...”

Os segundos pareciam uma eternidade até que Edu lê a seguinte mensagem do banco: “Prezado cliente, desculpe, mas não conseguimos identificar seus dados. Por favor, repita a operação”. E abre a câmera de novo, coloca o rosto dentro da moldura oval, aproxima, afasta, afasta, aproxima, vira de um lado, vira do outro... Nada, nada! Edu não consegue pagar as compras e, a essa altura, o gerente do Global já estava por ali perguntando o porquê dele estar usando o cadastro de Helena Dias. Quem era Helena Dias? Pediu pra Edu digitar de novo o seu CPF: 123.456.789 e pi-pi-pi! “Senhor, esse CPF está em nome de Helena Dias. Ela é a sua esposa? (UFA, PELO MENOS O GERENTE ESTAVA TRATANDO EDU NOMASCULINO!) Helena é sua irmã? Sua tia, sua amante? Por que o senhor não faz o cadastro com a gente e já aproveita as promoções agora mesmo? Vai pagar como, hein, meu consagrado? Aceitamos débito, pix e dinheiro”. Enquanto isso, já era a terceira e última vez que o aplicativo do banco não finalizava o reconhecimento facial de Edu e apitava cada vez mais alto pi-pi-Pi, pi-PI-PI, PI-PI-PI e CABUM!!! “ATENÇÃO, O BANCO DO PAÍS INFORMA: SEU GÊNERO É INDETECTÁVEL!” Gênero indetectável. Indetectável...



“Senhora, isso é falsidade ideológica, isso é crime! Por que está tentando se passar por Edu? Por que acha que é Helena?” A fila atrás de Edu se avolumava mais e mais, até que a última cliente berrou bem alto “Essa porra é maluca, é doente! Tira logo esse troço daí, temos mais o que fazer... ela acha que é homem, mas é mulher, entenderam? Olha esse boné com a bandeira trans, eu tô reconhecendo! A gente não tem nada a ver com essa ideologia de gênero aí, só queremos comprar nossas coisas e ir embora pra casa, MOÇAAA...” O gerente convidou a dona Edu a sair. Convidou o senhor Helena a retirar-se. Não poderia admitir uma atrocidade dessas naquele estabelecimento deveras familiar.

Edu não era familiar, não tinha família. Mesmo que em seu RG constasse seu nome social masculino (Eduardo Dias), mesmo que em sua nova certidão de nascimento constasse seu mais recente nome de registro civil não binária (Julien Dias), mesmo com camisa social de botão e calça alfaiatada com pregas, mesmo com botinas pretas tratoradas, mesmo com o packer avolumado marcando a região púbica, mesmo com o bigodinho, os pelinhos abaixo do lábio inferior e em volta do queixo, mesmo com a sua pinta de amante latino, mesmo com as leis, mesmo com as decisões do Supremo, mesmo com tanta malhação pra aumentar os músculos dos membros superiores, mesmo com o efeito da testosterona engrossando a sua voz, mesmo com o perfil do MomentGram indicando as suas preferências pelos pronomes “ele/elu”, mesmo com tudo isso... nada importava!

Edu era dodói, Edu era CID F64.0... “Alto lá, dodói é o escambau! Doente, não!!!” Edu era incongruente de gênero, maníaco de gênero, pirata de gênero, desistente de gênero, traidor de gênero... Igualzinhe a todas as outras pessoas que, como ele, também não tiveram sucesso no reconhecimento facial nos aplicativos bancários,

nas carteiras digitais de habilitação, nos títulos eletrônicos de eleitor. Edu era como todas as pessoas trans que fazem de tudo para obter algum resto de legitimidade social de acordo com seu gênero, que viram o mundo de cabeça para baixo para atender protocolos infundáveis e, mesmo assim, serem alvo de chacota, de ódio transfóbico, de assassinatos com requintes de crueldade, de risadinhas ao virarem as costas no recanto do café das repartições.

Corpos trans, apenas corpos sem subjetividade. Qualquer suposta falha em seus processos de subjetivação que não corroborasse o gênero que teimavam em dizer de si mesmas, era tida como a prova cabal e definitiva de sua confusão mental, da sua incongruência de gênero, vulgo CID F64.0. Edu, Edu... De que adianta tudo isso, meu caro? Tanta injeção de T na região ventroglútea alternando entre as nádegas e ontem mesmo, naquela balada desconstruidinha, a mina disse que desconfiava que você era trans, sim, por causa do seu “olhar feminino”. Ela cis soube que você era um cara trans um segundo depois que você anunciou o seu segredo. Sim, sim! Só podia ter algo de errado...

Hoje, foi só uma ida ao mercado, uma bobagem qualquer. Edu era incapaz de chorar e prometeu não sucumbir àquela crueldadezinha de gênero sem importância de pessoas cis sem noção. Virou mais uma noite de insônia, um tanto de taquicardia, uma pitadinha de pânico, meia colher de sopa de automutilação e 3 ml de ideiação suicida. Lágrimas que é bom? Nada! Lembrou que seu gênero era indetectável pra plataforma digital dos bancos, mas hipervalorizado nos aplicativos de pegação repletos de homens cisgênero. Entrou no Findr, precisava dar a buceta antes que implodisse de tanta raiva. Pedacos das vísceras transgênero de Edu ficariam espalhadas por todos os cômodos do seu local, tipo num filme de Tarantino. Ao

contrário do que a mocinha cis falou, pros caras lá do Findr, tanto o olhar quanto a buceta de Edu eram beeeeeem masculinas!

Edu era omem pra caramba, ainda que sem a letra agá. Era macho cromozona XX. Muito mais destemido e abusadinho agora do que quando era lido como mulher, fazia questão de manter aquela pesada barra de ferro atrás da porta – um dos seus apetrechos de defesa pessoal dos tempos de “fêmea humana”, como se diz no linguajar das radfems –, para caso de algum babaca forçar algo além do seu consentimento. Mas a verdade é que Edu não tinha ideia do que

consentir e mal sabia o que queria. Não esperava nada na vida além de barba, não conhecia direito o seu desejo. Só afirmava “Sim, sim! Fulano pode subir...” pro porteiro que sempre interfonava pro seu apartamento altas horas da madrugada.

Edu abriu a porta como um foguete, saiu beijando o marmanjo que se materializou na frente dele e disse: “Tive um dia de merda do caralho, então, me faz um favor? Quando gozar, fala meu nome! Geme meu nome social e depois dá o fora daqui, valeu?!”

<T>



Imagem criada por IA.

Undetectable Gender

All right! Every item on the list was in the cart, gliding through the aisles, and he sped along until it stopped at the best possible line – at a nearly packed establishment, close to payday. “NEEEXT!” shouted the cashier, uniformed like all her colleagues: hair tied back in a bun, face lightly made up, dark blue uniform, and the establishment’s logo. It was noon sharp, time for the Angelus at the Global supermarket, which followed Catholic liturgy and obliged all those present, Christian or not, Macumbeers or not, agnostic or not, to pause briefly in reverence to that jumble of solemn words that few understood or cared less about. Before opening and closing the establishment to the public, everyone was required to pray the Our Father and, at six o’clock, the Hail Mary. It was part of the job, and no one was allowed to deny that “act of faith”.

Edu approached and said, “I’m registered, okay?” He’d save a few cents by associating his purchases with his social security number. Add up the yogurt, plus the popcorn, plus the soap, plus the paper towels, plus the banana, plus the apple, plus the disinfectant, plus the powdered milk, plus the bread... “It came to so many reais, ma’am!” said the cashier. Edu was silently indignant, quieter than a civil service exam candidate trying to focus on the test of his life. He searched for the “ma’am” in himself, saw his efforts to dress as masculine as possible go down the drain, but he couldn’t accept that he was still mistaken for that, even with so much hair on his upper lip. Let’s face it? It was already a very visible proto-mustache, and that seemed to him like the purest proof of ill will. He was so nervous he couldn’t remember the debit PIN for his checking account. To avoid having his card blocked, he asked for the transaction to be canceled. I would pay by Pix because I just had to bring the QR Code closer and that was it!

He clicked on the Country Bank app on his phone and, pointing the camera at the payment code on the screen with the total purchase amount, a pop-up window opened asking him to update the bank’s software. “WHAT AN INCONVENIENT TIME TO UPDATE THIS DAMN THING!” Edu said out loud to himself, to the cashier, and also, awkwardly, to the line of customers crowded behind him. Now all he had to do was follow the clearly explained steps on the screen: he needed to take a photo by placing his face inside the oval frame. That’s it! Bring your face closer to the screen, move your face further away, and... There you go, there you go! “Sending the facial recognition data to our central office and an independent authentication company, and...”

The seconds seemed like an eternity until Edu read the following message from the bank: “Dear customer, we’re sorry, but we were unable to identify your data. Please repeat the operation.” He opens the camera again, places his face within the oval frame, zooms in, zooms out, zooms out, zooms in, turns this way, and turns that way... And nothing, nothing! Edu can’t pay for his purchases, and by this point, the Global manager was already there, asking why he was using Helena Dias’ registration. Who was Helena Dias? He asked Edu to enter his social security number again: 123.456.789, and beep-beep-beep! “Sir, this number is in the name of Helena Dias. Is she your wife? (WHEW, AT LEAST THE MANAGER WAS ADDRESSING EDU AS A MASCULINE!) Is Helena your sister? Your aunt? Your lover? Why don’t you



register with us and take advantage of the promotions right now? How are you going to pay, huh, my dear? We accept debit, Pix, and cash.” Meanwhile, this was the third and final time that the bank’s app failed to complete Edu’s facial recognition and beeped louder and louder, beep-beep-beep, beep-beep-beep, beep-beep-beep, and KABOOM!!! “ATTENTION, THE BANK OF THE COUNTRY INFORMS: YOUR GENDER IS UNDETECTABLE!” Undetectable gender. Undetectable...

“Ma’am, this is ideological falsehood, this is a crime! Why are you trying to impersonate Edu? Why do you think you’re Helena?” The line behind Edu grew longer and longer, until the last customer screamed loudly, “This bitch is crazy, she’s sick! Get that thing out of there, we have better things to do... she thinks she’s a man, but she’s a woman, understand? Look at that cap with the Trans flag, I recognize it! We have nothing to do with this gender ideology, we just want to buy our things and go home, GIRL...” The manager asked Ms. Edu to leave. He asked Mr. Helena to leave. He couldn’t tolerate such an atrocity in that truly family-run establishment.

Edu wasn’t familiar, he had no family. Even though his ID card listed his male social name (Eduardo Dias), even though his new birth certificate listed his most recent non-binary civil registration name (Julien Dias), even though he wore a button-down shirt and pleated tailored pants, even though he wore black tractor boots, even though his bulging packer pants marked his pubic area, even though he had a mustache, the hairs below his lower lip and around his chin, even though he looked like a Latin lover, even though the laws, even though the Supreme Court rulings, even though he worked out so hard to build muscle in his upper limbs, even though the testosterone deepened his voice, even though his MomentGram profile indicated his preference for “he/they” pronouns, even with all this... nothing mattered!

Edu was cuckoo, Edu was ICD F64.0... “Hold on, cuckoo is bullshit! Sick, no!!!” Edu was gender incongruent, a gender maniac, a gender pirate, a gender dropout, a gender traitor... Just like all the other people who, like him, also failed facial recognition in banking apps, digital driver’s licenses, and electronic voter registration cards. Edu was like all the trans people who do everything they can to obtain some shred of social legitimacy according to their gender, who turn the world upside down to comply with endless protocols and, even so, are the target of ridicule, transphobic hatred, murders with exquisite cruelty, and snickers when they turn their backs in the corner of the office coffee shop.

Trans bodies, just bodies without subjectivity. Any supposed flaw in their subjectivation processes that didn’t corroborate the gender they insisted on claiming for themselves was taken as conclusive and definitive proof of their mental confusion, their gender incongruence, aka ICD F64.0. Edu, Edu... What’s the point of all this, my friend? So many T injections in the ventrogluteal region alternating between the buttocks, and just yesterday, at that deconstructed party, the girl said she suspected you were Trans, yes, because of your “feminine gaze.” She knew you were a Trans guy a second after you announced your secret. Yes, yes! There had to be something wrong...



Imagem criada por IA.

Today, it was just a trip to the grocery store, a trivial matter. Edu couldn’t cry and promised not to succumb to that petty gender-based cruelty from clueless cis people. It turned into another sleepless night, a tachycardia, a pinch of panic, half a tablespoon of self-harm and 3 ml of suicidal ideation. Were there some tears? Nothing! He remembered that his gender was undetectable on banks’ digital platforms, but overvalued on hookup apps full of cisgender men. He logged onto Findr, needing to give up his pussy before he imploded with rage. Pieces of Edu’s transgender viscera would be scattered throughout the rooms of his place, like in a Tarantino film. Contrary to what the cis girl told the guys at Findr, both Edu’s gaze and pussy were very masculine!

Edu was a real man: a male chromozone XX. Much more fearless and brazen now than when he

was read as a woman, he made a point of keeping that heavy iron bar behind the door – one of his self-defense tools from his days as a “human female,” as radfems call it – in case some jerk forced something beyond his consent. But the truth is, Edu had no idea what he consented to and barely knew what he wanted. He expected nothing in life beyond a beard; he didn’t really know what he wanted. He would just say, “Yes, yes! John Doe can come up...” to the doorman who always called his apartment in the wee hours of the morning.

Edu opened the door like a rocket, came out kissing the hunk that materialized in front of him and said: “I had a really shitty day, so, do me a favor? When you cum, say my name! Moan my social name and then get out of here, okay?!”

<T>



Bruna Kury

Série Escorpiônica
tela de metacrilato, 2020.

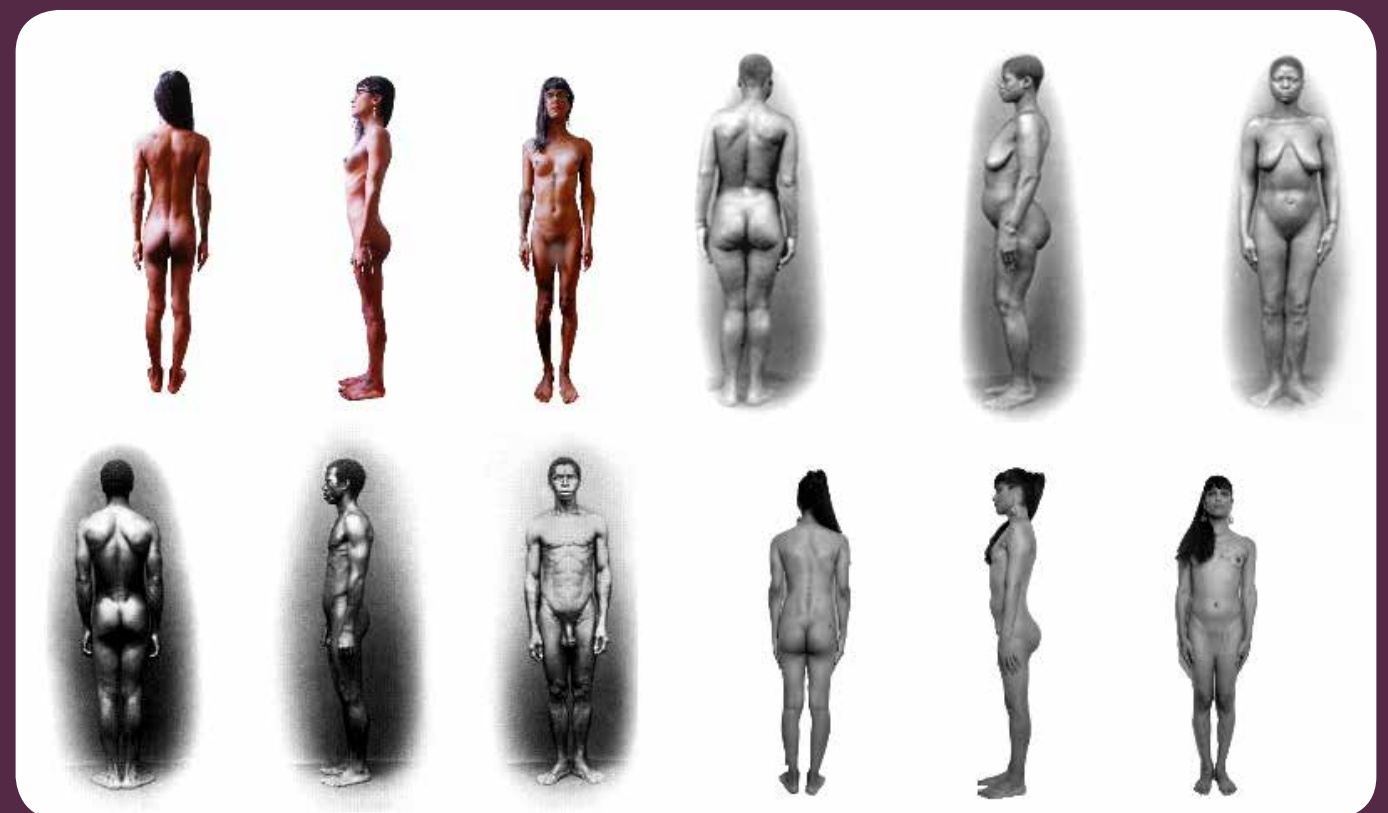
Scorpionik serie
methacrylate screen, 2020.

Bíblia
objeto, 2019.

Bible
object, 2019.

Fotografia
Antiantropométrica
II
imagem digital, 2023.

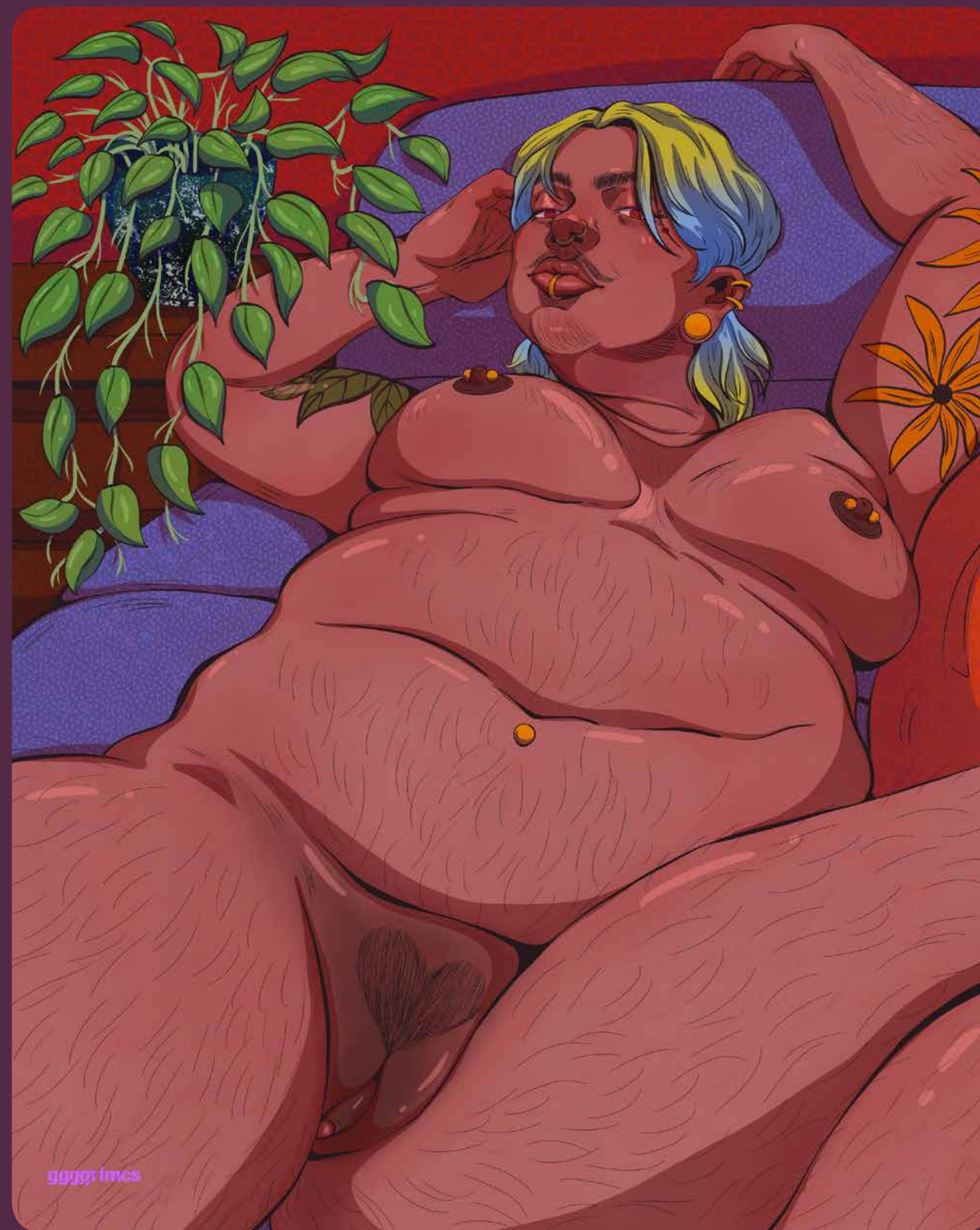
Antianthropometric
Photography II
digital image, 2023.





Theodoor Grimes
Querido Trancestral
ilustração digital, 2024.

Dear Trancestor
digital illustration, 2024.



Descanso
ilustração digital, 2023.

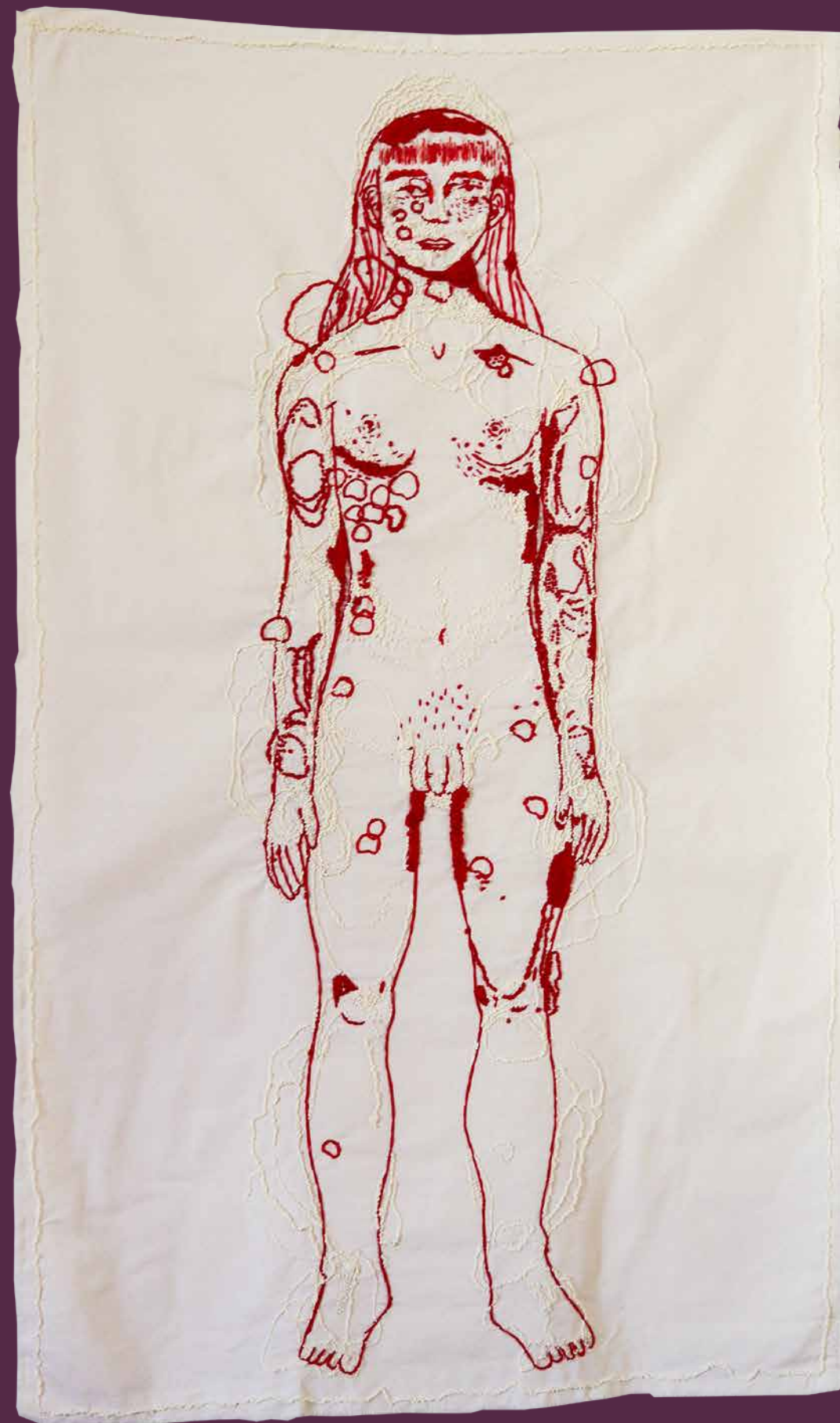
Rest
digital illustration, 2023.



Naomi Shida

Alimentando aqueles que desejam a minha morte
bordado, costura e miçangas sobre lona e tecido de algodão cru, 2024.

Feeding those who wish me dead
embroidery, sewing and beading on canvas and raw cotton fabric, 2024.



Passagem, o atravessar do corpo
bordado e costura sobre tecido de algodão cru, 2021.

Passage, the crossing of the body
embroidery and sewing on raw cotton fabric, 2021.



Poleo Painemal

Intimidade 1

esmalte sobre tela, 2024.

Intimacy 1

water-based enamel on canvas, 2024.



Intimidade 2

esmalte sobre tela, 2024.

Intimacy 2

water-based enamel on canvas, 2024.

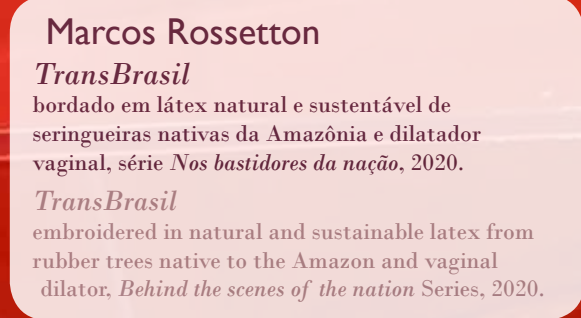


Rafaela Moreira

Juntas na quebra
acrílica e óleo sobre tela, 2024.
Série *Quebras*.

Together in the hood
acrylics and oil on canvas, 2024.
Hood series.





TransBrasil

TransBrasil

embroidered in natural and sustainable latex from rubber trees native to the Amazon and vaginal dilator, *Behind the scenes of the nation* Series, 2020.





Esta obra recebeu o prêmio “Escolha da Curadoria” no 4º Festival Vórtice (São Paulo, 2025).



Zaia Angelo

Origem
técnica mista sobre papel,
2023.

Origin
mixed media on paper,
2023.

Ela
acrílica sobre tela, 2024.

She
acrylics on canvas, 2024.

Virgem Maria
acrílica sobre tela, 2024.

Virgin Mary
acrylics on canvas, 2024.



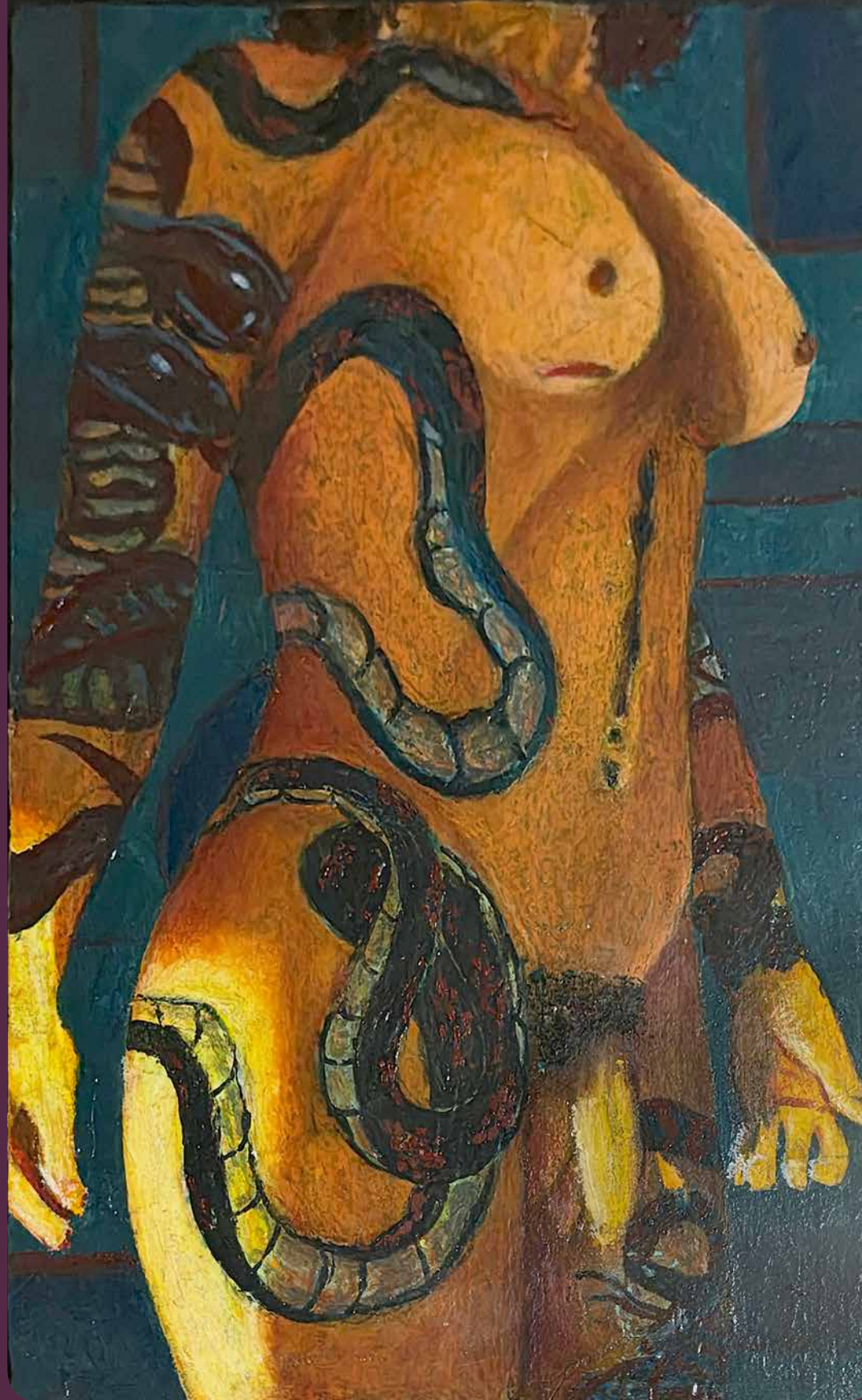
Esta obra foi censura em duas exposições (em Goiânia e em Londrina), porém indicada a uma premiação de arte em Portugal.



Paulx BixaPutá

Cruz
fotografia impressa em
lona, 2015.

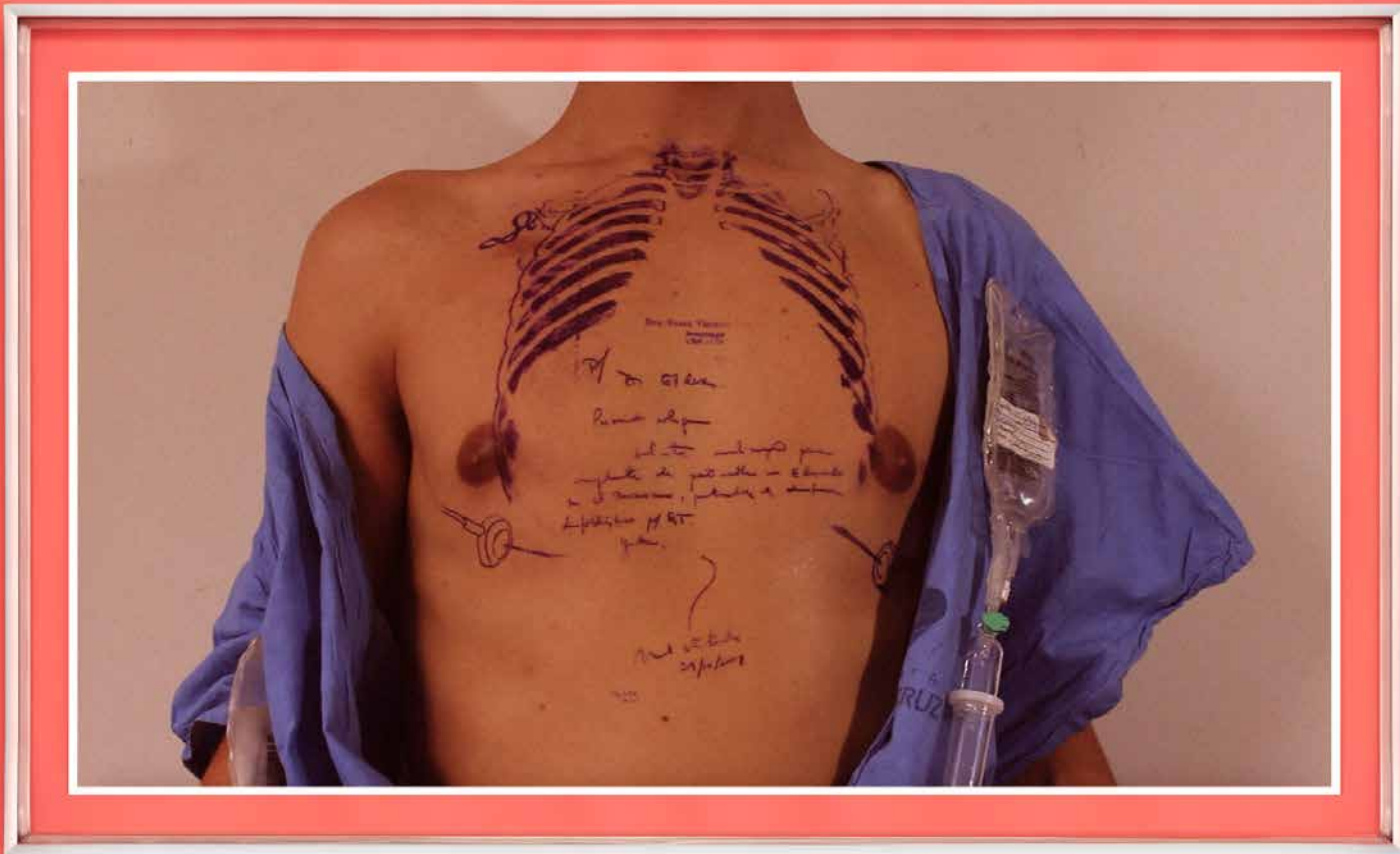
Cross
photograph printed on
canvas, 2015.



Yara Mangabeira

Ô bixo feio, você nunca vai ser mulher
óleo e pastel oleoso sobre papelão, 2025.

Hey ugly creature, you'll never be a woman
oil and oil pastel on cardboard, 2025.



Uma das Rosas

Tudo para mim virou saudade
impressão fine art sobre papel Hahnemühle Photo Rag 308g (foto: Julia Thompson), 2024.

I miss it all
fine art print on Hahnemühle Photo Rag 308g paper
(photo: Julia Thompson), 2024.



Gio Gonçalves

Autorretrato aos 30
óleo sobre tela, 2024.

Self-portrait at 30
oil on canvas, 2024.

Terra pura, água doce:

*Quem ouve atentamente
o cochichar das águas
há de receber seus conselhos
quando nelas lavar a alma.*

*Não tem segredos que o rio
não guarde,
nem dor que o rio não leve.*

O rio é lar de toda verdade.

*A natureza não veste
máscaras.*

*Adentrar no coração da
floresta revela a selva que
em mim habita.*

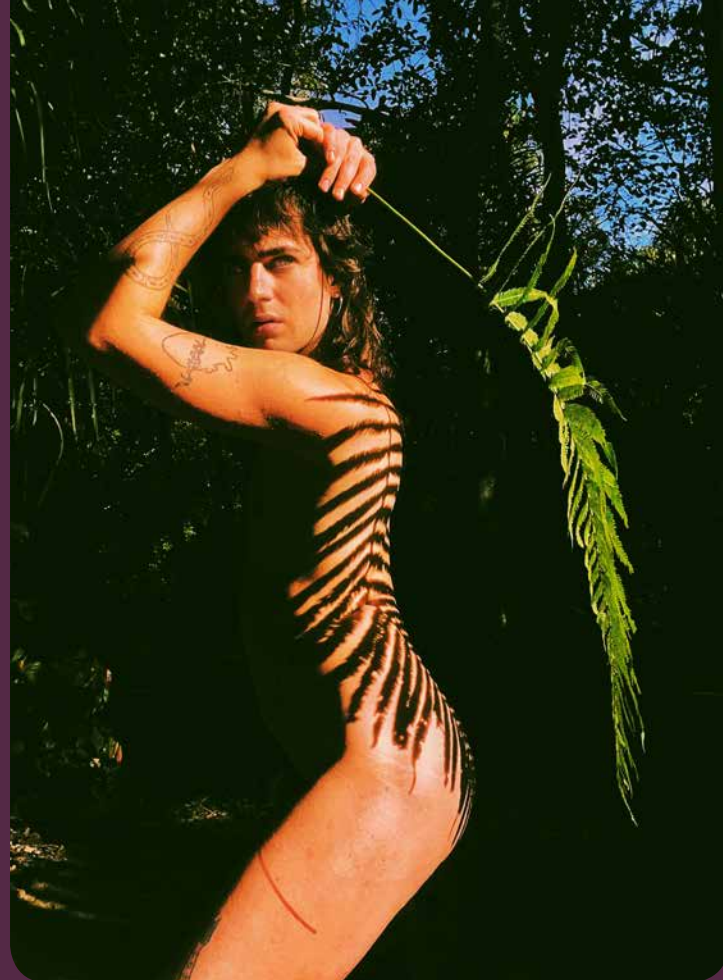
*Estou em casa,
por dentre pedras,
musgos e plantas,
sou criança.*



Tui Boaventura

Série *Terra Pura*
fotografia digital, 2025.

Pure Land Series
digital photography, 2025.



O vocabulário do corpo
não cabe no dicionário.

@TUI_BOAVENTURA



Teresa Brisa

As três travesties
bordado sobre tecido, 2023.

The three travesties
embroidery on fabric, 2023.

ARQUIVO TRANSFORMISTA



FOMENTO

PROAC
SP

REALIZAÇÃO

CULT
SP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

moNumento TRANS



Eddy (autorretrato/self-portrait)

www



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

